



SOIANE GOMES PAULA



# ARROMBA CHÃO QUE ANIMA O SALÃO,

QUADRILHA DE SÃO JOÃO!

MEMÓRIAS, DANÇAS E TRANSFORMAÇÕES  
DAS QUADRILHAS JUNINAS EM SALVADOR

editora  
ARROMBA  
CHÃO

**Soiane Gomes Paula**

**Arromba chão que anima o salão,  
quadrilha de São João!**

Memórias, danças e transformações das  
quadrilhas juninas de Salvador

Salvador  
Arromba Chão  
2021

Capa  
**Natália Almeida**  
Diagramação e Revisão  
**Aline Lucena**

**Dados Internacionais da Catalogação na publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Paula, Soiane Gomes  
Arromba chão que anima o salão, quadrilha de São João! [livro eletrônico] : memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas de Salvador / Soiane Gomes Paula. -- 1. ed. -- Salvador: Arromba Chão, 2021.

PDF

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Amélia Vitória de Souza Conrado

Coorientador: Prof. Dr. Laudemir Pereira dos Santos

ISBN 978-65-00-17998-9

1. Danças folclóricas - Brasil 2. Danças populares - Brasil 3. Festas juninas - História 4. Memórias 5. Quadrilha (Dança) - Salvador (BA) - História 6. Pesquisa I. Título.

21-57764

CDD-394.30981

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil : Danças folclóricas : História 394.30981  
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

# AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha *matrilinearidade*, os óvulos que me trouxeram ao plano material: minha mãe **Ana Carmen Bezerra Gomes**, minha avó **Maria Geny Brito Bezerra**, minha bisavó **Anna Brito** (em memória), minha trisavó **Anésia Duarte de Brito** (em memória); à minha tia, quase mãe, **Ellen Christie Brito Bezerra**, por me apoiar, me ouvir, me falar, me ensinar tanto e ser a certeza de um porto seguro.

Agradeço a minha mãe adotiva **Joselita Nascimento Amorim** (em memória) por sempre incentivar os meus estudos, mostrando que este seria o caminho para a independência, autoestima e realização pessoal e nunca me empurrou para o casamento. Por vibrar junto comigo quando éramos apenas espectadoras dos concursos televisivos de quadrilhas juninas, por me incentivar sempre e muito mais ao me tornar brincante e dançarina profissional.

Agradeço a minha professora primária, a inesquecível, **Geane Moura Braga Conceição** (em memória), que também me adotou aos 7 anos de idade e me deu a oportunidade de crescer no convívio de uma família preta, me tornando uma pessoa melhor e ampliando minhas possibilidades culturais.



Agradeço ao meu primeiro Mestre das Artes Cênicas **Paulo César Barros**, aquele que me colocou no palco como atriz pela primeira vez aos 14 anos, que me apresentou o valor da cultura popular brasileira, o Teatro de Rua, a Literatura de Cordel, os textos de **Abdias Nascimento**, a riqueza da filosofia dos orixás e me iniciou no Candomblé com carinho e muito respeito.

Agradeço ao meu primeiro presidente de quadrilha **Seu Vavá da Villah**, ao meu primeiro coreógrafo **Paulo Ornellas**, às minhas primeiras amigas quadrilheiras **Elivânia da Villah** e **Sandra Ornellas**, que me iniciaram na arte de dançar quadrilha: bater o pé, rodar a saia, curvar o tronco, jogar o cabelo e sorrir (tudo ao mesmo tempo), ao meu primeiro parceiro Ataíde, todos na Quadrilha Junina Santa Rita do Passaquatro.

Agradeço à **Família Chaves** e todos os brincantes da **Quadrilha Forró Asa Branca** por terem sido minha escola e minha família por vinte anos consecutivos, por terem me recebido ainda uma menina e terem colaborado na minha formação pessoal e profissional.

Agradeço ao meu Mestre de Dança Afro-Contemporânea **Jailson Purificação** (em memória), que enxergou em mim algum talento e me convidou a fazer parte da última formação da extinta Cia de Dança Olodum, me abrindo outros horizontes na dança de expressão negra.

Agradeço ao grupo junino adulto mais antigo em atividade em Salvador, a **Quadrilha Forró do ABC**, toda a diretoria e seus brincantes, por terem me recebido com tanto carinho e por ter valorizado minha trajetória quando me escolheu para ser a Noiva, acreditando no meu potencial e me ensinando que "fundamental é ser feliz!"

Agradeço à minha queridíssima professora, Mestra e orientadora **Amélia Conrado** pela confiança e valorização na minha pesquisa, pelo respeito à minha trajetória brincante, por abrir e mostrar caminhos metodológicos, por potencializar ainda mais este tema, nunca antes abordado na Bahia e em Dança, se tornando coautora junto comigo.

Agradeço o olhar sensível e atento, as contribuições nas leituras em francês e por ter comprado a ideia da presença "coreocênica" da quadrilha junina na Pós-Graduação em Dança, do professor e coorientador **Lau Santos**; o carinho, o respeito e o cuidado da querida professora **Alexandra Dumas**, um doce de pessoa, com colocações precisas e cheias de detalhes que enriqueceram minha caminhada; ambos por terem aceitado participar da minha banca de qualificação.

Agradeço à generosidade, simpatia e respeito da professora **Luciana Chianca**, autoridade nas pesquisas sobre quadrilhas juninas; à rigorosidade, observação

atenta e carinhosa, da professora **Lenira Rengel**, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Dança/UFBA, ao aceitarem fazer parte da minha banca de defesa.

Agradeço aos meus filhos: **Caíque Gomes**, que desde o meu ventre dançou quadrilha junto comigo e nasceu na família Asa Branca, por ter sido meu companheiro sempre, meu incentivo e minha superação diária; **Ewê Gomes**, por me dar a oportunidade de ensinar/aprender tudo de novo com gostinho de renovação, por ter se encantado com a dança, a música e as rodas das saias, me estimulando assim a permanecer e transmitir tudo o que sei, o que amo e acredito, pra que ela seja melhor do que eu consegui ser.

Agradeço ao nosso eterno presidente **Luiz Inácio Lula da Silva** e nossa querida presidenta **Dilma Vana Rousseff**, por terem transformado esse país numa possibilidade de renovação, inclusão e reparação, principalmente no campo da Educação, através das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, sua aplicação e seus desdobramentos em âmbito nacional, pelo sistema de cotas étnico-sociais e pela valorização do SUS<sup>1</sup> e da universidade brasileira.

Agradeço à **CAPES**<sup>2</sup> pela concessão da bolsa para a realização desta pesquisa, mesmo que minha turma

---

<sup>1</sup> Sistema Único de Saúde.

<sup>2</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

tenha sido a última a ser contemplada com este benefício, antes dos retrocessos que se sucederam no nosso país.

Agradeço e saúdo toda a minha turma do Mestrado 2018, guerreiros da Dança: **Bruno de Jesus, Carolina Santos, Cynthia Colombo, Daiane Nonato, Guêgo Anunciação, Hildegarda Sampaio, Jefferson Figueirêdo, Leonardo Chagas, Leonardo França, Meg Seixas, Morena Nascimento, Natureza França, Pâmela Rinaldi, Paula Sacur, Priscila Pontes, Robson Correia, Sidney Oliveira, Sissi de Melo, Victor Bastos, Victor Hugo Portela, Thaynã Mota, Thiago Santana, William Gomes, Zelia dos Santos**, por tantas pesquisas potentes e necessárias.

# PREFÁCIO

**Amélia Conrado<sup>3</sup>**

A obra *Arromba Chão que anima o salão, quadrilha de São João! Memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas em Salvador* vibra igual a uma fogueira acesa em noites juninas, como nas tradições e culturas das pessoas dos interiores, cidades e comunidades da região nordeste do Brasil.

"A fogueira está queimando, em homenagem a São João, o forró já começou e vamos gente, arrasta pé neste salão", do grande Mestre Luiz Gonzaga, cantou um vasto repertório, sob os quais as quadrilhas juninas são fonte de sua inspiração. E é num empolgante ritmo que conclamo os/as leitores/as desta obra para adentrar nas histórias aqui narradas, letras de músicas, fotografias, depoimentos de mestras e mestres desse rico segmento artístico-político-educativo e cultural, que em seu curso histórico, (re)inventam formas de responder às dinâmicas, contextos, ideologias e conjunturas em que

---

<sup>3</sup> Professora Doutora da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia. Membro dos Programas de Pós-Graduação em Dança (PPGDança) e Mestrado Profissional em Dança (PRODAN). Líder do GIRA: grupo de pesquisa em culturas indígenas, repertórios afro-brasileiros e populares. Ativista do Movimento Negro.

estamos submetidos. Sendo assim, sujeito às contradições.

Através de uma escrita criativa, o livro entrelaça a vida e o trabalho ativo da autora Soiane Gomes, que faz emergir com detalhes, muito rigor e responsabilidade acadêmica, social, comunitária e profissional, os dados que dão origem ao lastro conteúdo desta importante "oralitura". Nos seus 26 anos de trajetória e participação ativa no movimento das Quadrilhas Juninas, na cidade de Salvador (Bahia) e nos lugares em que ela foi e vai com esse segmento artístico e cultural, Soiane se revela como intérprete, dançarina, pesquisadora, produtora, ensaiadora e tantas outras funções que só o ativismo e a militância nos convoca.

"Olha isso aqui tá muito bom, isso aqui tá bom demais, olha, quem tá fora quer entrar, mas quem tá dentro não sai". As palavras de outro grande Mestre e músico do Forró e do Baião, o ilustre Dominginhos, nos chama a atenção para os caminhos trilhados pelo povo negro no contexto da realidade brasileira e sua ancestralidade africana recriada em seus modos de vida, de festejar seus rituais, de camuflar – a depender da época – e de enveredar os modelos impostos pela dinâmica moderna da contemporaneidade.

O caminho histórico das Quadrilhas Juninas é de deslocamentos, entrecruzamentos geopolíticos e

geoartísticos, uma tradição que certamente origina-se de comunidades tradicionais e foi abduzida por nobres das cortes europeias. Ao chegar no Brasil colônia é apreendido e (re)significado pelas comunidades africanas ao curso da história, cujos se tornam os legítimos agentes desse protagonismo – seja nos bairros populares ou nas cidades interioranas, em que muitas estruturas e pessoas vem beber dessas fontes!

Um amálgama que entrecruza danças, ritmos, costumes, sociabilidades, cores, vestimentas, objetos, teatralidades expressas e potencializadas enquanto celebrações e festas de São João, São Pedro, não só na região Nordeste, mas expandida para outros lugares e aqui está expresso na qualidade das informações que este livro possui.

A obra constrói um referencial teórico-metodológico pautado nas contribuições da vasta experiência da autora no campo, em um diálogo que articula as áreas da Dança, Cultura, Educação, Artes Cênicas, Antropologia. Considero que ela inaugura um novo tempo na história da pesquisa em Dança do Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia, em que assumi a orientação da pesquisadora e contamos com a generosidade e contribuição de ilustres professores que se dedicaram ao processo, em que citamos o Prof. Dr. Lau Santos, a Profa. Dra. Alexandra Dumas (UFS), a Profa. Dra. Luciana Chianca (UFPB) e a Profa. Dra. Lenira Rengel (UFBA).



A experiência da autora como militante e participante ativa das Quadrilhas Juninas colabora à compreensão de complexidades, críticas e de busca por soluções aos problemas que se referem às mudanças e impactos dos efeitos do capitalismo, modernização, espetacularização e competitividade neste fazer, o que vem resultando na extinção de muitos grupos de Quadrilhas Juninas em Salvador e região Metropolitana. Em vista disso, o fluxo da pesquisa impulsionou a criação do I Fórum de Quadrilhas Juninas, em que Soiane congregou os diferentes núcleos do segmento artístico das Quadrilhas a se articularem para repensar caminhos, estratégias e outras formas organizativas, capazes de eliminar as "ciladas" e os mecanismos da opressão que o modelo capitalista engendra sobre nossas sociedades – onde muitos se encontram vulneráveis e em situação de desigualdade e abandono.

Torna-se imprescindível e inadiável criarmos meios de organização social com compromisso à qualidade da informação, a fim de que se possa (re)posicionar as artes e as culturas, sobretudo aquelas que são relíquias como as Quadrilhas Juninas – cujo reúnem diversidade de pessoas, localidades e modo criativo de produção. É neste sentido que a obra clama por políticas públicas para o referido segmento artístico-cultural.

Itacimirim, Bahia, outono de 2021.

# Quadrilhas juninas de Salvador: cidades, movimentos e trajetórias

Luciana Chianca<sup>4</sup>

Imagine Salvador!

Carnaval, luz intensa, povo negro, danças, culinárias e músicas afro-brasileiras... Talvez você pense no universo religioso que tem os terreiros como referência, com suas mães e pais de santo mais ou menos famosos... Como esquecer as Igrejas católicas dessa monumental cidade do passado colonial brasileiro, capital do Brasil por mais de 200 anos? E quanto aos poemas de Dorival Caymmi? Agora, seus pensamentos talvez rumem em direção à areia e às jangadas de uma das belas praias dessa diversa e desconcertante cidade, capital da Bahia...

Quantas imagens a despertar nossos sentidos!

Salvador me encanta desde a infância, quando a visitava em família; todos ávidos por descobertas alimentares, arquitetura, história e cultura singulares dessa cidade,

---

<sup>4</sup> Doutora em Antropologia pela Université Bordeaux 2 (França).  
Professora na Universidade Federal da Paraíba.

onde até o relevo é diferente, surpreendendo o visitante com suas ladeiras, morros e montanhas de onde se vê sempre o mar ou uma cidade infinita se desdobrando aos nossos olhos.

Para quem nela vive, essas imagens da cidade se misturam a outras, mais cotidianas. Numa perspectiva certamente mais realista e completa que a precedente, o habitante de Salvador empreende um diálogo entre essas imagens douradas dos incontornáveis clichês e o seu cotidiano turbulento, congestionado, poluído e frenético, muitas vezes precário e violento – como aliás em muitas outras grandes cidades do Brasil.

Lendo esse livro, percebemos que Soiane Gomes Paula deseja nos apresentar amiúde essa outra Salvador. Não para se render a um estereótipo inferiorizante, associando as precariedades sociais à urbanização e aos padrões de vida desiguais da cidade, às quais estão sujeitos a grande maioria dos seus habitantes.

Ao invés de investir nessa seara que tem a força de um lugar comum com sua parte de verdade e simplificação, Soiane escolhe revelar a beleza, a graça, a plasticidade, a criatividade e a resiliência dos moradores dos bairros periféricos de Salvador – aqueles que não aparecem nas fotografias publicitárias da cidade.

Os lugares dessa Salvador amplificada pelo conceito de Região Metropolitana (RMS) vai muito além dos seus

espaços turísticos convencionais. Por isso mesmo, este livro nos remete a territórios vivos e dinâmicos que falam da plural formação histórica e demográfica da cidade: Uruguai, Pau Miúdo, São Caetano, Cabula, Subúrbio Ferroviário e Liberdade...

Para apresentar a sua visão de Salvador e seu entorno, Soiane escolheu um mote – uma musa, à moda poética. Como se recitasse um poema, ela nos guia por essa cidade vibrante e surpreendente, inspirando-se nas quadrilhas juninas – uma dança muito especial que mobiliza anualmente a Região Metropolitana de Salvador, especialmente no primeiro semestre do ano civil.

Esse período prepara o momento festivo conhecido como "festas juninas", que ocorrem em junho e reúnem as festas de três importantes santos católicos: Antônio, João e Pedro, com celebrações votivas à fertilidade. Designadas genericamente, muitas vezes, como "festas de São João", elas constituem um ciclo ritual marcado por uma série especial de expressões culturais envolvendo música, alimentos, decoração, vestimentas e danças. Entre elas, a quadrilha junina, exclusiva e própria do período junino.

Soiane Paula se concentra nos concursos de quadrilhas existentes em Salvador desde os anos 1970, revelando como a competição teria reorganizado a dança num

formato espetacular, mediado por jurados, mídias e premiações, e conduzido os grupos concorrentes a um diálogo original com a tradição. Resultando em sínteses cada vez mais criativas, os elementos conhecidos e compartilhados pelos dançarinos e coreógrafos foram se alinhando em maior ou menor grau com as demandas solicitadas por esse novo formato identificado com o contexto midiático-comercial e urbano.

Nesse sentido, este livro se aproxima de uma vertente relativamente recente no estudo das quadrilhas e festas juninas, com a qual me identifico desde os anos 1980 (quando comecei a pesquisar a festa junina em Campina Grande-PB), e que vem inspirando outros pesquisadores da antropologia, notadamente desde o início dos anos 2000. Essa transformação das quadrilhas juninas mediada, entre outros aspectos, pela introdução dos concursos, espetacularização, comercialização e midiáticação crescentes nas quadrilhas foi o tema de minha tese de doutorado defendida em 2004, na Universidade de Bordeaux (França). Neste trabalho, relacionei as identidades festivas dos modelos tradicionais e estilizados de quadrilha com a migração e as identidades urbanas de jovens migrantes de segunda ou terceira geração na cidade de Natal (RN).

Aqui, Soiane Paula revela as tensões da disputa pelos "louros da vitória" entre os grupos de quadrilha da Região Metropolitana de Salvador (RMS) no seu complexo e

desigual cotidiano, que os concursos vêm fomentar e amplificar. Especialmente nesse sentido, Soiane tem muito a nos revelar com seu livro, pois através da Dança, balizada por sua múltipla inserção nesse universo, ela tem acesso a muitas informações, generosamente compartilhadas.

Por um lado, ela é membro do universo quadrilheiro da Região Metropolitana de Salvador. Primeiro como dançarina e colaboradora do grupo de quadrilha junina Asa Branca, onde ela atuou de 1995 a 2014. Soiane conhece o riscado das quadrilhas, dançando, coordenando, e ainda como atriz, assistente coreográfica, aderecista e produtora. Foi nessa condição (de pesquisadora "da casa"), que ela produziu esse livro, onde são revelados os meandros, desafios e alegrias que compõem o cotidiano de milhares de jovens e adultos participantes das quadrilhas nos bairros populares de Salvador e seu entorno.

Mas Soiane não é "apenas" quadrilheira e artista: ela tornou-se arte-educadora e produtora cultural. E o livro que temos nas mãos testemunha uma grande parte de sua trajetória de sonhos e lutas, que não foi tratada por ela como uma autobiografia ou como memória pessoal, mas recuperando o sentido de trajetória que o sociólogo Pierre Bourdieu (2006) atribui como uma *série de posições sucessivamente ocupadas por um agente* (ou

*mesmo um grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações.*

Através de sua narrativa, percebemos como Soiane se inscreve nesse movimento quadrilheiro, inicialmente de modo despretensioso mas muito comprometido e envolvido. Por isso, sua trajetória nos informa sobre o campo das quadrilhas que atuam em competição, revelando através dela, as centenas de pessoas mobilizadas por cada grupo – entre estudantes e trabalhadores urbanos (vendedores, motoristas, atendentes de telemarketing, músicos, dançarinos) – que se reúne a cada ano durante meses a fio para montar um espetáculo cênico completo com música, dança, iluminação, direção, coreografias, decoração e composição de enredos.

Através da trajetória de Soiane, descobrimos Salvador em suas entranhas, mas também, de modo surpreendente, vemos como a quadrilha se entranhou nela mesma.

Me explico: o leitor verá que a autora revela o vínculo identitário profundo dos grupos de quadrilha com seus bairros de origem (ou de escolha voluntária), onde cada quadrilheiro tem consciência de sua parte no grupo. Organizando seus partícipes, as quadrilhas juninas constituem o espaço dos vínculos afetivos e práticos da construção de um projeto anual, e ao qual eles vão "pertencer" com engajamento e tanto envolvimento que



não raro seus membros experimentam o conceito de trajetória em suas próprias existências, reivindicando as quadrilhas juninas como uma via de transformação nas suas vidas.

Esse é o ponto da subjetivação que Soiane experimenta: conduzindo ao protagonismo do grupo, as quadrilhas reunidas, ensaiadas, montadas e preparadas por meses a fio envolvem tradição, conhecimento técnico, organização, pesquisas, financiamentos, redes relacionais, táticas e muito suor. Nesse sentido, a dança constitui e transforma o dançarino. É seu dever.

Foi enquanto aluna do Mestrado em Dança (PPGDança) da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, que Soiane Gomes Paula se encontrou com a quadrilha. Não como dançarina, pois a quadrilha já havia se encontrado com ela alguns anos mais cedo. No seu Mestrado, a quadrilha se apresentou a Soiane como questão crítica e reflexiva. Assim, seu trabalho de pesquisa foi redigido nas normas formais de um trabalho acadêmico, e sua orientadora, a profa. Dra. Amélia Conrado conduziu com maestria a sua pesquisa, sistematização de dados e organização do texto. Foi enquanto membro da sua banca de defesa de dissertação que tive acesso a seu trabalho. Que maravilha, que alumbramento!

Agradeço às duas. Não só por ter me aproximado de mais uma face apaixonante dessa cidade de Salvador que eu admiro há tantos anos, como por me reaproximar de meu tema de pesquisa, sob uma nova perspectiva. Através daquela dissertação aprendi muita coisa sobre Salvador e também alguns aspectos históricos das quadrilhas que venho conhecendo e descobrindo há décadas.

Entre estes "achados", gostaria de ressaltar aqui a interpretação histórico-cenográfica original que Soiane nos revela: a associação do "arromba o chão" com a dança indígena do *Toré*. Como hipótese que tem lugar na sua pesquisa sobre a dança, Soiane traz uma nova luz aos estudos contemporâneos da quadrilha, e dialoga com a expressão cênica presente notadamente nas quadrilhas hoje conhecidas como "tradicional", "matuta" ou "caipira", identificada por alguns elementos estéticos (como as vestimentas e coreografia), mas também por passos marcados por batidas vigorosas dos pés no chão – bem ao contrário da expressão também muito tônica embora mais aérea e saracoteada dos corpos na expressão "elite", "luxo" ou "estilizado" da dança.

Para Soiane, o formato "arromba o chão", também chamado "passo marcado", foi muito utilizado nos anos 1980 nas quadrilhas da Região Metropolitana de Salvador, quando se batia os pés *fortemente contra o chão, marcando o tempo forte do ritmo da Marcha*,

*reproduzido pelo instrumento percussivo zabumba, de modo a promover sonoridade através dos tablados de madeira, que serviam de palco nos concursos de quadrilha. Causando uma forte impressão nos espectadores, esse vigoroso bater dos pés dos dançarinos das quadrilhas pode representar a conexão da tradição popular dessas últimas com algumas danças indígenas.*

Esse livro ainda traz outras surpresas ao leitor, que compreenderá como a quadrilha, que caiu no gosto e invenção brasileira, teve origem popular antes de se tornar nobre, ainda no continente europeu – e antes de aportar ao Brasil com a corte portuguesa...

Como dança popular, a quadrilha junina contemporânea padece da falta de apoio e incentivos públicos e privados, e embora esteja envolvida em processos socioculturais profundamente desiguais (compreendendo o abuso de sua criatividade e imagem), as quadrilhas subsistem, se complexificam, se aprimoram e se reinventam na contracorrente das dificuldades enfrentadas por todos os quadrilheiros.

E esse último aspecto merece destaque, porque se movimento quadrilheiro cresceu em seu aspecto comercial e espetacular, ele nunca perdeu o vínculo com suas comunidades de origem, que continuam revivendo e fazendo as quadrilhas acontecerem ano a ano, seja para ingressar nesse universo "de competição" seja para

ficar fora dele, como grupos de fruição familiar ou de amigos, próprio a uma rua, comunidade, família, ou colegas de escola ou trabalho.

Diante de todas as transformações ocorridas no movimento quadrilheiro da Região Metropolitana de Salvador, Soiane traz depoimentos de antigos e atuais gestores de quadrilhas, com reflexões, balanços e muita autocrítica daqueles que testemunharam essa movimentada e maravilhosa aventura, como ex-dançarinos ou organizadores de grupos e eventos. É quando o livro apresenta um debate positivo e mobilizador sobre os caminhos e perspectivas das quadrilhas, e acerca de uma possível e viável independência/autonomia frente aos concursos de televisão – que durante tantos anos centralizaram a atenção dos grupos, legitimamente ávidos por visibilidade e reconhecimento do grande público e da cidade em sua totalidade.

Finalmente, gostaria de recomendar a leitura imediata desse livro àqueles que gostam de dança, cultura popular, artes, patrimônios culturais, política cultural e história. Àqueles que amam Salvador e sua Região metropolitana, e àqueles que adoram a festa Junina e a quadrilha.

Todos vão encontrar aqui fragmentos de sua própria vida: como boa contadora de histórias, Soiane nos enreda

nesse universo festivo pela mais junina de todas as danças, revelando como ele se entrecruza com as casas, famílias, amizades, trabalho, amores, terreiros, órgãos públicos, igrejas, mídias, escolas, publicidade, gestores públicos e privados, universidades, meio artístico e finalmente, a *web* em todas as suas variantes.

Após girar tantas vezes nessa grande roda, vencendo túneis, saltando as cobras, e se protegendo das chuvas... Com tantas idas e vindas, *alavantús*, *anarriês*, *chassés* e galopes... Depois de tantos balancês por Salvador e seu entorno... Agora você imagina a cidade por imagens diversas daquelas anunciadas no início dessa apresentação? Então você está pronto pra ler esse livro. Nos seus lugares! Vamos começar.

# SUMÁRIO

O FORRÓ JÁ COMEÇOU! VAMOS GENTE, RAPAPÉ  
NESSA INTRODUÇÃO ..... 26

## CAPÍTULO I

OLHA PRO CÉU MEU AMOR VÊ COMO A  
QUADRILHA É LINDA: ORIGENS E CAMINHOS DAS  
QUADRILHAS JUNINAS ..... 38

• PRA DANÇAR *QUADRÍA* NO SERTÃO É MAIS *MIÓ*:  
BREVE TRAJETÓRIA DA QUADRILHA DA EUROPA  
PARA O NORDESTE BRASILEIRO ..... 47

• LÁ NO MEU SERTÃO, PROS CABOCLO LÊ TÊM QUE  
APRENDER UM OUTRO ABC: ENTENDIMENTOS  
SOBRE QUADRILHAS JUNINAS E OS CAMINHOS  
METODOLÓGICOS DA PESQUISA ..... 72

## CAPÍTULO II

EM VEZ DE POLCA E RANCHEIRA, O POVO SÓ PEDE E  
SÓ DANÇA O BAIÃO: MEMÓRIAS PESSOAIS E  
COLETIVAS SOBRE AS QUADRILHAS JUNINAS ..... 109

• ENCONTRO COM O INTERLOCUTOR ..... 113

• TEM FOGUEIRA ACESA NO CORAÇÃO, A CHAMA  
ACENDEU E NÃO VAI SE APAGAR: O QUE REVELAM  
AS MEMÓRIAS DOS QUADRILHEIROS? ..... 133

• MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE QUADRILHAS JUNINAS: REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR E OUTROS TERRITÓRIOS DA BAHIA ..... 143

• CONCURSOS DE QUADRILHAS JUNINAS: DA COMUNIDADE À TELEVISÃO, ESPAÇO DE VISIBILIDADE E SUBMISSÃO ..... 158

### CAPÍTULO III

NO SONHO VIA A SANFONA E A ZABUMBA, BATENDO TÃO FORTE PARECENDO UM CORAÇÃO: 1º FÓRUM DE QUADRILHAS JUNINAS DE SALVADOR ..... 187

• AMOSTRA DOS DADOS COLETADOS NO FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO ..... 191

• SAUDADE TRANSBORDA E EU ME LEMBRO DO ARROMBA CHÃO: DA NOSTALGIA À BUSCA DE POLÍTICAS PÚBLICAS ..... 209

ASAS ABERTAS PARA O PENSAR, VAI-SE MUITO ALÉM DE UM PONTO FINAL ..... 237

REFERÊNCIAS ..... 247

LISTA DE FIGURAS ..... 256

LISTA DE DIAGRAMAS ..... 261

LISTA DE TABELAS ..... 263

ANEXOS ..... 264



# O FORRÓ JÁ COMEÇOU! VAMOS GENTE, RAPAPÉ NESSA INTRODUÇÃO



Este livro é fruto da dissertação de mestrado em Dança, de mesmo título, *Arromba Chão Que Anima o Salão, Quadrilha de São João! Memórias, Danças e Transformações das Quadrilhas Juninas em Salvador*, realizada na linha temática 3 - Mediações Culturais e Educacionais em Dança, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDança) da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia. Esta pesquisa teve como orientadora a Professora Doutora Amélia Vitória de Souza Conrado e como coorientador o Professor Doutor Laudemir Pereira dos Santos.

A pesquisa teve como objetivo principal reunir as memórias dos quadrilheiros juninos e compreender as transformações que vêm se dando nas Quadrilhas Juninas da Região Metropolitana de Salvador (RMS), quanto à maneira como vêm produzindo seus espetáculos juninos, a partir de suas participações nos Concursos de Quadrilhas surgidos na década de 1970.

Além disso, este estudo buscou tecer uma discussão sobre as danças populares brasileiras, os repertórios tradicionais e os processos de (re)significações motivados e/ou impostos pela transmutação cultural, os impactos das relações econômicas de consumo e a ausência das políticas públicas e de salvaguarda para memória e autossustentabilidade desses grupos.

Entendendo que as danças brasileiras, as quais são chamadas de "populares", são frutos de um processo de interações entre dois tipos de cultura, como demonstra Marianna Monteiro (2011):

a cultura erudita ou letrada, voltada para a tradição clássica, para a escolástica, identificada com a revolução científica e, posteriormente, como pensamento ilustrado, demarca-se da tradição oral, que passa a ser definida negativamente. (p. 25)

A autora prossegue comentando que o convívio entre as duas tradições culturais se intensificou ao longo do período colonial até os dias de hoje "em razão da evangelização e da difusão da Bíblia"<sup>5</sup>. Esta visão dicotômica de entendimento, é superada por estudos contemporâneos que compreendem a cultura sem hierarquizações.

As buscas que levaram a escolher essa temática como pesquisa se iniciaram a partir de reflexões sobre minha

---

<sup>5</sup> MONTEIRO. *Op. cit.*, p. 26.

formação profissional e o aprofundamento mais significativo deu-se no entendimento sobre meu contato com a Quadrilha Asa Branca onde estive de 1994 a 2014, participando de 11 montagens cênico-coreográficas como dançarina, atriz, assistente coreográfica, aderecista e produtora. Foi refletindo sobre esta participação na quadrilha junina e lembrando as temáticas abordadas pelos espetáculos, que compreendi que passei por importantes processos de construção identitária e noções de pertencimento, como define Stuart Hall (2005).

Me questionei sobre a escolha da minha profissão. Porque estudo danças? Porque me licenciou em Dança e atuo em Educação? Porque acredito na Arte como produtora de novos conhecimentos? Como foi que cheguei até aqui?

Quando percebo minha formação e trajetória profissional vejo que migrei de artista e educanda para arte-educadora e atribuo, principalmente, às quadrilhas juninas pelo meu processo de formação profissional e empoderamento político-cultural. Percebo também que este fenômeno aconteceu com outros colegas da Asa Branca e de outras quadrilhas em Salvador.

Esse enunciado demonstra meu engajamento e compromisso em pesquisar a referida temática em que destaco os motivos desta escolha, primeiramente a

questão pessoal por se tratar de 27 anos de trajetória cultural e profissional participando do segmento de quadrilhas juninas, onde desenvolvi as habilidades da Dança, Teatro, Música, além de adquirir conhecimentos sobre a Cultura e História brasileiras, e depois, pela consciência e necessidade de aprofundamento, através da pesquisa acadêmica.

A importância deste estudo para um Programa de Pós-Graduação em Dança se dá no fato de que as danças das quadrilhas juninas da Bahia até o momento não tinham sido temática de pesquisa neste programa. A contribuição social também deve ser levada em consideração pois os referidos grupos de quadrilha atuam em bairros periféricos, tem caráter coletivo e desenvolvem habilidades profissionais em Dança, Teatro, Música, Costura, Cenografia, Produção, os quais, geram economia e renda, produzem conhecimento e incluem crianças e jovens em torno do fazer artístico.

Como uma postura política de pôr em exercício a decolonialidade na escrita acadêmica, uma vez que, trago um tema que até então não tinha sido estudado no PPGDança, as expressões que fazem parte do repertório cultural e portanto conceitual das quadrilhas juninas, estão presentes no discurso seja através dos enunciados dos capítulos e seus subitens, a partir de trechos de músicas nordestinas, largamente utilizada nas festas

juninas, ou seja, pelo emprego de expressões inerentes ao universo simbólico cultural, ao longo de todo o texto.

Pesquisas anteriores já demonstraram as origens históricas e trajetórias socioculturais da quadrilha antes e depois de chegar ao Brasil, as sucessivas assimilações, alterações e adaptações que foram sofrendo à cada lugar, época e contexto geopolítico, já foram mencionados nos trabalhos de Guilcher (1969, 2003), Chianca (2004) e Leal (2004).

Os grupos de quadrilhas juninas de Salvador são oriundos de bairros populares como Uruguai, Pau Miúdo, Liberdade, São Caetano, Cabula, Subúrbio Ferroviário, dentre outros; na sua maioria se configuram como grupos culturais sem personalidade jurídica<sup>6</sup>, reunindo cerca de 150 pessoas, direta e indiretamente, entre crianças, jovens e adultos nas funções artísticas, técnicas, e/ou administrativas.

Na sua maioria são sujeitos que geralmente não tem condições privilegiadas, que exercem as mais variadas atividades profissionais, como professores de diversas áreas, estudantes, vendedores, motoristas, atendentes de telemarketing, músicos, dançarinos, administradores, dentre outros. São predominantemente pessoas negras,

---

<sup>6</sup> Não estão inscritas no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), o que dificulta a participação em editais e a captação de recursos públicos.

adeptos dos cultos religiosos de matrizes africanas, são, também, participantes/atuantes do ciclo carnavalesco através de Blocos Afros e Afoxés, além de participarem de Bandas Marciais, Fanfarras escolares e grupos de Valsa.

O ator, diretor, coreógrafo e marcador Paulo Ornellas nascido na cidade baixa, na região de Alagados, bairro do Uruguai, fala um pouco do contexto social e geográfico em que os grupos de quadrilha surgem:

Quando a gente se envolve com a quadrilha junina é algo diferente. É inerente ao local que você vive, está ligada à comunidade pobre, à essa ideia do comunitário. E a gente era daquele meio ali, era Alagados, Jardim Cruzeiro, se você observar as quadrilhas sempre nascem nesses pontos. Era um envolvimento que acaba trazendo a socialização, as novas amizades, as paixões, enfim. Isso acabou criando a raiz das quadrilhas juninas nos bairros. (ORNELLAS, 2019)<sup>7</sup>

Sobre a função do marcador, observa o quadrilheiro pernambucano e antropólogo Hugo Menezes Neto (2008):

O marcador passou a ser mais um apresentador que um condutor da quadrilha. O marcador é a peça chave para a interação da quadrilha com a platéia podendo emocionar, estimular e animar o grupo quanto melhor desempenhar sua função. (p. 26)

---

<sup>7</sup> Paulo Ornellas, em entrevista concedida em maio de 2019.

Os integrantes de quadrilha junina, denominados quadrilheiros, desenvolvem uns com os outros as habilidades em pesquisas de temas diversos, na criação de coreografias e na sua execução, pois

nas comunidades negras esse treinamento é geralmente informal, acontecendo metodicamente durante os rituais e festas, em que os conhecimentos e segredos são repassados de geração a geração. (LIGIÉRO, 2011, p. 141)

Então, tendo em vista o contexto apresentado pelo pesquisador Zeca Ligiéro, parto do pressuposto que os quadrilheiros, a partir de suas experiências estéticas nas comunidades, nas famílias, nas escolas, nos candomblés, nos concursos, nos blocos afros, nos grupos de pagode, nas bandas de fanfarras, nos grupos de valsas, entre outros, desenvolveram processos artístico-metodológicos para as montagens dos espetáculos de quadrilha, tornando-se um fluxo contínuo entre as diferentes manifestações culturais, caracterizando um modo "soteropolitano" de fazer quadrilha junina, que atualmente convive ou se mescla com aspectos advindos da globalização e espetacularização, absorvidas no convívio com grupos juninos de outros estados, quando participam dos concursos televisivos.

Na perspectiva das escolhas conceituais que fundamentam o tema e a questão central desta pesquisa, os pressupostos básicos e os caminhos para analisar os dados, opto por um referencial teórico-metodológico que



seja capaz de dialogar com conhecimentos sobre danças e manifestações culturais, como é o caso das quadrilhas juninas, necessidades de uma memória e registro de suas produções, que implicam em busca de soluções, através de ações para uma política pública e de salvaguarda.

Nessa direção, para tratar conceitos de Danças, Manifestações Culturais e Dança de Brincantes, cito Monteiro (2011), Ligiéro (2011), Leal (2004), Conrado (2018), Chianca (2013), Martins (1997) e outros. Abordando os estudos culturais e perspectivas decoloniais, Stuart Hall (2003), Santos (2018) e Mignolo (2008). Na especificidade das políticas culturais, os estudos de Rubim (2014), Carvalho (2012) e Carmo (2010).

Quanto ao caminho metodológico da pesquisa, faço opção pela abordagem qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), retirando contribuições das estratégias de levantamento de dados, análises e tratamento pelas orientações da pesquisa-ação por Thiollent (2011) e de etnografia com Rosa (2013) e Ingold (2015).

A experiência acumulada enquanto quadrilheira nesses 27 anos de atuação direta, a minha formação profissional como professora de Dança e a conquista do título de Mestre em Dança com pesquisa sobre Quadrilhas Juninas, consubstancia um diálogo cujo caminho é da experiência prática tecendo um diálogo teórico que

retroalimenta ambos os lados, uma vez que, a opção do trânsito metodológico conversa e realiza ações em conjunto ao campo de investigação.

Acredito que devido as ideologias racistas, também denominadas de *branqueamento*, como fundamenta a obra de Munanga (1999), e ideologia do *recalque* como explica Luz (2011), advindas do sistema de dominação oficial que historicamente impuseram um modelo e implicou uma discriminação ao que provinha dos conhecimentos de outras etnias, citando as africanas e indígenas, que até os dias de hoje são as camadas sociais que sofrem as consequências desse processo.

O que leva a crer que apesar da cultura das Danças de Corte serem uma prática das famílias nobres, tanto em países europeus quanto com a chegada destes ao Brasil, foram transmitidos de alguma forma para as camadas populacionais, que absorveram tal conhecimento dessas elites, através de estratégias em que esta utilizava para introduzir costumes, valores religiosos e educação. Resultante disso é que com o passar dos anos as camadas chamadas de "populares" foram as que permaneceram com as tradições das Quadrilhas, adaptando a uma outra forma de fazê-la.

Pode-se observar pelos ritmos, repertórios e temas que incorporaram bases das contribuições das culturas negras, presentes em nossa sociedade. Isso explica que

esta pesquisa ao debruçar seu olhar sobre o modo destas procederem no contexto da cidade de Salvador e Região Metropolitana, se configura como um modo "soteropolitano" de fazer a quadrilha junina.

Será que devido os processos de discriminação existentes às camadas populacionais e étnicas negras, indígenas e mestiças, explica os motivos pelos quais até hoje não existiu uma pesquisa acadêmica com este tema no Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA? Nem em instituições de pesquisa, como IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia) e IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), Fundação Pedro Calmon, Fundação Gregório de Matos, dentre outras?

Espero também compreender que fatores implicaram e implicam para o processo de extinção das Quadrilhas Juninas dos bairros de Salvador e região metropolitana, que mantinham-se em atividade.

As tentativas de participação das Quadrilhas Juninas nos Concursos Regionais e Nacionais que são de caráter competitivo, constata-se que desde a criação destes, há um processo de "desistência" e perda das "condições de competitividade" de muitas quadrilhas existentes nos bairros de Salvador, chegando a uma extinção de muitas dessas, o que se pode verificar nos dados trazidos nos capítulos deste livro.

Diante desses pressupostos, a questão central desta pesquisa busca verificar o que pode revelar as narrativas das memórias dos quadrilheiros quanto às características que compõem as quadrilhas juninas soteropolitanas. Quais as estratégias e ações coletivas que se pode implementar para um movimento de (re)ascensão das mesmas ou surgimento de outras?

Assim, no primeiro capítulo busco fazer um percurso da trajetória que justifique o que hoje denominamos de "quadrilhas juninas", considerando a vinda desta expressão cultural da Europa para o Brasil e sua predominância no Nordeste. Vale destacar que não se encontra uma produção de estudos que venha dar conta de uma história em continuidade, mas é tecendo articulações com uma literatura nacional, algumas obras internacionais e poucas teses defendidas em outras áreas que faço emergir um percurso histórico. Este capítulo traz também os referenciais teórico-metodológicos para entendimento dos conceitos-chave.

O segundo capítulo tece as narrativas das memórias dos quadrilheiros trazendo um trecho da história da quadrilha em Salvador, faz um mapeamento dos grupos de quadrilhas juninas RMS, extintos e dos que permanecem em atividade, comunidades de origem e o histórico de suas produções artísticas nos referidos Concursos de Quadrilhas.

Finalmente no terceiro capítulo trago os dados socioeconômicos adquiridos através do formulário de inscrição do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, as contribuições das seis mesas temáticas com as Mestras e Mestres que estiveram presentes, suas competências, atuação e talentos para produção dos temas e espetáculos. O objetivo é demonstrar quem são os protagonistas que atuam nas diversas quadrilhas, mesmo aquelas que já não se encontram em atividades pelos fatores adversos. O último subitem se volta à ação da pesquisa que é como construir políticas culturais para salvaguarda das quadrilhas juninas em Salvador e os trâmites da Carta de proposições, elaborada no 1º Fórum.

# CAPÍTULO I

## OLHA PRO CÉU MEU AMOR VÊ COMO A QUADRILHA É LINDA: ORIGENS E CAMINHOS DAS QUADRILHAS JUNINAS

*Olha pro céu amor, vê como ele está lindo!  
Olha pr'aquele balão multicolor, que lá no céu vai sumindo!  
Foi numa noite, igual à essa, que tu me deste o seu coração.  
O céu estava, assim em festa, pois era noite de São João.  
Havia balões no ar, xote, baião no salão!  
E no terreiro o teu olhar, que incendiou meu coração!*  
(José Fernandes e Luiz Gonzaga, 1951)

As festas juninas abarcam múltiplas expressões e símbolos culturais, históricos, sociais e religiosos e por isso, constitui-se de complexidade. Relacionamo-nos com estes símbolos de maneira espontânea, sem ao menos compreender suas particularidades e inter-relações. É necessário lançar breve olhar sobre alguns pontos importantes que colaboram no entendimento da presença das quadrilhas como parte de nossas expressões culturais, nas festas juninas brasileiras.

Nas páginas a seguir vou comentar as origens históricas das quadrilhas, se fazendo necessário mencionar, também, aspectos formativos das festas de junho, época do ano em que ocorre, mais fortemente, a prática desta dança. Portanto, irei apontar alguns elementos que colaboram na composição da dança da quadrilha, desde a Europa e até a transposição para o então território brasileiro, ainda em formação.

Começo com uma definição histórica deste objeto de estudo, aqui pontuado pela pesquisadora e antropóloga Luciana Chianca (2007):

Originária de uma contradança de mesmo nome trazida ao Brasil pela corte imperial portuguesa, ela teve suas figuras e passos modificados ao longo do tempo e dos lugares em que foi sendo executada. A princípio eram quatro ou oito casais que se organizavam em duas filas, uma em frente à outra, com as quatro extremidades formando um quadrado – daí seu nome francês, *quadrilles* (em espanhol, *cuadrilhas*; em italiano, *quadriglia*). (p. 50)

Encontra-se referência sobre danças de pares na história dos povos chamados pagãos, em rituais ligados à mudança de estação, solstícios de verão europeu e na relação com a agricultura, colheita e uso da fogueira. Sobre este aspecto diz-no o pesquisador Osvaldo Meira Trigueiro que:

Os povos antigos, antes da cristianização, festejavam a passagem dos quatro tempos do mundo com rituais em que o

profano se misturava com o sagrado. As práticas de culto ao fogo, as superstições, crenças e tantas outras manifestações ligadas ao calendário agrário tinham no solstício (23 de junho) e no equinócio (23 de setembro) datas importantes para a compreensão do mundo e suas relações com as divindades protetoras da fertilidade da terra e dos homens. (1995, p. 155)

### 1. Ilustração sobre as figuras espaciais da *quadrille*



Fonte: earlydance.org

O domínio dos povos europeus que aqui se instalaram, como espanhóis, portugueses, franceses, holandeses, italianos, alemães e seu projeto de colonização, explica os motivos da existência entre nós, de suas línguas,



costumes, organização social e religião. Impuseram um modelo de educação aos povos que viviam em liberdade, como os povos indígenas e posteriormente os povos africanos. Ambos sofreram a violência imposta pelo colonizador português, embora o processo de escravização de povos indígenas e dos povos africanos tenha se dado de maneiras diferentes aqui no Brasil.

A doutrina cristã e a instauração da Igreja Católica como instituição de poder e ordem, neste processo colonial, é responsável pela devoção junto ao povo brasileiro de seus santos católicos. Muitos desses santos são festejados em datas ritualísticas, relacionadas ao calendário agrário, conforme citação acima de Trigueiro (1995), como ocorre por exemplo com os Santos Antônio, João e Pedro que foram assimilados à cultura social. Percebo inclusive que o ritual de acender a fogueira, entre os povos "pagãos" celtas e os nativos pindorâmicos ou ameríndios, foi (re)significado, tal como os contos bíblicos narram na história de São João Batista.

As religiões afro-brasileiras também desenvolveram relação com esse calendário festivo do ciclo junino, em Salvador e região, fazendo suas celebrações em tornos dos orixás, em que os adeptos da religião, criaram estratégias de correlações com os santos católicos. As "Feijoadas de Ogum", oferecidas pelas comunidades de terreiro e/ou por pessoas iniciadas ou devotas, ocorrem em torno da trezena de Santo Antônio, culminando no

dia 13 de junho. As "Fogueiras de Xangô", ocorrem em torno dos dias 23 e 24 de junho, fazendo correlação com a fogueira de São João Batista.

Sobre o sincretismo, "resultante do processo etnocida-genocida dos europeus para com os povos de outros continentes" (LUZ, 2000, p. 188), perpassa pelas instituições da Igreja e pelas instituições constituintes do governo colonial. O cientista social Marco Aurélio Luz observa que:

a Igreja, ou melhor, o cristianismo, desde suas origens caracterizou-se por uma dimensão universalizante e expansionista [...] O cristianismo, como religião, se caracterizou como um sincretismo capaz de adotar feições "universalizantes", proclamando-se detentor da única "verdade absoluta" "revelada por Deus"<sup>8</sup>.

A própria Igreja sincretizou práticas de outras religiões anteriores à ela e no contexto da colonização das Américas colaborou, junto à Coroa portuguesa, para o "projeto de política de miscigenação"<sup>9</sup>. Os africanos escravizados, os crioulos nascidos na Colônia e os mestiços "precisaram disfarçar o cultivo da sua religião", é o que conta José Ramos Tinhorão na obra *Música Popular de Índios, Negros e Mestiços* (1972):

---

<sup>8</sup> LUZ. *Op. cit.*, p. 191.

<sup>9</sup> LUZ. *Op. cit.*, p. 192.

[...] a saída para os negros e mestiços era, naturalmente, a sua adesão ao único setor da estrutura montada pelo colonizador branco que lhes permitia uma abertura para participação dinâmica na sociedade colonial. A partir da escolha de seus padroeiros, essa aproximação dos negros africanos e seus descendentes com o mundo do colonizador, foi sempre impregnada pelo simbolismo que hoje – bem examinado – revela uma extraordinária coerência, e uma profunda sabedoria e oportunismo na comunhão forçada com os valores da classe dos senhores. (p. 44)

Com o passar dos anos a população negra, e de axé, da Bahia manteve as datas comemorativas de santos católicos para festejar os orixás iorubanos, sem necessidade de escamotear sua real motivação.

Fechando o mês de junho, entre os dias 28 e 29, ocorrem as Fogueiras de *Airá*, orixá que dizem se relacionar com São Pedro, nos terreiros da Bahia. Segundo José Flávio Pessoa de Barros, em seu livro intitulado *A Fogueira de Xangô: o Orixá do Fogo* (2009, p. 60) "o aspecto altamente significativo do culto ao 'orixá do fogo', alude à *Airá*, considerado como *Xangô*, culto que a expansão do reino de *Oió*<sup>10</sup> propagou para todo o território *iorubá*". O autor diz ainda que *Airá* constitui a origem do axé da grande *Iá Nasô*, fundadora do primeiro terreiro da Bahia, conhecido como Casa Branca, localizada na Avenida Vasco da Gama em Salvador:

---

<sup>10</sup> Oió ou Oyó, é uma cidade-estado da Nigéria, África Ocidental, onde se localiza o importante Reino do ancestral Xangô.

Este *orixá* ocupa um lugar especial nesta comunidade, estando ligado à primeira nomeação recebida por este terreiro, *Axé Airá Intilé*, vale a pena ressaltar que tanto os que participam desta casa como aqueles originados da Casa das Minas afirmam que *Airá* é identificado com a figura de São Pedro no sincretismo religioso. (BARROS, 2009, p. 102)

Há também o festejo de São Marçal dia 30 de junho, muito comemorado no estado do Maranhão<sup>11</sup> através do *Encontro de Batalhões de Bumba meu Boi*, "uma festa mantida pela população negra da cidade, chegando a ser proibida entre 1861 e 1868".

A etnomusicóloga Rosa Maria Zamith, em seu trabalho intitulado *A dança da quadrilha: da partitura aos espaços festivos: música, dança e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista* (2007) realizou o levantamento das partituras de quadrilhas em acervos públicos localizados na capital fluminense e as informações obtidas apontaram para o período que começa no Segundo Reinado e se estende até ao início da República como aquele de expansão do gênero no meio musical e social. A autora inicia trazendo uma importante informação:

Como baliza inicial, a quadrilha A Coroação de S. M. I. D. Pedro 2o; Collecção de Quatro Quadrilhas; três de contredanças e huma de valsas, dedicadas [a] Família Imperial e compostas por L. F. Milliet, Chef d'Orchestra dos

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/sao-joao/2019/noticia/2019/06/30/acompanhados-por-multidao-grupos-de-bumba-meu-boi-fazem-desfile-em-homenagem-a-sao-marcal.ghtml>>.

Bailes da Corte e arranjadas para Forte Piano pelo professor Cos Neytz. As quatro quadrilhas da coleção foram nomeadas Don Pedro 2o, Dona Januária, Dona Francisca e Maria Amélia. Esse conjunto de danças, cujo título geral aponta a vinculação da composição com a festa na qual Pedro de Alcântara é sagrado e coroado Imperador do Brasil, em 18 de julho de 1841, com o nome de D. Pedro II.  
(ZAMITH, 2007, p. 115)

A autora apresenta um vasto panorama de compositores, informações detalhadas dos aspectos rítmicos, motivação dos bailes e aponta uma certa direção para como as quadrilhas brasileiras se caracterizam a partir de certo período. Como demonstra a seguir:

Na década de 1860, portanto, cerca de 20 anos após a publicação no país das primeiras quadrilhas, como as quatro que integram A Coroação de S. M. I. D. Pedro 2º, em 1841, surge a designação "quadrilha brasileira", que aponta para uma forma de composição musicalmente diferente daquela vinda da Europa, sem obedecer ao formato da quadrilha francesa. A partir de então, e cada vez mais, as quadrilhas compostas no país estão impregnadas de gêneros oriundos do exterior ou configurados no país e que aqui se misturaram – polca, habanera, fadinho, marcha militar, valsa, modinha, lundu e maxixe –, em permanente diálogo de culturas<sup>12</sup>.

Considerando o processo histórico, as conjunturas, seus valores e normas, acredita-se que a depender desses fatores, o movimento da sociedade da época se transformava. Com as mudanças ocorridas no século XIX,

---

<sup>12</sup> ZAMITH. *Op. cit.*, p. 128.

tendo como marco a Proclamação da República, os hábitos da Corte foram evitados pelos cidadãos e absorvidos pelos povos do campo, a exemplo da Dança da Quadrilha. Como sinaliza Chianca:

Já no século XX, marcado pelas migrações do campo para cidade, ocasiona a presença e cultura de aspectos rurais, cuja repercussão que difere de “modelo” oficial, imposto pelas normas do estado e igreja, é gerado por veículos de comunicação e difusão, tais como a literatura, a televisão e o cinema, o Jeca Tatu, um estereótipo para designar o "Caipira".  
(2007, p. 55)

Pode-se constatar isso ao olhar o personagem *Jeca Tatu*, criado pelo escritor paulista Monteiro Lobato, reforçado pelo ator paulista Mazzaropi, também o personagem *Chico Bento*, criado pelo cartunista paulista Maurício de Sousa e outros como a do *cowboy* norte-americano e às vezes o gaúcho argentino. Essas personagens evidenciam uma estética "rural universal", que se tornou sinônimo de festa junina no Brasil, conforme chama atenção os estudos de Chianca (2007).

Chegamos ao século XXI, marcado pela ascensão do capitalismo, globalização, espetacularização, concursos televisivos, grandes espetáculos de quadrilhas e no estado da Bahia, um fenômeno chama atenção: a redução quantitativa dos grupos que protagonizam as Quadrilhas Juninas em nosso estado.

## PRA DANÇAR QUADRILHA NO SERTÃO É MAIS MIÓ: BREVE TRAJETÓRIA DA QUADRILHA DA EUROPA PARA O NORDESTE BRASILEIRO

Pesquisas anteriores demonstraram as origens históricas e trajetórias socioculturais da quadrilha antes e depois de chegar ao Brasil, as sucessivas assimilações, alterações e adaptações que foram sofrendo a cada lugar, época e contexto geopolítico foram mencionados nos trabalhos de Guilcher (1969, 2003), Chianca (2004) e Leal (2004).

A pesquisa acadêmica em nível de Mestrado de Eleonora Leal (2004), realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal da Bahia, trouxe em seu primeiro capítulo detalhes importantes sobre a trajetória da Quadrilha, dança social europeia que surgiu no meio de uma sociedade aristocrática e burguesa, com características de uma dança popular da Idade Média.

O texto de Leal (2004), avança no sentido de explicar como as danças camponesas, em países europeus, chegaram até os palácios. A autora diz que os nobres, ávidos por novidades, recebiam o *jogral*, um artista, prestador de serviços, para que lhe ensinasse as danças apreendidas nas províncias e vilas por onde passava.

Após o aprendizado dessas danças ao jogral era solicitado fazer mudanças nos passos para ganhar um tratamento mais refinado. O jogral, segundo Caminada (1999) era uma figura de múltiplas habilidades artísticas que se tornou um difusor das danças populares nas cortes europeias, além de dançarino, o jogral poderia ser cantor, poeta, músico, ator ou mímico (CAMINADA)<sup>13</sup>.

Encontrei concordância sobre esse aspecto, da danças camponesas servirem de lastro para as danças da corte, no livro *Dança Popular: espetáculo e devoção* (2011), da pesquisadora Marianna Monteiro. Esta autora afirma que:

as danças camponesas sempre forneceram o material para a renovação das danças de corte. Na corte, nunca se inventou dança alguma. A dança da corte sempre foi o resultado da apropriação e adaptação de inúmeras danças populares.  
(p. 29)

Esse processo de apropriação, adaptação e refinamento continuou a ocorrer nas colônias americanas e sobre isso a pesquisadora Monteiro segue dizendo:

A dança praticada nos salões coloniais, ao longo dos séculos XIX, perpetuou tais intercâmbios verticais ao refinar, no ambiente elitizado, lundus, maxixes, práticas de dança muito antigas entre negros, brancos e mestiços pobres<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Apud LEAL, 1999.

<sup>14</sup> MONTEIRO. *Op. cit.* p. 29.



Vejo semelhanças com a atualidade, quanto às pessoas das comunidades da periferia de Salvador, que trabalham dando aulas de danças e ritmos em espaços privados, transformando as danças populares, a exemplo do samba e o pagode.

Alguns participantes de quadrilha junina dão aulas de danças em academias, escolas particulares, escolas da classe média e alta e são reconhecidos como capazes, independente de ter formação acadêmica ou não, no segmento da dança. São os artistas populares das comunidades periféricas de Salvador, geralmente pessoas negras, que produzem os trabalhos coreográficos de bandas e artistas que gozem de certo reconhecimento da mídia na Bahia e no Brasil.

Na ilustração abaixo trago como exemplo os quadrilheiros juninos, dançarinos e coreógrafos Hélio Oliveira e Jai Bispo, que prestam serviços coreográficos para a cantora Ivete Sangalo, dentre outras artistas, cujos movimentos e sequências de dança emergem de suas comunidades de origem. Tais danças, por exemplo o samba e o pagode, recebem um tratamento quanto ao espaço, sendo adaptados aos palcos e ganham visibilidade mundial.

2. Os quadrilheiros juninos Hélio Oliveira e Jai Bispo, no lado posterior da cantora Ivete Sangalo, em momento de apresentação, 2018



Fonte: acervo de Hélio Oliveira. Foto: Marco Ballena.

Leal (2004, p. 25) diz que "essa prática de 'refinar' a coreografia popular tomou maior impulso na Itália pré-renascentista numa época de transição ao capitalismo industrial e de novo fomento do setor da política", percebo então que a questão financeira impulsiona que este participante de quadrilha, por ter experiência, por vivenciar coreografias e espetáculos populares, se tornem aptos a realizar esse tipo de serviço e esta forma de remuneração financeira.

A partir deste ponto o texto de Leal demonstra como os aristocratas estimularam a produção artística:

Os burgueses buscavam ascensão social, as artes foram florescendo no meio dos aristocratas e dos burgueses, contrataram professores para aprimorar sua educação, entre eles existiram os mestres designados para o ensino das danças sociais, das aulas de etiqueta, então todas as cortes incorporaram o hábito da dança<sup>15</sup>.

Na Itália, o berço do Renascimento, a arte e a cultura se desenvolveram, a Dança passou a ser sistematizada, então a frequência do ensino da Dança no século XV teve como efeito a teorização desta, não só na classificação e normatização, mas "na construção de fundamentos científicos sobre o corpo, os movimentos, as técnicas"<sup>16</sup>.

A partir de então outros tratados surgiram com as descrições das danças de corte, os passos foram ganhando códigos, técnicas, as danças sociais com novas elaborações, foram se transformando e perdendo os vestígios das danças populares, ou seja aquelas que eram transmitidas por famílias e grupos que mantinham as tradições e repertórios.

---

<sup>15</sup> LEAL. *Op. cit.*, p. 26.

<sup>16</sup> CAMINADA *apud* LEAL, 1999, p. 81.

Entendo como possibilidade de dança popular o que aponta a pesquisadora Marianna Monteiro em seu livro *Danças Populares: espetáculo e devoção* (2011):

As matrizes da dança popular são criadas a partir de questões estéticas, éticas, políticas, dentro dos inúmeros recortes a que tal objeto se presta. A matriz cabe articular essas instâncias tão diversas a partir de determinadas hipóteses básicas. (p. 52)

As danças de corte passaram a fazer parte da nova sociedade francesa do século XVI no pós-guerra, a partir deste momento esta técnica artística estava inserida na educação da corte. Os mestres franceses foram se especializando na modificação das danças populares, na elaboração de passos e aos poucos, as danças de salão foram ficando mais complexas.

Segundo o pesquisador francês Guilcher (2003) seus estudos demonstram que após a Revolução Francesa os grandes bailes da corte foram desativados para evitar novas articulações políticas, então naturalmente os bailes passaram a ocorrer em espaços diversos atraindo diferentes camadas sociais e não mais apenas os burgueses e aristocratas (GUILCHER, 2003). As contradanças se tornam, então, popularizadas sendo perfeitamente possível que mesmo pessoas que não se conhecessem, por serem de grupos e camadas sociais distintas, pudessem participar do mesmo baile, o que colaborou no crescimento dos bailes públicos, momento

de ascensão para bailarinos de diversas origens sociais, não apenas os aristocratas.

A quadrilha que conhecemos nos dias atuais é uma dança derivada de outras danças, dentre as principais a *country dance* inglesa, que originou a *contredanse* e, posteriormente, o *cotillon*, ambos franceses. A primeira se caracteriza por ser uma dança de casais "dançada em fila dupla com os pares se deslocando em linha reta, um de frente pro outro" (LEAL, 2004, p. 29). As duas seguintes tinham um número variado de desenhos espaciais, "chegando a um alto grau de complexidade e de estilização, a qual passou a ser denominado de *cotillon*"<sup>17</sup>.

Posteriormente, da velha *cotillon* se ramificou outra dança a *quadrille*. "As semelhanças de sua procedência estão em cinco desenhos espaciais que foram compor a quadrilha"<sup>18</sup> as quais eram denominadas: *Le Pantalon*, *L'Été*, *La Poule*, *La Pastorelle*, *Le Finale*. Surge então, no século XVIII, a Quadrilha. Dançava-se quadrilha nas festas aristocráticas europeias em qualquer época do ano.

A quadrilha chegou ao Brasil juntamente com a Corte Real Portuguesa em 1808 e se estabeleceu no Rio de

---

<sup>17</sup> LEAL. *Op. cit.* p. 32.

<sup>18</sup> LEAL. *Op. cit.* p. 34.

Janeiro. Esta dança coletiva, praticada nos bailes da Corte pelos nobres e burgueses, também em bailes públicos, foi rapidamente absorvida pelas camadas populares. Veja a seguir a afirmação da etnomusicóloga Rosa Maria Zamith:

A quadrilha é uma dança de longa existência, havendo dela registros perpassando séculos com variações em tempo e espaço. Resultado da união de elementos de danças européias que se amalgamaram no decorrer do tempo – especialmente modalidades de contradanças que se uniram pouco a pouco e não pararam de se transformar –, ela chega ao Brasil possivelmente no segundo quartel do século 19, como uma das marcas das tradições francesas na cultura brasileira, e tem grande destaque no repertório dos bailes da sociedade fluminense. (2007, p. 114)

Seguindo na mesma linha do tempo e espaço, falando sobre a presença da quadrilha no Brasil no século XIX, e como esta dança continuou a se transformar em muitas versões, nos conta a antropóloga Luciana Chianca:

Ao longo dos anos, a quadrilha democratizou-se até se tornar uma dança praticada pelos menos abastados. Essa história pode ser compreendida quando sabemos que uma vez chegadas à corte do Rio de Janeiro as quadrilhas disseminaram-se, entrando nos ricos salões de Salvador, Recife e São Paulo em suas várias versões: "quadrilha de Julien", "quadrilha de Munsard", francesa, diplomática, napolitana, de lanceiros e quadrilha *scottish*. (2007, p. 50)

As descrições dos viajantes à época do Brasil colonial apresentam as quadrilhas como danças praticadas nos salões ricos da corte, tanto na cidade quanto no campo, e dessa forma, transformou-se nesse processo.

Sobre a apropriação desta dança pelas camadas populares, quando mestiços, indígenas e negros, podem ter introduzido seus modos de tocar e dançar, Chianca diz que:

O que explica esse deslocamento simbólico é o fato político e as implicações culturais da mudança de poder do Brasil republicano, quando os costumes do período colonial e imperial foram desprezados pelas camadas burguesas urbanas e cidadinas. Provavelmente nesse momento a quadrilha teria sido abolida das festas dos cidadãos ricos, continuando a ser dançada pela população mais distante dos grandes centros urbanos, os interioranos – geograficamente e simbolicamente defasados com suas danças já "fora de moda"<sup>19</sup>.

Percebe-se que a musicalidade da quadrilha francesa não perdurou até os dias atuais, sofrendo adaptações rítmicas e também coreográficas. Com o passar dos anos as valsas e minuetos foram substituídas por ritmos predominantemente nordestinos, de matrizes culturais afro-ameríndias, como define Zeca Ligiero (2011) tais como xaxado, marcha, galope, baião, coco, e outras variantes.

---

<sup>19</sup> CHIANCA. *Op. cit.*, p. 50.

As camadas populacionais negras e indígenas eram proibidas do direito às práticas de suas tradições, rituais, costumes, religiosidades, entre outros, criaram estratégias de continuidade, (re)criação e (re)significação de danças, rituais e práticas do colonizador, o que justifica muitas expressões de nossa cultura popular trazer em suas características elementos das culturas diferentes. Todavia, na medida em que se aprofunda esses entendimentos, podemos ver que foram situações forçadas pelas circunstâncias, foram formas de resistência e sobrevivência de práticas culturais ancestrais.

Sobre uma possível modificação ou adaptação da musicalidade da quadrilha encontramos uma ilustração disso na marcha junina denominada *Piriri* composta por João Alves e Albuquerque, gravada pelo artista Luiz Gonzaga, em 1965:

*Pra dançar quadría  
No sertão é mais mió  
Sanfoneiro e violeiro  
Tomam conta do forró  
Não precisa orquestra  
Pra animar a festa  
No fungado da sanfona  
Vai-se até nascer o sol  
Piriri, piriri, piriri  
Toca o fole na paióça  
Piriri, piriri, piriri  
Como é bom São João na roça*



No primeiro verso o autor sugere que é mais interessante dançar quadrilha no sertão, por conta da presença da viola e da sanfona que proporcionam determinados ritmos musicais, que são do agrado do povo sertanejo, do que num outro local, que pode ser tanto a capital, a zona urbana, ou talvez até a própria Europa, de onde esta dança se origina. No segundo verso o compositor dispensa a orquestra, um recurso complexo, e se satisfaz apenas com a sanfona, sendo o suficiente para animar a festa.

Podemos observar a partir da pesquisa de Ligiéro (2011), que desde meados do século XIX, houveram assimilações entre expressões europeias e africanas:

No ambiente urbano, as comunidades afro-brasileiras criariam novos estilos de tocar, dançar e cantar o velho batuque. Eles mantiveram seus tradicionais ritmos africanos, mas incorporaram novas práticas, tons e melodias, resultando em novas performances, entre as quais a fofa e o lundu são as mais conhecidas. Esses afro-brasileiros estabeleceram trocas com os estilos euro-brasileiros, adotando e adaptando modalidades já existentes de música e dança como o maxixe e o fandango. (p. 142)

Dando um salto no tempo e na história, tentando compreender como foram transformadas as configurações rítmicas e coreográficas da quadrilha originalmente europeia para um formato "abrasileirado", com elementos indígenas e africanos, chego aos meados do século XX.

Fortemente marcado pelo surgimento das rádios, das emissoras de TV e pela cultura de massa como um todo, alguns artistas foram responsáveis por fixar alguns ritmos e danças ao longo dos anos. Quero citar como exemplo o pernambucano Luiz Gonzaga que, estando no Rio de Janeiro e gozando de visibilidade midiática, passou a cantar ritmos e canções nordestinas que foram amplamente divulgadas em âmbito nacional.

Luiz Gonzaga nasceu no dia 13 de dezembro de 1912, na Fazenda Caiçara, em Exu, sertão de Pernambuco, região Nordeste. Nas palavras da historiadora Claudia Vasconcelos:

Um território geográfico e político insistentemente identificado no imaginário nacional como o lugar do atraso, da seca, portanto, da pobreza material, do analfabetismo, da religiosidade popular exacerbada e de um tipo de violência associado ao mundo rural (cangaço e luta pela posse de terras). (2019, p. 03)

Gonzaga cresceu ajudando o pai na roça e na sanfona, aos 13 anos, com o dinheiro que juntou Luiz comprou sua primeira sanfona. O primeiro dinheiro que ganhou foi tocando em um casamento. Em 1929, com 17 anos, por causa de um namoro proibido, Luiz deixou a casa, vendeu sua sanfona e fugiu para Fortaleza, onde busca no Exército uma vida melhor. Com a Revolução de 1930, viaja pelo país. Era o corneteiro da tropa.

Em 1939, Luiz Gonzaga deixa o Exército mas ficou no Batalhão de Guardas do Rio de Janeiro. Logo, Luiz estava tocando nos bares do Mangue, em busca de trocados. Acabou sendo convidado a tocar nos cabarés da Lapa. Nessa época, seu repertório eram tangos, fados, valsas, foxtrotes, dentre outros. No mesmo período apresenta o *Vira e Mexe* no show de calouros da Rádio Tupi, coordenado por Ari Barroso, o mais cotado da época, e consegue nota máxima e um bom prêmio em dinheiro (VASCONCELOS, 2019).

No dia 14 de março de 1941, Luiz gravou dois discos como solista de sanfona. No primeiro: a mazurca *Véspera de São João* e *Numa Seresta*. No segundo: *Saudade de São João del Rei* e *Vira e Mexe*, o premiado "Chamego" de sua autoria. Fez carreira no rádio e começou a lutar para cantar e gravar as músicas nordestinas. Foi em busca de um parceiro nordestino e conhece o advogado cearense Humberto Teixeira. Sua música agora seria acompanhada de sanfona, triângulo e zabumba. Entre os sucessos da parceria, destacam-se: *Baião*, *Asa Branca*, *Kalu*, *Paraíba*, *Assum Preto*, dentre outras. Se consagrou, a partir dos anos 1940 e 1950, como o *Rei do Baião*, chamado também de *Mestre Lua* ou *Gonzagão*.

3. Capa do LP<sup>20</sup> *Quadrilhas e Marchinhas Juninas*, lançado em 1965



Fonte: Google.

Dentre toda a importante obra de Gonzagão gostaria de destacar os LP's *Quadrilhas e Marchinhas Juninas*, volumes 1 e 2, lançados em 1965 e 1979, respectivamente. Desde então as composições destes álbuns, como por exemplo a marcha junina "Olha Pro

---

<sup>20</sup> Long Play.

Céu", embalam festas juninas em toda parte do Brasil. Sobre Gonzagão, "sua presença no imaginário nacional até os dias de hoje, especialmente no período das festas juninas, ainda é muito marcante, tendo visibilidade também em âmbito mundial" (VASCONCELOS, 2019, p. 03).

#### 4. Contracapa do LP *Quadrilhas e Marchinhas Juninas*, lançado em 1965

BBL-1342

BBL-1342

## Quadrilhas e Marchinhas Juninas

### LUIZ GONZAGA

#### LADO A

1. **FIM DE FESTA** — polca  
(Zéso Borborema)
- POLCA FOGUEIRA**  
(Luiz Gonzaga)
- LASCANDO CANO** — polquinha  
(Luiz Gonzaga-Zédenatás)
- PAGODE RUSSO** — polca  
(Luiz Gonzaga)
- FOGUEIRA DE SÃO JOÃO** — polquinha **3:38"**  
(Luiz Gonzaga-Carmelina)
2. **OLHA PRO CÉU** — marcha junina **2:45"**  
(José Fernandes-Luiz Gonzaga)
3. **SÃO JOÃO NA ROÇA** — marcha junina **2:12"**  
(Zédenatás-Luiz Gonzaga)

#### LADO B

1. **FOGO SEM FUZIL** — polquinha **2:37"**  
(Luiz Gonzaga-José Marcelino)
2. **QUERO CHÁ** — polquinha **2:09"**  
(José Marcelino-Luiz Gonzaga)
3. **MATUTO DE OPINIÃO** — marchinha **2:05"**  
(Luiz Gonzaga-Gonzaga Jr.)
4. **BOI BUMBA** — motivo popular **3:02"**  
(Luiz Gonzaga-Gonzaga Jr.)
5. **O MAIOR TOCADOR** — marchinha **2:20"**  
(Luiz Guimarães)
6. **PIRIRI** — marcha junina **2:17"**  
(João Silva-Albuquerque)

Capa: Foto gravitaciona colada pela Nektia off FREEMAN.

Embora não ostentando o mesmo esplendor de que se reventava no passado, as festas de São João constituem, mesmo assim, um período dos mais pitorescos e alegres do ano, numa era em que os foguetes mais admirados são, não os de taboca e pólvora, mas estes que estão sendo lançados por si rumo no cosmo.

É bem verdade que em alguns recantos do País esta tradição junina, tão rica em sabor folclórico, continua sendo observada dentro da maior autenticidade, o que não poderia acontecer, obviamente, nas grandes capitais. Já imaginaram, por exemplo, as maiores praças do Rio ornamentadas por enormes e crepitantes fogueiras, com românticos mancebos e donzelas saltando por cima das labaredas, batatas doces e espigas de milho verde sendo assados em suas brasaas? O povo das grandes cidades, entretanto, contornou o problema de maneira brilhante: procurou os clubes dos bairros e ali construiu fogueiras mecânicas (sem fumaça, sem calor) e levou as batatas e as espigas para a cozinha. Uma atitude muito acertada, pois que foi mantido aceso o «espírito junino», servindo o fato para demonstrar que, apesar das

infatigáveis investidas de costumes estrangeiros no sentido de estabelecer-se entre nós, o São João continua bem vivo no coração brasileiro.

Mas, lembrando — e revivendo mesmo — o velho esplendor do São João de antigamente, artistas realmente genuínos como Luiz Gonzaga são os principais responsáveis pela continuação, através dos anos, desta tão grata tradição, espalhando por este imenso território gravações de música junina para serem dançadas tanto nos clubes grã-finos das metrópoles como nos modestos — mas animadíssimos — salões do mais recôndito sertão.

Em mais uma de suas memoráveis contribuições fonográficas, eis que o Rei do Baile nos surge agora com um magnífico festival de músicas juninas. Delas cinco foram gravadas como números de quadrilha puramente instrumentais — a sanfona de Gonzaga coadjuvada por conjunto típico nordestino — enquanto as oito restantes foram enriquecidas pela interpretação vocal do «Luaz».

Os maiores artistas do Mundo gravam em Discos RCA Victor

Fonte: Google.

5. Capa do LP *Quadrilhas e Marchinhas Juninas* Volume 2, lançado em 1979



Fonte: Google.

Buscando caminhos para compreender como os aspectos musicais das quadrilhas francesas se transformaram e como os ritmos, e outras simbologias, nordestinas brasileiras se tornaram sinônimo de tradição e autenticidade das quadrilhas, vejo a obra de Luiz Gonzaga, e principalmente os álbuns citados, como um caminho de fortalecimento destas referências.

Na contracapa do LP *Quadrilhas e Marchinhas Juninas*, lançado em 1965, há um texto, onde não se identifica o autor, que exalta a importância do repertório musical ali apresentado para a continuação da tradição da música junina em todo o Brasil. Observe abaixo este trecho:

Mas, lembrando – e revivendo mesmo – o velho esplendor do São João de antigamente, artistas realmente genuínos como Luiz Gonzaga são os principais responsáveis pela continuação, através dos anos, desta tão grata tradição, espelhando por este imenso território gravações de música junina para serem dançadas tanto nos clubes grã-finos das metrópoles como nos modestos – mas animadíssimos – salões do mais recôndito sertão. (Autor não identificado, 1965)

Sobre o repertório musical o texto prossegue dizendo que "delas, cinco foram gravadas como número de quadrilha puramente instrumentais – a sanfona de Gonzaga coadjuvada por conjunto típico nordestino [...]" demonstrando também um período de transição entre o repertório instrumental e as canções com letra, pois prossegue dizendo que "as oito restantes foram enriquecidas pela interpretação vocal do 'Lua'".

A obra musical de Luiz Gonzaga não se pretende ser objeto de investigação nesta pesquisa mas aponto como desdobramento. Carece de pesquisas posteriores neste sentido, mas o que se está levando em consideração aqui é a predominância deste artista e de suas composições musicais nas festas, grupos e espetáculos juninos pelo Brasil afora.

Quando observo as danças indígenas, a exemplo do *Toré*, com forte marcação dos pés, em sintonia com o toque dos maracás e cantigas rituais, marcando o tempo forte do ritmo, vejo semelhança com a movimentação de

outras danças nordestinas brasileiras, que reproduz uma enérgica batida de pés, como o côco de roda, o pisa-pólvora, o samba de parrelha e o xaxado<sup>21</sup>. Estas danças fazem parte do ciclo junino de festas brasileiras, geralmente acompanhado de instrumentos percussivos, a exemplo do instrumento zabumba.

Segundo José *Nhenety* (GERLIC; SOUSA, 2005)<sup>22</sup>, guardião da memória da etnia *Kariri-Xocó* (do município Porto Real do Colégio, Alagoas) "o termo *Toré* provém do idioma tupi, instrumento de sopro usado no canto" (p. 09) e, fazendo referência à dança circular, diz que sua forma "acompanha os movimentos dos fenômenos, a estrutura arredondada da terra, sol e lua" (p. 10) e descrevendo um pouco a respeito da execução desta dança *Nhenety* continua: "as mãos dadas no *Toré* é a união grupal pela tradição, pisando no solo sagrado com pingos de suor no esforço coletivo de afirmação étnica"<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Dança de origem pernambucana que teve sua divulgação e afirmação através do movimento do cangaço e o bando de Lampião.

<sup>22</sup> A cartilha *Cantando as Culturas Indígenas* foi produzido pela ONG Thydêwá, em conjunto com professores indígenas de sete etnias do Nordeste brasileiro.

<sup>23</sup> GERLIC; SOUSA. *Op. cit.*, p. 10.



6. Dança do *Toré*, etnia *Kariri-Xocó*, Reserva *Thá Fene*, Lauro de Freitas, Bahia, 2007



Foto: Paolo Mendes Veras.

Ainda sobre o *Toré*, a professora indígena Wilman *Pataxó Hâhãhãe*<sup>24</sup> (município de Pau Brasil, sul da Bahia), diz que compõem cantigas e as utiliza como recurso importante em processos de ensino aprendizagem com crianças e jovens da comunidade, fazendo perceber a movimentação característica desta dança, de pisar os pés no chão com bastante força, através das seguintes composições<sup>25</sup>:

---

<sup>24</sup> Atua no Ensino Fundamental I na Escola Estadual Indígena Caramuru (Pau Brasil/Bahia).

<sup>25</sup> GERLIC; SOUSA. *Op. cit.*, p. 10.

[...]  
*Com o rosto pintado, maracá na mão,  
Com o rosto pintado, maracá na mão.  
Nós vai a nossa luta com Tupã no coração,  
Nós vai a nossa luta com Tupã no coração.  
Nós pisa aqui, pisa ali, pisa acolá,  
Nós pisa aqui, pisa ali, pisa acolá.  
Nós chegou foi com Tupã, com tupã nós chega lá,  
Nós chegou foi com Tupã, com tupã nós chega lá.*  
[...]

*Meu papagaio seu canto é bonito, que veio tão lindo do lado  
de lá,  
Meu papagaio seu canto é bonito, que veio tão lindo do lado  
de lá.*

*Pisa, pisa, quero ver pisar. Terreiro dos índios de Ororubá!  
Pisa, pisa, quero ver pisar. Terreiro dos índios de Ororubá!*

O verso "pisa, pisa, quero ver pisar" demonstra literalmente o movimento que se executa nesta dança. O ato de pisar o chão, visto no *Toré*, também se vê no côco, na marcha, no xaxado, dentre outras danças. Gesto carregado de significados existenciais e simbólicos, a exemplo da relação com o centro da terra. As assimilações com a cultura indígena se deram não apenas no aspecto artístico musical ou coreográfico, mas também no aspecto do sentido ou motivo da festividade. Ou seja, a quadrilha europeia passou a ser dançada aqui no Brasil pelos povos mestiços, incorporando algumas movimentações e gestos indígenas e também numa época do ano em que ocorriam as colheitas, grande motivo de celebração por parte dos indígenas, inclusive

com a presença da fogueira. Sendo assim *Nhenety* afirma que:

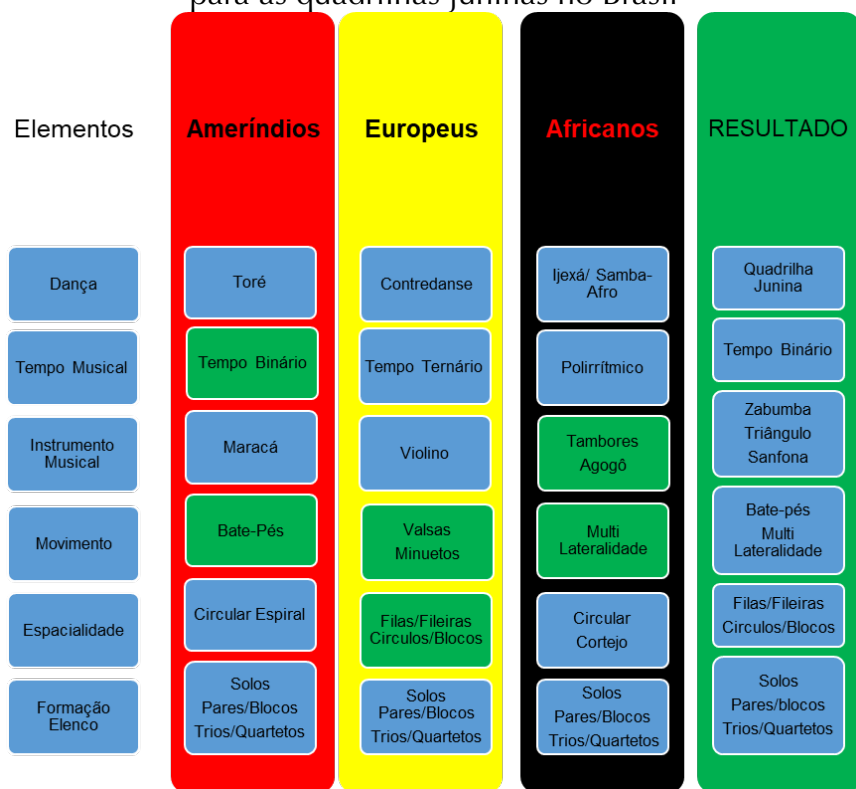
Para haver um *toré* é necessário ter um motivo de alegria. Na agricultura, por exemplo, os agricultores aprenderam essa atividade com outras pessoas da tribo, mas eles só serão reconhecidos pelo grupo quando plantarem, cuidarem da lavoura, pedirem as bênçãos do Deus Criador para ter uma boa colheita e apresentarem no *Toré*, o milho bonito e saudável. O canto atesta o sucesso de qualquer atividade cultural [...]. (GERLIC; SOUSA, 2005, p. 10)

Numa tentativa de entender quais elementos artísticos compõem as quadrilhas juninas no Brasil a partir da reunião de aspectos das diversas culturas que se entrecruzaram no território brasileiro, desenvolvi este diagrama a seguir, supondo algumas contribuições culturais ameríndias, africanas e europeias. Não há dúvida que se faz necessário uma pesquisa aprofundada sobre esta questão, analisando com atenção os aspectos rítmicos e coreográficos que na quadrilha se estabelecem.

Sendo assim, observo que as danças indígenas colaboraram sensivelmente para movimentação corporal dos ritmos e danças nordestinos mencionados, caracterizando parte do modo de dançar quadrilha no Nordeste brasileiro e contribuindo para o formato *Arromba Chão*, utilizado na década de 1980 entre as quadrilhas de Salvador e Região. Também chamado de

*passo marcado*, o estilo *arromba chão* se configurava em bater os pés fortemente contra o chão, marcando o tempo forte do ritmo da Marcha, reproduzido pelo instrumento percussivo zabumba, de modo a promover sonoridade através dos tablados de madeira, que serviam de palco nos concursos de quadrilhas.

**Diagrama 1.** Contribuições das diversas matrizes culturais para as quadrilhas juninas no Brasil



Autoria: Soiane Gomes.

De acordo com a pesquisa do etnomusicólogo e instrumentista paraibano Gledson Dantas, sobre a zabumba ele diz:

Classifica-se como um instrumento membranofone, um tambor cujo som é obtido quando se percute uma membrana (ou mais de uma). É um tambor cilíndrico oco, que tem suas extremidades cobertas por duas membranas, uma em cada lado, onde uma produz um som grave e a outra um som mais agudo. (2014, p. 62-63)

#### 7. Luiz Gonzaga e seu trio de forró com zabumba, sanfona e triângulo



Cacau (zabumba), Luiz Gonzaga e Salário Mínimo (triângulo)

Fonte: *Blog Musicaria Brasil*<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://musicariabrasil.blogspot.com/2012/06/luiz-gonzaga-e-cem-sua-vida-de-viajante.html>>.

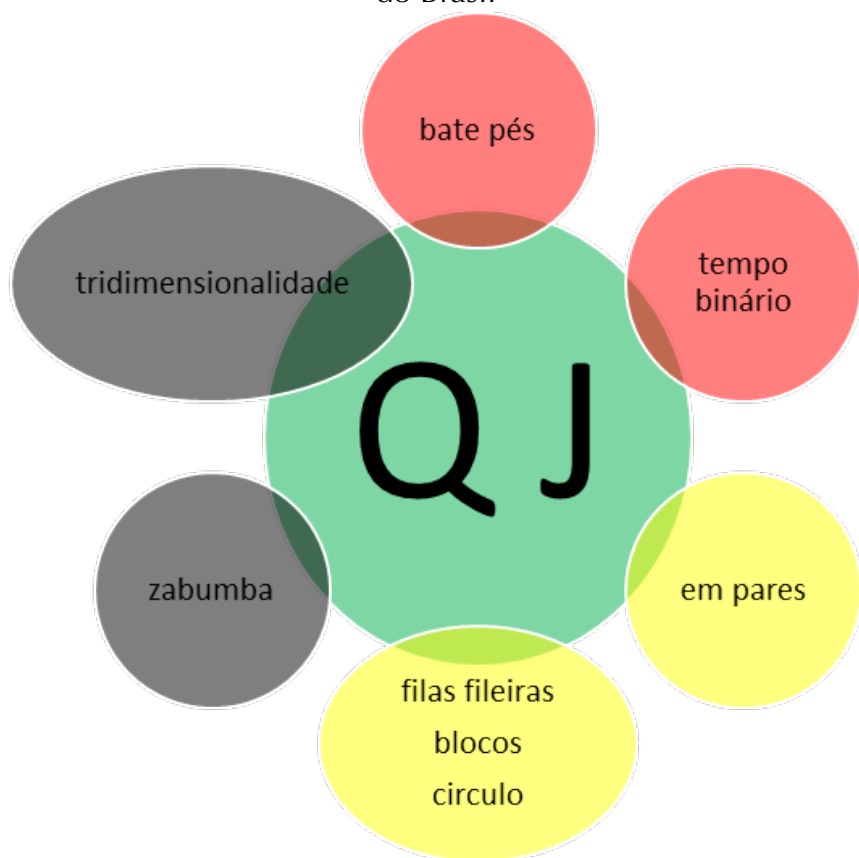
Darei maior atenção e detalhes ao estilo *Arromba Chão*, ou *passo marcado*, no segundo capítulo, onde apresento também o estilo *Elite* ou *Luxo*, que se contrapõe ao primeiro no modo de vestir e dançar.

Em resumo ao diagrama 1, que apresenta diversas possibilidades de elementos, apresento no diagrama 2 que a quadrilha junina (Q. J.) traz em si os movimentos de bate-pés e o tempo (pulsção rítmica musical) binário do ameríndio; a configuração dos dançarinos em pares e a espacialidade em filas, fileiras, blocos e círculos mantida da base europeia; a contribuição africana se personifica no zabumba, o principal, e um dos instrumentos musicais percussivo utilizados para marcar os ritmos nordestinos, e a movimentação tridimensional, com giros, flexões de tronco, braços e pernas com grande variedade de direções e os deslocamentos espaciais de todo o grupo.

A dança da quadrilha tem como característica marcante as sucessivas transformações e adaptações rítmicas e coreográficas que ocorreram desde a sua origem na Europa, quando da *country dance* inglesa se tornou *contredanse* francesa e posteriormente absorveu figuras espaciais da *cotillon*. E com o advento da colonização esta dança ganhou o mundo e em cada lugar se reconfigurou de maneiras diferentes. O diagrama a seguir é minha observação dos elementos que caracterizam a quadrilha no Brasil, no Nordeste e na Bahia, respeitando

que existem diversos formatos de quadrilha junina pelo Brasil afora.

**Diagrama 2.** Elementos que compõem as quadrilhas juninas do Brasil



Autoria: Soiane Gomes.

Diante de tantas diferentes configurações das quadrilhas juninas brasileiras, se faz necessário "aprender um outro ABC" na tentativa de entendimento do modo soteropolitano de fazer quadrilhas, objeto desta pesquisa.

Esse "outro ABC" diz respeito a uma busca por pesquisas anteriores que possibilite compreender as transformações estéticas das quadrilhas, estimuladas (ou não) pelos concursos televisivos e pela carência de políticas públicas para o referido segmento cultural.

LÁ NO MEU SERTÃO, PROS CABOCLO LÊ  
TÊM QUE APRENDER UM OUTRO ABC:  
ENTENDIMENTOS SOBRE QUADRILHAS  
JUNINAS E OS CAMINHOS  
METODOLÓGICOS DA PESQUISA

*Lá no meu sertão pros caboclo lê  
Têm que aprender um outro ABC  
O jota é ji, o éle é lê  
O ésse é si, mas o érre  
Tem nome de rê  
Até o ypsilon lá é pissilone  
O eme é mê, o ene é nê  
O efe é fê, o gê chama-se guê  
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê  
A, bê, cê, dê  
Fê, guê, lê, mê  
Nê, pê, quê, rê  
Tê, vê e zê*

(Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1953)

Quando percebi que sobre as quadrilhas juninas da Bahia haviam poucas pesquisas acadêmicas, me vi num



desafio para "narrar" a história da quadrilha soteropolitana, pois para tal "tive que aprender um outro ABC". Conheci alguns trabalhos acadêmicos sobre quadrilhas de outros estados e iniciei meus escritos com algumas reflexões e impressões, enquanto cursava disciplinas como aluna especial em quatro programas diferentes, de 2007 a 2015, na tentativa de ingressar finalmente como aluna regular.

Depois de um certo tempo tive acesso à dissertação *São João do Pelô: (Re)significações da Tradição no Espetáculo Junino*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal da Bahia, de Catarina Santos (2014), que se debruçou sobre o evento junino "São João do Pelô" promovido pelo Governo do Estado, onde as quadrilhas tinham palco para um concurso estadual que ocorreu de 2008 a 2013, situado na Praça Municipal.

Para compreender a lógica da festa no geral e da participação dos grupos de quadrilhas juninas, Santos (2014) conversou com alguns quadrilheiros e com a gestão do campeonato buscando transmitir o que significava quadrilha e a importância deste evento para o segmento.

A pesquisa de Santos trouxe contribuições importantes para o entendimento das transformações socioculturais relacionadas às festas juninas que reverberam na

espetacularização das quadrilhas, reflexões a partir de autores como Canclini (2000), Castro (2012) e Chianca (2010).

Segundo Santos (2014, p. 123) "as transformações culturais que as quadrilhas sofreram correspondem a uma forma de adaptação a novas realidades sociais e aos novos sujeitos". A autora se refere ao convívio entre o tradicional e o moderno, entre o rural e o urbano e que, "não se valorizam as manifestações culturais que se reinventaram sob novos contextos e novos atores".

A autora passa então a refletir as particularidades dos concursos, os critérios exigidos, as normas, os tempos preestabelecidos para as apresentações e as consequências disso, que interfere na espontaneidade com que os grupos agiam até então, chegando a afirmar que, "com passos previamente ensaiados e marcados, o improvisado é completamente abominado" (SANTOS, 2014, p. 125), apontando de que maneira os concursos tem ação de interferência naquilo que tem em sua essência a espontaneidade.

Sobre o aspecto dos concursos estimularem as transformações nas quadrilhas, temos o depoimento do ator, músico e compositor de quadrilhas Roberto Brito, trazendo a seguinte reflexão:

A influência dos concursos de fora (do estado) que, a própria FEBAQ vai exigindo ou sugere que, as quadrilhas que não comecem a "andar pelo caminho" não conseguirão "entrar". Simplesmente isso! Se você vê uma quadrilha com "aquele" formato e indo pra todos (os concursos) ora! você há de imaginar que se você não segue o caminho, que aquela quadrilha tá indo, você nunca vai conseguir! Então as quadrilhas começam a ir por aquele caminho, pois aquele caminho é o desejado pelos concursos. A partir do momento que, talvez explique um pouco do porque as quadrilhas comecem a modificar, talvez os concursos tenham, sim, parte nisso, mesmo aqui em Salvador, aí tem que localizar, os concursos começaram a privilegiar, ou dar premiações, pra determinado tipo de estrutura de quadrilha. As outras quadrilhas que não ganhavam, começando a olhar aquilo começaram a pensar: "talvez pra eu ganhar eu precise fazer uma coisa assim". (BRITO, 2019)<sup>27</sup>

Pouco a pouco os critérios dos concursos foram provocando uma "padronização" das quadrilhas, pois, para serem premiadas, as quadrilhas foram investindo cada vez mais no "espetáculo" introduzindo recursos onerosos como cenários, contratações de profissionais, aprimoramento dos figurinos e adereços, no intuito de se aproximarem esteticamente de outros grupos premiados. Ao longo dos anos, o retorno financeiro das premiações de concurso ficou desproporcional aos gastos para a produção dos espetáculos, exclusivos para concursos.

Meu entendimento sobre a situação na qual hoje as Quadrilhas Juninas da cidade de Salvador se encontram é

---

<sup>27</sup> Roberto Brito, em entrevista concedida em maio de 2019.

que as dificuldades de manutenção dos grupos se dá pela falta de políticas públicas na área cultural. Também devido às desigualdades sociais e econômicas no Brasil, advindas do período escravocrata e que se perpetua através do racismo institucional e estrutural.

Há, paralelamente, a perda de poder de decisão dos grupos juninos, diante das "regras" impostas pelas mídias, patrocinadores e federações representativas. Estas representações contribuem para a espetacularização da cultura junina, estimulando a super produção de espetáculos temáticos, gerada pelo caráter demasiadamente competitivo em que os concursos se estabeleceram.

Observe a seguir um importante comentário da folclorista baiana, Hildegardes Viana, em entrevista ao jornal A Tarde, a respeito da padronização, ou descaracterização, dos grupos juninos em âmbito nacional.

8. Recorte do Jornal A Tarde, 17 de junho de 2000

"A padronização das quadrilhas é no Brasil inteiro. O modismo está descaracterizando as nossas quadrilhas juninas", acredita a estudiosa em folgedos folclóricos, dizendo ainda que a dança junina permite algumas variações dentro das características do São João. "Os casais das quadrilhas podem mudar alguns movimentos, mas descaracterizar completamente, não", limita Hildegardes Viana.

Fonte: acervo Cid Brito.

O que antes era uma brincadeira na comunidade ou na escola, no período das festas juninas, foi tomando uma proporção maior no intuito de participar de concursos populares, "de bairros", cada vez mais disputados. Todo esse movimento de concursos populares de quadrilhas

chamou a atenção de algumas emissoras de TV em Salvador, que passaram a produzir seus próprios concursos, a exemplo da TV Itapuã com o concurso Ao Pé da Fogueira e a TV Aratu com o concurso Arraial do Galo. Tais eventos estimularam o surgimento das quadrilhas estilizadas ou "de competição", tendo em vista que os grupos juninos passaram a elaborar complexas coreografias e composições musicais, a partir de temas diversos, deixando de lado características tradicionais ou "matutas".

Em suas narrativas, o Professor Agnaldo Silva nos conta que:

[...] o Ao Pé da Fogueira, na primeira etapa, era com as músicas tradicionais: xote, xaxado, baião. As quadrilhas começaram a fazer musicalidade já na segunda ou terceira etapa do programa. (SILVA, 2019)<sup>28</sup>

Entre as décadas de 1980 e 1990, através da transmissão do concurso televisivo intitulado *Ao Pé da Fogueira*, realizado pela TV Itapuã, vi pela primeira vez as quadrilhas juninas estilizadas. Os grupos de quadrilha tradicional ou quadrilha matuta, passaram a elaborar grandes espetáculos juninos, para participarem deste concurso específico.

---

<sup>28</sup> Agnaldo Silva, em entrevista concedida em setembro de 2019.

Sobre o concurso Ao Pé da Fogueira, Zezé Sacramento comenta:

[...] na verdade, esses concursos, quando a gente começou a assistir na televisão, que passava ao vivo naquela época, foi o que motivou muitas quadrilhas. Eu acredito que surgiram através dessas aparições na televisão, que era uma coisa que realmente mexia. (SACRAMENTO, 2019)<sup>29</sup>

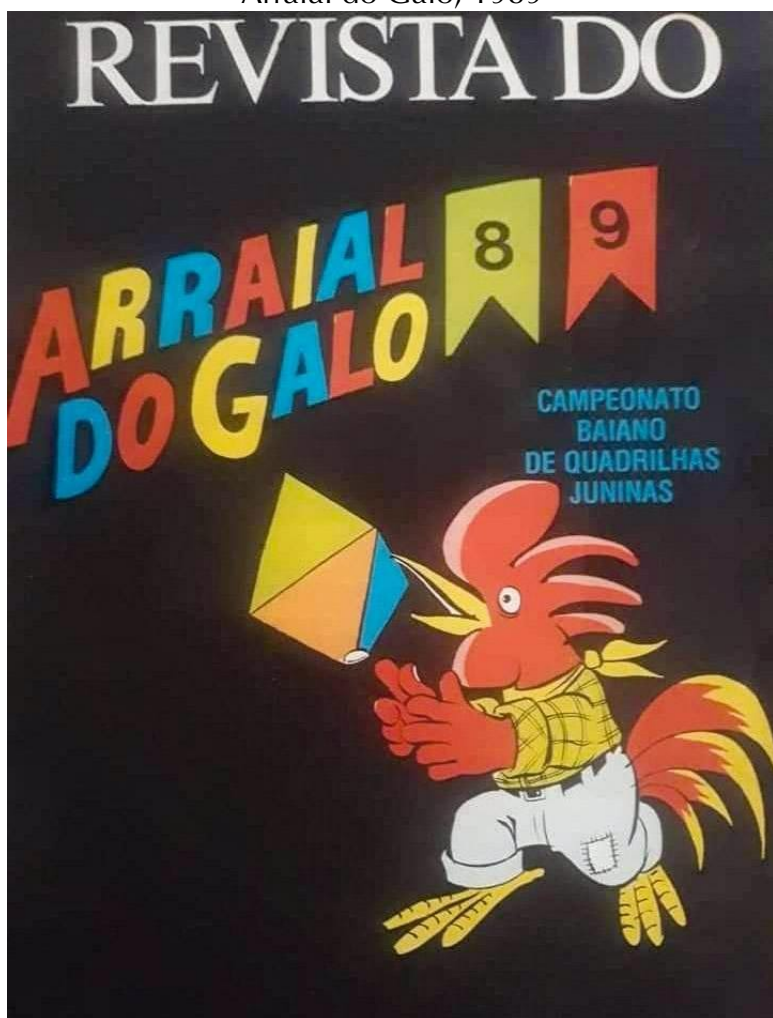
As eliminatórias deste concurso eram gravadas aos sábados na quadra de esportes do SESI, bairro do Retiro, e a grande final era gravada no extinto Ginásio de Esportes Antônio Balbino, o Balbininho, e transmitida aos domingos pela manhã, nos meses de maio e junho.

As gravações e transmissões dos concursos atraíam grande número de pessoas como plateia e telespectadores, bem como incentivava o surgimento de novos grupos a cada ano. No ano de 1989 o Arraial do Galo produziu uma revista exclusiva contendo os nomes de todas as 71 quadrilhas adultas participantes, divididas em 6 subgrupos e também entrevistas com pessoas da época.

---

<sup>29</sup> Maria José Sacramento, em entrevista concedida em setembro de 2019.

9. Revista do Campeonato Baiano de Quadrilhas Juninas  
Arraial do Galo, 1989



Fonte: acervo Ricardo Argôlo.

Vi pela primeira vez, ao vivo, as apresentações das quadrilhas juninas, quando acompanhei a quadrilha Arraiá da Alegria no dia em que apresentaram no concurso Arraial do Galo, ano de 1993, realizado no



estacionamento São Raimundo no Vale dos Barris, centro de Salvador. Lembro que era uma arena, um picadeiro com lona de circo, as arquibancadas lotadas, sendo muito difícil conseguir entrar, sentar e assistir às apresentações.

Passado tantos anos, os locais destinados aos concursos de quadrilha, ainda continuam sem acomodações adequadas, onde o público que deseja assistir as apresentações é grande e geralmente, ficam posicionados na área externa aguardando uma oportunidade de acesso, isso demonstra o interesse da comunidade em prestigiar as quadrilhas, mas ainda sem estruturas que lhe acolham de maneira satisfatória.

Ainda sobre a minha primeira experiência num concurso televisivo, percebi que as pessoas chegavam com bastante antecedência, vinham das mais diversas direções de Salvador para torcer pelas quadrilhas dos seus bairros, por isso a arquibancada lotava em poucos minutos. Eu assisti ao evento pelas frestas, por debaixo das arquibancadas, por entre as pernas das pessoas, vendo uma parte, depois outra, ouvindo os gritos das torcidas, uma hora o início, outra hora o final. Escutava o mestre de cerimônia apresentar os grupos, falar o tema, o bairro de origem, o ano de fundação, o nome dos principais autores das coreografias e músicas.

Os processos de espetacularização da quadrilha junina em Salvador passou a acontecer gradativamente, sem que pudéssemos nos dar conta, a partir de tais programas televisivos. Os grupos serviam de atração e motivo de audiência para as emissoras e estes, por sua vez, se desdobravam de todas as formas para elaborar melhor seus espetáculos e trazer sempre "novidades" que lhes garantisse o prêmio no pódio.

Nesse sentido, a abordagem feita nesta pesquisa valoriza o olhar de dentro, que é o de pessoas da comunidade, quadrilheiros envolvidos nestas produções, e o olhar de fora, o olhar de pesquisadores que trazem conhecimentos significativos para compreensão das dinâmicas culturais e suas relações com a contemporaneidade.

A seguir, apresento uma relação dos grupos, na ordem de apresentação, em um Campeonato de Quadrilhas Juninas no ano de 1989.

Esta publicação demonstra a grande quantidade de quadrilhas juninas que buscavam participar do referido concurso, sendo necessário dividir em seis grupos, ou seis eliminatórias, para que todas pudessem se apresentar. Algumas das quadrilhas citadas acima tinham também seu elenco infantil, chamados de quadrilhas mirins.

10. Revista do Concurso de Quadrilhas Juninas Arraial do Galo, TV Aratu. 71 grupos categoria adulto, 1989

<b>GRUPOS DE APRESENTAÇÃO (CATEGORIA ADULTO)</b>		
<p><b>GRUPO 1</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• K Pra Nós</li><li>• Forrobodô</li><li>• Aqui Cheguei</li><li>• Bate Coração</li><li>• Xorroxô</li><li>• 20 Vê</li><li>• Alegria</li><li>• Arraial da Paz</li><li>• Força Jovem</li><li>• Marrom Doçura</li><li>• Beijo Doce</li></ul>	<p><b>GRUPO 2</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Salário Mínimo</li><li>• Revelação</li><li>• Gira Girou</li><li>• Flor da Manhã</li><li>• Pinga Fogo</li><li>• Girassol</li><li>• Bem-Te-Vi</li><li>• Campestre</li><li>• Denguinho de Yayá</li><li>• Desejo</li><li>• Brilho do Sol</li><li>• Brega Chique (T. Neves)</li></ul>	<p><b>GRUPO 3</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Mundo da Lua</li><li>• Ipeca</li><li>• Fogareu</li><li>• Socmar</li><li>• Cabula 1</li><li>• R. D. U.</li><li>• Doce Veneno</li><li>• Arrasta Pé</li><li>• Pura Loucura</li><li>• Emenda</li><li>• Cochilou, Cachimbo Cai</li><li>• Busca Pé</li></ul>
<p><b>GRUPO 4</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Amizade de Paripe</li><li>• Rosa Vermelha</li><li>• Aeróbica Oxigênio</li><li>• Arrôcho Na Roça</li><li>• Última Hora</li><li>• Milho Verde</li><li>• Margaridas (Salinas)</li><li>• Vai Não Vai</li><li>• Esperança</li><li>• Em Festa</li><li>• Cambalacho</li><li>• Jabaculé</li></ul>	<p><b>GRUPO 5</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Simplicidade</li><li>• Jaqueirinha</li><li>• Come Dorme</li><li>• Pau de Arara</li><li>• Em Cima da Hora</li><li>• Tia Jú</li><li>• Arco Íris</li><li>• União de Quadrilha</li><li>• Flor do Campo</li><li>• Ripa na Chulipa</li><li>• Feita Mais Um</li><li>• Bem-Me-Quer</li></ul>	<p><b>GRUPO 6</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Dê K Um Beijo</li><li>• Forró do ABC</li><li>• Koisa Nossa</li><li>• Balão Beijo</li><li>• Alto da Esperança</li><li>• Vai Quem Pode</li><li>• Tia Azul</li><li>• Camponeses</li><li>• Boiadeiro</li><li>• Balão Mágico</li><li>• CIA</li><li>• Amizade</li></ul>

Fonte: acervo Ricardo Argôlo.

Retomando as discussões em que se direcionam esse capítulo, trago um entendimento sobre

"espetacularização", a partir do autor José Jorge de Carvalho (2012), que a define como:

a operação típica da sociedade de massas, em que um evento, em geral de caráter ritual ou artístico, criado para atender a uma necessidade expressiva específica de um grupo e preservado e transmitido através de um circuito próprio, é transformado em espetáculo para consumo de outro grupo, desvinculado da comunidade de origem. (p. 47)

A partir desta citação, faço relação com os concursos de quadrilhas juninas que são produzidos e realizados por emissoras de TV desde a década de 1970 em Salvador. Estes eventos televisivos, colaborou para a extinção dos concursos de bairros, produzidos pelas próprias comunidades, e pressionou indiretamente para a inclusão de novos e dispendiosos elementos às apresentações, a exemplo da contratação de profissionais de dança e música, externos à comunidade, inclusão de cenários e efeitos especiais, o que trouxe aumento das despesas, a falta de retorno dos eventos e a consequente paralisação das atividades de inúmeros grupos juninos.

Confirmando essa afirmação, trago pelas vozes dos sujeitos envolvidos com essa temática suas impressões a respeito dessa questão:

Tem coisas que eu não concordo nas quadrilhas de hoje, esse exagero de tanto gasto. Hoje se você não for bem vestido, se você não tiver roupa cheia de pedras, como nós (Quadrilha Imperatriz do Forró) no ano passado, fomos criticados por um

jurado, que a roupa não tinha brilho! Entendeu? [...] a tradição pode acabar por motivo de custos. – E a premiação do concurso? – não cobre! Você gasta 50 (mil) e você recebe, dependendo do lugar, 5, 4, 3, 8 (mil) [...]. (LOBO, 2019)<sup>30</sup>

Neste depoimento, Dona Nenca, como é carinhosamente chamada a senhora Altamira Lobo, presidenta da quadrilha Imperatriz do Forró, sendo ela mesma a imperatriz homenageada pelo nome do grupo, está se referindo ao concurso da TV Bahia, realizado em Salvador pela primeira e única vez em 2018, ocasião em que o profissional responsável em julgar o quesito Figurino observou, em planilha de notas, que "faltava brilho" à indumentária do grupo. Tal crítica, do referido avaliador, os levou a investir em "novas tendências" em figurinos e sapatos no ano seguinte, 2019. Sobre as "novas tendências" Dona Nenca diz:

Hoje tem que ser umas lindas botas, cada uma mais bonita que a outra. Você pra ornamentar uma bota hoje, você tem que comprar não sei quanto de manta, de pedras, pra ela ficar brilhando. E antes era uma sandalhinha de couro. E a exigência do luxo acaba dificultando e pode terminar as raízes por conta disso. (LOBO, 2019)

Neste caso, as exigências comentadas por D. Nenca acerca dos concursos televisivos, demonstra de forma enfática o funcionamento da indústria do entretenimento,

---

<sup>30</sup> Altamira Lobo ou Dona Nenca, em entrevista concedida em maio de 2019.

os quais têm estreita relação com o termo "espetacularização", como ainda explica Carvalho:

[...] este termo procura exprimir a percepção e a consciência de que as culturas populares estão sendo expostas a um movimento crescente e contínuo de invasão, expropriação e predação, conectado basicamente com a voracidade das indústrias do entretenimento e do turismo e também com a cooptação de artistas populares por parte de políticos regionais populistas. (2012, p. 41)

As comunidades representadas por suas Quadrilhas Juninas, sequer percebiam que estavam sendo exploradas por esses programas que buscavam audiência, pois se sentiam valorizadas ao "sair na televisão". Para aparecer nos programas e vencer os concursos, as quadrilhas passaram a investir cada vez mais nas novidades como trocas de figurinos, alegorias, muitos adereços, contratação de atores e bandas, dentre outras coisas que deixavam os orçamentos cada vez mais caros. Com o passar dos anos ficou impossível manter o nível e pagar as contas, sendo assim muitos grupos deixaram de sair e encerraram as atividades.

A quadrilheira e arte-educadora Solange Simões, fundadora e presidente da extinta Quadrilha Pinga Fogo, do bairro do Uruguai, faz uma importante reflexão sobre os concursos televisivos:

A televisão nunca respeitou de verdade o trabalho dos quadrilheiros. Na época em que a gente participava era super legal, a gente gostava, mas quando você vai fazer uma análise crítica, de como é a sua participação, quem se beneficiava era a televisão. Mostrava o nosso trabalho e nós, inclusive, éramos maltratados lá, quando a gente ia para as reuniões, era super complicado. Tinha todo um contexto de maltrato, pela questão do preconceito. (SIMÕES, 2020)<sup>31</sup>

Este preconceito, o qual se refere a Solange Simões, estava relacionado ao contexto socioeconômico dos quadrilheiros, pois se tratavam de pessoas pretas e pobres oriundas dos bairros periféricos de Salvador, que eram discriminadas pelos coordenadores das emissoras de TV. Este preconceito e discriminação, que advém das elites dominantes, devido o sistema escravocrata, se aplica à toda expressão da cultura popular, geralmente construído pelas comunidades indígenas, negras e pobres em todo o Brasil.

Ainda com relação aos concursos, o professor de Educação Física, e quadrilheiro, Agnaldo Espiridião, fundador da extinta Quadrilha Balão Beijo, do bairro do Pau Miúdo diz:

Concurso de televisão a gente sentia a estrutura, as condições, e não tinha ajuda nenhuma pra facilitar uma compra de tecidos, uma loja que desse um abatimento lá, em troca de propaganda. Nada! Nem transporte, nada disso. O transporte era por nossa conta, ou alguém conseguia emprestado com

---

<sup>31</sup> Solange Simões, em entrevista concedida em junho de 2020.

alguma empresa ou a gente fazia pedágio e alugava o ônibus.  
(ESPIRIDIÃO, 2019)<sup>32</sup>

O comentário de Agnaldo Espiridião nos revela que a manutenção das quadrilhas na Bahia se dá apenas através do investimento de seus diretores e dançarinos que pagam carnê mensal e, após o espetáculo pronto, fazem apresentações em troca de míseros cachês e participam de escassos concursos de quadrilhas, cujas premiações não atingem sequer a metade dos investimentos.

Os grupos juninos da Bahia e de Salvador não contam com políticas públicas para a cultura junina, não têm edital próprio, não são reconhecidas como expressão cultural que mereçam proteção do Estado, não captam verba pública e a Federação Baiana de Quadrilhas em 13 anos nunca desenvolveu nenhum projeto de emancipação e autonomia dos grupos, somente acirrou a competitividade através da promoção de concursos.

Segundo o produtor Carlos Borges da TV Aratu, presente na imagem que veremos em seguida, no ano de 1989 participavam do concurso Arraial do Galo "mais de 150 quadrilhas envolvendo milhares de dançarinos populares, músicos e organizadores, num universo que ultrapassa as 100 mil pessoas", em suas palavras.

---

<sup>32</sup> Agnaldo Espiridião, em entrevista concedida em novembro de 2019.



Apresento abaixo um importante documento, emitido pela própria emissora TV Aratu, promotora do concurso Arraial do Galo, onde se apresenta um texto redigido por Carlos Borges onde ele justifica a "retomada" da realização do Arraial do Galo como estímulo ao "momento de estagnação" em que vivia o movimento de quadrilhas. Isso me leva a perceber que este concurso já se realizava em anos anteriores, suspendeu atividades por um tempo e que nesta ocasião estava retornando com a certeza do sucesso, dizendo conhecer bem "o meio" e tendo prévia experiência em "muitos concursos similares".

Esta certeza vinha da inegável importância que o movimento de quadrilhas demonstrava enquanto atividade cultural na Bahia, pois era garantia de muita audiência, tanto nas gravações ao vivo que "superlotavam ginásios", quanto de telespectadores que assistiam em suas casas. As aparições das quadrilhas na televisão era algo que mobilizava suas comunidades, tanto nas produções em dança e música, bem como na apreciação dos espetáculos juninos depois de prontos.

## 11. Carlos Borges, Gerente de Produção da Tv Aratu e concurso Arraial do Galo, 1989



Fonte: acervo Ricardo Argôlo.

Transcrevo na íntegra o referido texto:

Quando surgiu a ideia de retomar a realização do "Arraial do Galo" na TV ARATU tínhamos nas mãos não só a certeza de que as chances de sucessos eram ponderavelmente grandes, como acreditávamos que o chamado "movimento quadrilheiro" baiano, vivia um momento de estagnação, precisando de novos estímulos.

Conhecendo o meio como conhecemos e com a experiência de muitos concursos similares, chegamos à conclusão que as inovações postas em prática no "Arraial do Galo" vão colocá-lo muito à frente em matéria de concurso de quadrilhas.

Houve um tempo em que fazer quadrilha junina era o resultado unicamente de esforço pessoal, amor e dedicação. Esse esforço, amor e dedicação permanecem vivos, mas fazer quadrilha é hoje uma atividade cultural importantíssima. São mais de 150 quadrilhas envolvendo milhares de dançarinos populares, músicos e organizadores, num universo que ultrapassa as 100 mil pessoas.

Os concursos oficiais – pelo menos quatro deles podem ser considerados de grande porte – superlotam ginásios e revelam a força de uma cultura popular que, se esteve ameaçada, hoje é vibrante e entusiasmada.

A TV ARATU faz o "Arraial do Galo" com seriedade e profissionalismo respeitando as regras dos "Quadrilheiros" oferecendo prêmios nunca vistos e uma organização impecável. Afinal de contas, ARRAIÁ É COISA SÉRIA.  
(BORGES, 1989)

Observando os materiais de divulgação do concurso Arraial do Galo, que posteriormente mudou o seu nome para O Galinho, percebo a drástica redução quantitativa de quadrilhas juninas que costumavam participar, num intervalo de 30 anos (1989-2019), passaram de 150 para

apenas 16 grupos, oriundas de Salvador, região metropolitana e municípios de outros territórios da Bahia.

**12.** Material de divulgação do concurso de quadrilhas O Galinho 2019, produzido pela TV Aratu, TV SBT e FEBAQ

O cartão de divulgação do concurso de quadrilhas "O Galinho 2019" apresenta um design festivo com uma faixa de bandeirinhas coloridas e luzes amarelas no topo. No canto superior esquerdo, o ano "2019" está em um adesivo de papel. No centro, há três logos: o da FEBAQ (Federação Baiana das Quadrilhas Juninas), o do "YOU PRO GALINHO!" e os logos da TV ARATU e da SBT. Abaixo, dois painéis de madeira abertos revelam o cronograma das apresentações para o sábado e o domingo.

SÁBADO 01/06 - 16:h	DOMINGO 02/06 - 13:h
17:30h - FULÔ DE CAJU	Partc. GERME DA ERA
18:20 - BALÃO JUNINO	14:00 - CAJU DE OURO
19:10 - SANTA CRUZ	14:50 - SAÚDE NORDESTINA
20:00 - FLOR LARANJEIRA	15:40 - FORRÓ DO ABC
20:50 - PÉ NO CHÃO	16:30 - XIADO DO XINELÓ
21:40 - NASCENTE NORDESTINA	17:20 - ESMERALDA
22:30 - CIA DA ILHA	Partc. FORRÓ DO LUAR
23:20 - ASA BRANCA	
00:10 - IMPERATRIZ	

Fonte: FEBAQ.

O que explica essa diminuição dos grupos juninos que outrora lotavam ginásios e mobilizavam tantas comunidades? Onde estão esses grupos, será que encerraram atividades? Ou, se mantiveram as atividades, porque deixaram de participar deste concurso? São perguntas que somente os quadrilheiros mais antigos, que atuaram na década de 1980 e 1990, saberiam

responder, por isso a importância desta pesquisa acadêmica.

Tais indagações são recorrentes entre os quadrilheiros soteropolitanos, por isso que as faço aqui neste livro. Por isso busco respostas que, talvez, somente as encontrarei nos anos seguintes, a partir dos desdobramentos desta pesquisa. Trago a seguir um debate feito em 2016, na rede social *Facebook*, provocado pelo quadrilheiro Geo Santa Fé, onde ele cita, nada menos que, 112 grupos de quadrilhas juninas e finaliza fazendo as seguintes perguntas: "Onde foi que erramos? Contra 'quem' ou 'o quê' estamos disputando?", em uma indireta aos concursos, onde disputamos a preferência dos jurados e que subjetivamente acredita ser o que provocou a redução dos grupos.

Na segunda imagem, com respostas às indagações do quadrilheiro Geo Santa Fé, destaco as respostas de Adilson Fiuza e Taise Brandão, quadrilheiros desde a infância, indicando nomes de mais alguns grupos para completar a lista de grupos extintos em Salvador. Em seguida aparecem tentativas de resposta e demonstram que algo estranho paira no ar, foi o que percebi a partir do foi dito: "[...] tenho um milhão de situações que contribuíram para a extinção de nosso movimento, mas não mencionarei, pois prefiro [...] não polemizar, para não ser ainda mais perseguido. Estou de mordanças e vendo esta cultura morrer, a culpa é minha, o erro é

meu!" nas palavras do quadrilheiro marcador Eduardo Gois, nos deixando intrigados sobre quem ou o que o está amordaçando.

### 13. Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016



Geo SantaFé

24 de março de 2016 · 🧑

...

Arrasta Pé, Alegria, Amizade, Aeróbica Oxigênio, Amizade de Paripe, Aki Cheguei, ABC, Arraial em Festa, Arco-Iris, Arrouxo na Roça, Arraiá da Paz, Aurora, Arraiá da Vila, Amigos da Shelp, Arraiá 20 Vê, Arraiá do Zezinho, Arraiá do Desejo, Arraiá do Ipecá, Arraiá das Margaridas...  
Balão Beijo, Bate Coração, Busca Pé, Balão Mágico, Bem me Quer, Boiadeiros do Vale, Brilho do Sol, Bem te Ví, Brega e Chique, Beija- Flôr, Beijo Moreno, Bota não Bota, Balão Dorado...  
Cultural Alto da Esperança, Circo do Beijo Doce, Cambalacho, Camponeses, Cochilou Cachimbo Cai, Cabula 1, Come e Dorme, Campestre, Chapéu de Palha, Chapéu de Couro, Chora meu Bem, Chupa Lelê, Cadê o Ouro, Chula-Chula, Corró Corró, Chame Gente...  
Dinguinho de Iaiá, DK 1 Beijo, Doce Veneno, Delícia Nordestina, Doce Beijo, Dá e Deixa...  
Em cima da Hora, Esperança, Emenda, Espiga de Milho, Engenhos de Olinda...  
Forró do Cia, Fogaréu, Flôr da Manhã, Forrobodó, Força Jovem, Flôr do Campo, Falta mais Um, flôr do Sertão, Fôle, Flôr de Lis, Forró Quentão...  
Gira Sol, Gira Girou...  
Jaqueirinha, Jabaculé, Junina Pau de Arara, Jeca Tatu, João Froxó...  
K Pra Nós, K Entre Nós, Koisa Nossa...  
Labarêdas, Luz do Sol, Lá em Cima...  
Milho Verde, Mundo da Lua, Marron Doçura, Mandacará...  
Pinga Fogo, Poluição...  
Roda Viva, Retratos de um Forró, RDU, Renovação Cabula1...  
Salário Mínimo, Sanfonado, Sanfona D'Ouro, Santa Rita, Santa Fé...  
Terra Viva, Tia Zú, Tia Jú, Tia Angela...  
Ultima Hora...  
Vale dos Rios, Vai não Vai, Vem que Tem...  
Xorroxó, Xamêgo Nêgo, Xote Baiano, Xalé...  
Zé do Baile, Zabumbão...  
Afinal...  
Aonde foi que erramos?  
Contra "quem" ou "o que" estamos disputando?

👍❤️ 47

33 comentários 2 compartilhamentos

Fonte: Facebook.

## 14. Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016



The image is a screenshot of a Facebook post from the profile of Geo Santa Fé, dated 2016. The post has two main interaction buttons at the top: 'Curtir' (Like) and 'Comentar' (Comment). Below the post, there are seven comments from different users, each with a profile picture, name, text, and interaction options (like and reply). The comments are as follows:

- Adilson Fiuza:** "Maravilha do Sertão, Chalé" (1 like)
- Rosi Oliveira:** "Tenho saudades de todas era feliz e n sabia rs tudo era tão bom" (1 like)
- Taise Brandão:** "Arrouxo na Roça..." (2 likes)
- Lucio Gregorio:** "Grandes lembranças !!" (2 likes)
- Marcos Ahmad Lima:** "Tempos bons que não voltam mais" (1 like)
- Carlos Eduardo Almeida Gois:** "Meu amigo tenho um milhão de situações que contribuíram para extinção de nosso movimento, mais não mencionarei pois prefiro viver no cheiro das rosas nessas recordações e não polemizar para não ser ainda mais perseguido. Estou de mordanças e vendo esta cultura morrer a culpa é minha o erro é meu." (1 like)
- Adriano Junior Careca:** "Todos nos sabemos sim o q aconteceu,so q ninguem quer atirar a primeira pedra,sera por falta de coragem ? ate outro dia era tudo bom ,tudo normal e derrepente nao e mais ? sabiamos sim q um dia chegaríamos a este ponto mas fizemos de conta q nunca ia acontecer.colocamos uma venda e ficamos calados." (3 likes)

Fonte: Facebook.

A resposta a seguir também se mostra bastante intrigante quando afirma: "Todos nós sabemos sim o que aconteceu! Só que ninguém quer atirar a primeira pedra. Será por falta de coragem? [...] sabíamos sim que um dia chegaríamos a este ponto [...]" proferida por Adriano



Junior. Esta fala responsabiliza os próprios quadrilheiros, seja por omissão ou submissão, quando finaliza afirmando: "colocamos uma venda e ficamos calados", e isto é muito sério, pois demonstra que havia uma certa consciência por parte dos quadrilheiros sobre as transformações e reduções dos grupos.

### 15. Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016



Fonte: Facebook.



Na imagem anterior surge a resposta do Edson Pereira, a qual tenho concordância de opinião, dizendo: "Tem várias vertentes, porém acho que o erro crucial foi não ter fortalecido as quadrilhas mirins", o que tem total coerência, pois Salvador no momento desta pesquisa (2020) conta apenas com dois grupos infantis.

Na imagem a seguir a resposta do Ronny Pereira aponta um motivo também significativo, e que menciono aqui nesta pesquisa, sobre o desaparecimento dos concursos de bairros. Ele diz: "Não devíamos haver (*sic*) permitido que isso passasse, quando os concursos de bairro se estava apagando devagar, e cada vez um concurso menos, aí foi a nossa burrice! De fechar os olhos e não reclamar toda aquela alegria e felicidade de ir de um bairro para outro. Lastimável!". Bom, aqui ficamos refletindo, quais devem ter sido os motivos das comunidades deixarem de realizar as festas e arraíás em seus bairros? Seria o surgimento dos concursos televisivos? Este apresentava uma certa estrutura de arquibancada, sonorização, registro audiovisual e prêmios, teria sido esta comodidade que fez com os eventos juninos comunitários ficassem desinteressantes?

## 16. Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016



The image shows a screenshot of a Facebook post and its comments. The post is from Geo Santa Fé, dated 2016. The comments are from Ronny Pereira, Roberto F Menezes, Sérgio Rocha, and Janice Lopes. Each comment includes a profile picture, the user's name, the text of the comment, and a 'Like' button with a count of 1. The comments are arranged vertically, with the most recent at the top.

**Ronny Pereira**  
Que tristeza si apoderou d mim agora;a pergunta é quase uma resposta  
Curtir · Responder · 4 a

**Ronny Pereira**  
Ñ deviamos haver permitido q isso passase qdo os concursos d bairro si estava apagando divagar e cada ano um concurso menos.ai foi a nossa burrice d feixar os olhos e ã reclamar toda aquela alegria e felicidade d ir d un bairro p outro.lastimavel  
Curtir · Responder · 4 a

**Roberto F Menezes**  
Pois é amigos tenho 34 anos nesse movimento e vivi toda essa transformação e pergunto eu o que muitos fizeram pra evitar esse caminho.  
Enquanto esqueçemos muita coisa está eu,jorge.careca.marquinhos e outros brigando só por concurso que pena.  
Mas ainda temos guerreiros na luta eduardo pois.geo .tete.nivia .leninha.sérgio rocha e outro mas digo a todos ainda dar tempo.  
Curtir · Responder · 4 a

**Roberto F Menezes**  
Companheiro eduardo estamos em um país democrático aonde perseguição e viver amordaçado ninguém vive mas ainda tá em tempo de dar juntos esse grito que tá preso.  
Curtir · Responder · 4 a

**Sérgio Rocha**  
Verdade Roberto F Menezes nunca e tarde...  
Curtir · Responder · 4 a

**Janice Lopes**  
Reminiscência aguda... Como gostaria de voltar no tempo. Bom saber que ainda tem gente que, apesar de tudo, faz toda essa tradição acontecer e encantar. Parabéns, Geo SantaFé e a todos os quadrilheiros dessa nação.

Fonte: Facebook.

Ainda neste quadro acima vemos o posicionamento do Roberto Menezes, membro da diretoria da Federação Baiana das Quadrilhas (FEBAQ), que inicia dizendo: "[...] tenho 34 anos nesse movimento e vivi toda essa transformação e pergunto eu: o que muitos fizeram pra

evitar esse caminho?", questionando e responsabilizando a conduta dos próprios quadrilheiros. Este finaliza alertando: "[...] mas digo à todos: ainda dá tempo!".

Em resposta à "mordaça" citada por Eduardo Gois, o diretor da FEBAQ Roberto Menezes se coloca, numa nítida compreensão de que o primeiro está se referindo à Federação, e diz: "[...] estamos em um país democrático, onde perseguição e viver amordaçado ninguém vive, mas ainda está em tempo de dar, juntos, esse grito que está preso!". Neste comentário o diretor tenta demonstrar que se solidariza em "gritar" algo que os incomoda, no que concerne às questões abordadas no debate.

No último quadro vê-se comentários ainda citando nomes de grupos extintos para compor a lista, tais como Plexo Big Bang, Arrombachão, Companhia do Forró e Versados. Para finalizar a análise deste quadro, uma última resposta à pergunta feita pelo quadrilheiro Geo, onde Gugga Bahia lança uma outra indagação: "o erro é fácil de localizar, mas cadê quem vai solucionar?", provoca. O interessante é que esta mesma pessoa se mostra confiante e incentiva dizendo: "Barreiras, obstáculos e continuísmo podem ser derrubados!", o que me faz questionar: quais barreiras e obstáculos são esses? Continuísmo de que? Ou de quem?

## 17. Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016



Fonte: *Facebook*.

Pela urgência em responder tais questões, em entender as causas desse fenômeno, a redução quantitativa dos grupos, e numa tentativa de proporcionar aos quadrilheiros um espaço para reflexão destes fatos, para

que juntos pudessem compreender em que situação se encontram, e incentivando-os a buscarem soluções em conjunto, promovi o, até então inédito, 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador.

Este Fórum ocorreu entre os dias 08 e 10 de agosto, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, através do apoio da PROEXT/UFBA, com realização do corpo técnico da Escola e Grupo Gira - Grupo de Pesquisa em Culturas Indígenas, Afro-Brasileiros e Populares. Trato dos detalhes do Fórum de Quadrilhas com maior ênfase no terceiro capítulo deste referido trabalho.

Foi possível mobilizar a comunidade de quadrilheiros para discutirem estratégias e encaminhar ações políticas, principalmente através da Carta de Proposições, elaborada a partir de suas falas, remetida aos órgãos municipais e estaduais de Cultura, da qual aguardamos providências sobre as demandas apresentadas.

Nessa perspectiva é que, ao optar pela abordagem metodológica da Pesquisa-ação, em que há uma relação entre um pesquisador, implicado com sua comunidade de forma a contribuir no contexto em que está investigando, recorro ao artigo de David Tripp (2005), intitulado *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*, onde o autor apresenta os caminhos e também as dificuldades de quem opta por este tipo de abordagem.

Refere-se a onze características que são: inovadora, contínua, proativa estrategicamente, participativa, intervencionista, problematizadora, deliberada, documentada, compreendida, disseminada (TRIPP, 2005).

Outro aspecto que me chama atenção é que a Pesquisa-Ação é uma perspectiva, geralmente, daqueles que estão preocupados em intervir para mudanças junto a um certo grupo de pessoas que encontram-se em situação de injustiça. Afirma este autor: "[...] Você não está buscando como fazer melhor alguma coisa que você já faz, mas como tornar o seu pedaço do mundo um lugar melhor em termos de mais justiça social" (TRIPP, 2005, p. 458). Nesse sentido, escolhi convidar Mestres e Mestras das diversas Quadrilhas Juninas de Salvador, tanto as que estão em atividades, como as que permanecem inativas, para registrar suas narrativas, histórias e problemas.

Ainda sobre o 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador é necessário dizer que o mesmo foi realizado no mês de agosto de 2019. Durante 03 dias intensivos de trabalhos e reuniões na Escola de Dança da UFBA uma certa representatividade com lideranças e praticantes das quadrilhas, os mesmos que elaboraram a Carta de Proposições para a construção de políticas públicas específicas para as quadrilhas. Durante e após o Fórum um grupo de quadrilheiros se organizou em reuniões periódicas para discutir as insatisfações e pensar em

soluções para o movimento e decidiram formar uma chapa para concorrerem à eleição da nova diretoria da Federação Baiana de Quadrilhas levando adiante as discussões e propostas desta mesma Carta elaborada no Fórum.

O desdobramento dessa ação de investigação é no sentido de avançar para uma possível proposição de política de salvaguarda à quadrilha junina, encaminhada aos poderes públicos. Trataremos especificamente do desdobramento da Carta no terceiro capítulo deste trabalho.

Todavia sobre o debate no nível das políticas públicas na Bahia, o autor Antonio Albino Canelas Rubim (2014) no seu livro *Políticas culturais na Bahia contemporânea*, chama atenção para o fato de que "a imagem pública de Salvador está umbilicalmente associada à cultura, no entanto o poder público municipal não tem compreendido esta dimensão cultural" (RUBIM, 2014, p. 214) quando não se empenha em cuidar e preservar a nossa própria história e gente, agravando inclusive as desigualdades sociais, abandonando sua população. Rubim afirma ainda que:

Salvador não possui políticas culturais. Ela não tem uma secretaria municipal de cultura ou um sistema municipal, sua lei do livro e leitura não é aplicada, seu conselho de cultura não está funcionando, nem seu fundo de cultura e sua lei de incentivo à cultura. O orçamento de Salvador para a cultura é

de apenas 0,11% de seu orçamento municipal. Ou seja, menos de quatro milhões de reais por ano. (RUBIM, 2014, p. 214)

Desta maneira compreendo a razão pela qual nunca houve um festival ou concurso municipal de quadrilhas em Salvador, diferentemente das demais grandes capitais brasileiras que dão bastante ênfase às festas juninas, ou qualquer diálogo entre os grupos juninos e os órgãos gestores municipais.

Sobre o funcionamento do Conselho Municipal de Políticas Culturais do Salvador (CMPC) citado pelo autor, vale ressaltar que este conselho foi pela primeira vez instituído somente em 2015, onde fui eleita conselheira titular representando o segmento da Dança<sup>33</sup>, sendo empossada no dia 08 de setembro de 2015<sup>34</sup>, juntamente com os demais conselheiros até o cumprimento de nosso mandato em 2017.

Este primeiro biênio do CMPC ficou marcado pela construção do regimento interno que passou por diversas revisões, sendo finalizada e publicada em diário oficial na gestão do mandato seguinte; acompanhei o início da

---

<sup>33</sup> Ver anexo: Diário Oficial do Município (Salvador). Data: 16 de junho de 2015. Ano: XVIII. Nº 6.360. p. 23-24.

<sup>34</sup> Disponível em: <[http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/09/conselho-municipal-de-cultura-toma-posse-veja-quem-sao-os-integrantes.html?fbclid=IwAR1RYgzS3eXsoB60RGv-\\_IHDCzugZzDGwKTqQmo2hUHQ2u8H5Pev5Ssh21Q](http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/09/conselho-municipal-de-cultura-toma-posse-veja-quem-sao-os-integrantes.html?fbclid=IwAR1RYgzS3eXsoB60RGv-_IHDCzugZzDGwKTqQmo2hUHQ2u8H5Pev5Ssh21Q)>.



construção do diagnóstico cultural do Plano Municipal de Cultura que até o fim de 2019 estava em vias de ser votada em sessão plenária na Câmara Municipal de Salvador. Ou seja, desde a publicação do livro do Rubim até a presente data, as políticas públicas para o segmento da cultura no âmbito municipal, deixam muito à desejar

Por fim, este capítulo buscou abordar a questão histórica sobre os caminhos pelos quais hoje as quadrilhas juninas possuem tal forma de existir. Busquei mostrar que *le quadrille*, "contradança francesa, dança de pares dos salões aristocráticos, trazida ao Brasil pela côrte imperial portuguesa" (CHIANCA, 2007, p. 50), advém de danças camponesas como "práticas de culto ao fogo, as superstições, crenças e tantas outras manifestações ligadas ao calendário agrário e, também, aos solstícios e equinócios" (TRIGUEIRO, 1995, p. 155).

Discuti brevemente sobre como a igreja se infiltrou nessas datas sagradas e profanas dos povos camponeses, ainda na Europa, introduzindo então os seus santos católicos, forjando similitudes entre as fogueiras indígenas e a fogueira bíblica de João Batista. A dominação colonial portuguesa e seu projeto etnocida, apoiada pela Santa Igreja Católica, forçou que os povos africanos, escravizados no Brasil, se utilizasse de "uma profunda sabedoria e oportunismo na comunhão forçada com os valores da classe dos senhores" (TINHORÃO, 1972, p. 44) para que pudessem cultivar seus orixás.

Quanto à quadrilha como gênero musical, não se trata do objeto desta pesquisa, porém busquei me debruçar ao entendimento de algumas de suas características, desde as composições de partituras de quadrilhas no século XIX e a introdução de outros gêneros musicais do exterior. Com o passar dos anos as transformações musicais no Brasil foram inevitáveis com o advento do rádio.

Foi dito que a Proclamação da República, a rejeição de hábitos da corte e a expansão da quadrilha para as zonas rurais favoreceu o desenvolvimento de novas características, a exemplo do caipira, que se tornou expressão marcante das quadrilhas do período pós monarquia. A estética rural como sinônimo de festa junina no Brasil se personificou em figuras como Jeca Tatu e o Chico Bento até o fim do século XX.

Do caipira sudestino para o sertanejo nordestino a musicalidade de Luiz Gonzaga se fez presente e apontou caminhos rítmicos, melódicos, coreográficos e narrativos de uma massa populacional que passou a se expressar através dos espetáculos juninos. Grande difusor das composições de marchinhas juninas, suas canções, sempre nas paradas de sucesso nos programas de rádio, se tornaram sinônimo da "verdadeira" musicalidade das quadrilhas, fixando a marcha, o baião, o xote e o xaxado como ritmos básicos para os grupos juninos.

Trago uma reflexão de como o modo de dançar do indígena nordestino, a exemplo da etnia Kariri-Xocó, que se expressa através da dança do *Toré*, pode ter servido de princípio de movimento corporal, a partir dos bate-pés, para danças juninas cujo padrão de movimentos são pisadas fortes em consonância com os ritmos percussivos. Do *Toré* para a dança do côco, samba de pareia, pisa pólvora, marcha, baião e xaxado, podemos chegar no arromba chão das quadrilhas de Salvador.

Também, neste primeiro capítulo, desenvolvi um diagrama que tenta apresentar algumas contribuições das diversas matrizes culturais para as quadrilhas juninas no Brasil. a quadrilha junina (Q. J.) traz em si os movimentos de bate-pés e o tempo (pulsção rítmica musical) binário do ameríndio; a configuração dos dançarinos em pares e a espacialidade em filas, fileiras, blocos e círculos mantida da base europeia; a contribuição africana se personifica no zabumba, o principal, e um dos instrumentos musicais percussivo utilizados para marcar os ritmos nordestinos, e a movimentação tridimensional, com giros, flexões de tronco, braços e pernas com grande variedade de direções e os deslocamentos espaciais de todo o grupo.

Em seguida, passei a discutir os concursos de quadrilhas, como iniciativa dos setores privados, ligado às mídias, como jornais e emissoras de TV, onde as quadrilhas juninas faziam questão de participar. As regras dos

concursos foram moldando o modo de fazer e apresentar as coreografias a partir dos critérios de avaliação, que "inocentemente" impuseram uma certa organização, seja temporal, seja quantitativa, seja na indumentária, diferente dos concursos de bairro, mais orgânicos. Para serem premiadas, as quadrilhas foram investindo cada vez mais no "espetáculo" com recursos caros como cenários, contratações de profissionais, aprimoramento dos figurinos e adereços, sem planejamento e sem o devido retorno financeiro.

Demonstrei, através de documentos, de materiais de divulgação do concurso Arraial do Galo, promovido pela TV Aratu, que participavam deste evento mais de 150 quadrilhas, e que após 30 anos (1989-2019) apenas 42 grupos se fizeram presentes. A redução preocupante das quadrilhas como espaços socioculturais, e de manutenção de símbolos identitários, é o que move essa pesquisa, sendo ilustrada pelo sentimento de indignação dos mestres quadrilheiros.

Agora passo para o capítulo 2 e dissertarei sobre minhas memórias pessoais e memórias coletivas.

## CAPÍTULO II

### EM VEZ DE POLCA E RANCHEIRA, O POVO SÓ PEDE E SÓ DANÇA O BAIÃO: MEMÓRIAS PESSOAIS E COLETIVAS SOBRE AS QUADRILHAS JUNINAS

O segundo capítulo faz uma pequena imersão em minha memória pessoal, quanto ao contato com o objeto de pesquisa, que se confunde com mais da metade de minha história de vida. Traz também as narrativas das memórias dos quadrilheiros, colhidas através de entrevistas, quanto aos seus percursos nas (e das) quadrilhas juninas desde a década de 1960 identificando assim suas transformações estéticas; apresenta uma tentativa de mapeamento dos grupos de quadrilhas juninas da RMS, extintos e/ou em atividade, suas comunidades de origem e o histórico de suas produções artísticas; aborda o emblemático Concurso *Ao Pé da Fogueira*, identificado como expoente para o segmento, bem como os demais concursos que se sucederam; por

fim apresenta o surgimento da Federação Baiana de Quadrilhas (FEBAQ) e suas atuações políticas.

No que tange a questão da Memória, a autora Leda Maria Martins no seu livro *Afrografias da Memória* (1997), apresenta o registro das narrativas das memórias dos congadeiros do Reinado do Rosário no Jatobá, tecendo os fios da lembrança e do esquecimento. Já na introdução a autora anuncia que este "é um livro de falas, um texto de narrativas, tecido com o estilete da memória curvilínea [...]" (MARTINS, 1997, p. 18) causando-me grande identificação quanto à pesquisa aqui apresentada que, para compreender a trajetória das quadrilhas juninas de Salvador, busquei colher os depoimentos dos próprios sujeitos participantes e assim desenvolver também uma espécie de oralitura:

Aos atos de fala e de performance dos congadeiros denominei *oralitura*, matizando neste termo a singular inscrição do registro oral que, como *littera*, letra, grafa o sujeito no território narratório e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de *litura*, rasura da linguagem, alteração significativa, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas. (MARTINS, 1997, p. 21)

Recebi com surpresa o termo oralitura mas fiquei confiante que faria algo nesta mesma linha de pensamento, já que também se tratam de histórias que foram narradas e agora grafadas, respeitando as marcas

individuais dos narradores, colocando-os como co-autores deste livro. A autora parece ter-se ancorado em outros autores que a antecederam no desenvolvimento e no uso do conceito de oralitura. Sobre isso verifiquei no artigo *Literatura e Oralidade Africanas: Mediações*, da autora Maria Nazareth Soares Fonseca (2016), algumas considerações bastante importantes. Sobre isso Fonseca comenta:

Ngugiwa Thiong'o explica as razões que o levam a usar o termo oratura em vez de literatura oral, retomando sentidos que, segundo ele, foram defendidos pelo linguista de Uganda, Pio Zirimu, na década de 1960. Outros estudiosos preferem usar o termo oralitura, tradução do termo francês *oraliture*, que Édouard Glissant (1981), da Martinica, afirma ter sido criado pelo haitiano Ernst Mirville, em 1974. A informação de Glissant sobre a origem do termo *oraliture* condiz com a expressa pelo crítico haitiano, radicado no Canadá, Maximilien Laroche. Laroche também considera ter sido o termo *oraliture* empregado, pela primeira vez, pelo haitiano Ernst Mirville, em nota de um artigo publicado em abril de 1974, para estabelecer analogia com o termo *littérature* e afastar-se dos sentidos de oratura, que, para ele, fixa a atenção apenas na voz. (FONSECA, 2016, p. 83)

Fonseca prossegue dando mais detalhes do real sentido que o pensador haitiano desenvolveu quanto ao termo oralitura, em diálogo com Laroche:

Como informa Laroche, Mirville, tanto na referida nota, quanto em textos posteriores em que volta a tecer considerações sobre o termo, quer acentuar sentidos que abarcariam não apenas as produções orais guardadas pela

tradição de fala e canto, inclusive as que caracterizam as manifestações da voz em produções na época atual. (FONSECA, 2016, p. 84).

Trazer aqui os relatos, as memórias e as vozes de quadrilheiros juninos de ontem e de hoje, sobre o modo soteropolitano de fazer quadrilha, foi o caminho que a própria pesquisa me apresentou, diante da ausência de materiais bibliográficos sobre as quadrilhas da Bahia. Entendo que as narrativas das memórias conferem legitimidade ao que pretendo mostrar, além de tentar corrigir a invisibilidade histórica daqueles que atuam nas comunidades periféricas, na manutenção e prática das culturas populares. Sobre a importância da tradição oral, Amadou Hampaté Bâ nos diz que:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 73)

Em reverência aos grandes mestres, coreógrafos, marcadores, dançarinos, músicos, pesquisadores,



estilistas/figurinistas, saúdo todos os quadrilheiros e peço licença para contar um pouco da história das Quadrilhas Juninas de Salvador e região.

## ENCONTRO COM O INTERLOCUTOR

*Lá do alto Asa Branca anuncia, quantas culturas que pro Brasil trouxe alegria!*

(Ubiratan Marques, 1994)<sup>35</sup>

Sendo a prática da quadrilha muito comum, no Brasil, nas festas juninas escolares, a grande maioria das pessoas já tiveram contato ou até mesmo participaram desta contradança (dança de pares) secular, não sendo diferente comigo. Tenho lembranças longínquas de apresentações onde participei, nas festas das escolas em que eu estudei ainda no primário. É quase que unânime, nos depoimentos colhidos, a lembrança de terem dançado quadrilhas em suas escolas primárias, também em festas da igreja, em suas comunidades, produzido por professoras e/ou mobilizadores culturais, com direito a vestidos caipiras e calças remendadas, acompanhadas por uma boa música regional.

---

<sup>35</sup> Trecho de canção composta para a quadrilha junina Asa Branca, sob a temática do Desenvolvimento Cultural Brasileiro, 1994. Salvador/Bahia.

## 18. Detalhe Jornal A Tarde. 20 de junho de 2001

**Verdadeiros espetáculos**

As quadrilhas estilizadas estão transformando os festejos juninos em verdadeiros espetáculos para o público. Durante todo o ano, dezenas de casais, além de profissionais de dança, coreógrafos, estilistas e maquiadores trabalham para preparar as indumentárias vistosas e as coreografias padronizadas e inovadoras que serão apresentadas em concursos de São João. Ao invés de saias de chita e paletós caipiras, os casais arrastam o pé vestidos de forma padronizada, respeitando a temática escolhida pela quadrilha - cangaceiro, marujada, vaquejada, entre outros.

O representante da Leão do Norte, Carlos Oliveira de Brito, acredita que a dança junina atual se transformou em quadrilha tradicional. O que fazemos é uma dança com coreografias padronizadas e roupas estilizadas", define.

O quadrilheiro Cid Brito, da Forró Santonado, diz que os grupos juninos procuram respeitar algumas tradições de São João, mas utilizando outros elementos das danças típicas para participar dos concursos de quadrilhas - Ao Pé da Fogueira, Arraiá do Galinho, Forró do São João do Pelourinho, entre outros. A inovação das quadrilhas estilizadas,

acredita Cid Brito, fica por conta do figurino, cenário, efeitos especiais como fumaça e da temática do grupo.

Já o coordenador da Capelinha do Forró, Watson Santana Santos, aponta que os movimentos tradicionais foram substituídos por coreografias. "Quem dança precisa de muito preparo físico. Por isso, ensaiamos a nossa coreografia durante seis meses", garante o quadrilheiro, dizendo que as coreografias são puxadas pelo marcador, que hoje funciona como um animador e contador das histórias da temática da quadrilha.

No início deste mês de junho, um grupo de quadrilheiros se encontrou com o prefeito Antonio Imbassahy para revitalizar os festejos juninos nos bairros de Salvador. Segundo o presidente da recém-criada Federação Baiana das Quadrilhas Juninas, Carlos Oliveira de Brito, coordenador da Leão do Norte, o estado da Bahia já teve mais de 200 quadrilhas estilizadas em Salvador e nos municípios de Feira de Santana, Candéias, Camaçã, Madre de Deus, entre outros. "Hoje existem apenas 40 quadrilhas juninas que conseguem participar dos festejos de São João", diz Carlos.

Segundo o presidente da entidade, uma pequena quadrilha investe cerca de R\$7 mil, enquanto os grandes grupos juninos colocam 24 casais, todos devidamente vestidos com roupas padronizadas e ensaiados dentro da temática da quadrilha.

Nos concursos de quadrilhas, os grupos têm apenas 15 minutos em média para apresentar a sua temática junina. "As quadrilhas contam uma história, mostrando todos os detalhes que são narrados pelo apresentador", adianta Carlos de Brito, comparando os atuais festejos juninos com festas como o Carnaval.

**PARTES DA CONTRADANÇA**

➤ **1ª Parte:** Cumprimentos - O *alavan tu* abre a dança e faz com que os pares, que se dividiram para cada lado, façam os respeitosos cumprimentos no centro.

➤ **2ª Parte:** A Chuva - Nesta parte, os pares passeiam à direita e fazem o círculo, correndo as damas pelo centro e ficando os cavalheiros por fora. Depois é a vez dos cavalheiros.

➤ **3ª Parte:** Dança do Xis-Todos encontram-se em seus lugares. O marcador chama o primeiro casal de matuto, que vai ao centro, num encontro cordial com o outro par da quadrilha. Fazem uma roda, giram, abraçam-se e trocam de lugares, seguidos depois por todos, dois de cada vez, casais da quadrilha junina.

➤ **4ª Parte:** A Dança da Roda - Todo o grupo faz uma roda imensa no centro, comemorando no ritmo festivo as indicações do marcador da quadrilha.

➤ **5ª Parte:** *Tune e Ganche* - Esta é a última parte dos festejos juninos da quadrilha. As damas ficam de frente para os cavalheiros. Ao sinal do marcador, seguem para um lado encontrando as mãos do outro cavalheiro até o sinal do "mestre". Depois, retornam aos seus lugares, procurando as suas posições iniciais da quadrilha. O caminho da roda é o grito final do marcador da quadrilha para encerrar os festejos juninos.

Fonte: acervo Cid Brito.

No meu bairro de origem, Boca do Rio, me aproximei do grupo Arraiá da Alegria e então comecei a acompanhar os ensaios e as apresentações, somente como agregada, ajudando a carregar sacolas, cenários, fazer torcida nos concursos, dando algum tipo de suporte aos quadrilheiros.

O contato com a Quadrilha Arraiá da Alegria, seus ensaios e apresentações, foi despertando aos poucos por conta de comentários que minha mãe fazia quando assistíamos as transmissões do concurso Ao Pé da

Fogueira, de que as indumentárias eram belíssimas, que eu deveria participar, que ela fazia muito gosto, mas eu não estava de fato como componente, ensaiando as coreografias e compromissada com o grupo.

Até que, em abril de 1994, meu amigo de infância, Gabriel Pereira, me contou que conheceu quadrilheiros de outros bairros e que o haviam convidado para ir ao ensaio de uma determinada quadrilha na cidade baixa. Combinamos então um sábado a tarde e fui junto com ele, no bairro do Uruguai, ao ensaio da quadrilha estreada intitulada Santa Rita do Passaquatro<sup>36</sup>, cujo presidente e fundador foi o senhor Valquimário Costa, conhecido como Vavá da Villah. Teve como pesquisador, coreógrafo e marcador o ator Paulo Ornellas e duas grandes dançarinas, que me deixaram impressionadas, Elivânia da Villah<sup>37</sup> e Sandra Ornellas<sup>38</sup>, pelo modo marcante de bater os pés e rodar as saias.

Sobre a origem da quadrilha Santa Rita, a própria Elivânia conta em depoimento que:

---

<sup>36</sup> Este grupo atuou apenas no ano de 1994, no bairro do Uruguai, Salvador, Bahia.

<sup>37</sup> Elivânia da Villah é quadrilheira desde a infância no bairro do Uruguai, filha de Seu Vavá da Villah.

<sup>38</sup> Sandra Ornellas é quadrilheira desde a infância no bairro do Uruguai, irmã de Paulo Ornellas.

Em 1994 surge a Santa Rita do Passaquatro com Paulo Ornellas e meu pai. Eu dançava na Balão Dourado, mas devido um desentendimento eu disse que lá não dançava mais, então meu pai disse: "vou fazer uma quadrilha pra você, pra você não precisar dançar na quadrilha de ninguém!" A primeira quadrilha que surgiu no Brasil foi na cidade paulista de Santa Rita do Passa Quatro, sendo que homem se vestia de mulher e mulher se vestia de homem para dançar, aí eles lembraram, ele (Vavá) e Paulo, foram buscar isso, e colocou esse nome, que por sinal você veio dançar com a gente. Só foi mais pra brincar, pra se divertir mesmo, não era nada "assim"! (VILLAH, E., 2019)<sup>39</sup>

**19.** Paulo Ornellas em destaque, Quadrilha Junina Fogaréu. Concurso Arraiá da Capitá, 1989



Fonte: acervo Marluce Santana.

---

<sup>39</sup> Elivânia Costa ou Elivânia da Villah, em entrevista concedida em maio de 2019.

Paulo Ornellas tem 30 anos de atuação, passando por diversos grupos de quadrilha junina, acumulando muitos prêmios como Melhor Marcador nos mais variados concursos. Iniciou sua trajetória em quadrilhas a partir de 1988 apenas como dançarino, e teve sua estreia como coreógrafo em 1994 na quadrilha Santa Rita e depois tornou-se marcador por conta da sua dedicação ao teatro.

O trajeto entre os bairros da Boca do Rio e Uruguai tem cerca de 11km, com tempo estimado de 1h30min percorrido de ônibus, ficam em lados opostos da cidade de Salvador. Mesmo assim nós fomos. Em 1994 eu estava com 15 anos e Gabriel com 16. Ao chegar no ensaio verifiquei que se tratava de um local muito simples, não lembro bem, mas parece que era um pátio de escola, eram cerca de 25 participantes, pessoas simples do bairro, na sua maioria negras e pardas, tinham como acompanhamento musical apenas um zabumba que dava a marcação para as coreografias, tinham um misto de concentração e animação. O som do zabumba foi o que mais me atraiu.

Sobre minha chegada na Quadrilha Santa Rita, trago o carinhoso depoimento de Seu Vavá:

Conheci Gabriel e Soiane em 1994, chegou lá em casa pra dançar na quadrilha, ela dizia que tinha uma dor nas costas, que não podia dobrar o corpo, nem nada, e minha filha

(Elivânia) vai daqui e daí, hoje, graças a Deus, ela é dançarina, coreógrafa, professora de dança e tal, aquele negócio todo, fazendo mestrado, e chegou onde chegou.  
(VILLAH, V., 2019)<sup>40</sup>

Por ser um grupo iniciante contava apenas com pessoas amadoras, da própria comunidade, muito jovens que estavam desenvolvendo um trabalho com poucos recursos, com figurinos simples, sem conjunto musical, enfim, muito aquém dos grandes grupos que via na televisão e presenciei no concurso do ano anterior. Mesmo assim, a simplicidade da zabumba e das pessoas me fez decidir por integrar esse grupo a partir daquela data mesmo, em meados de abril de 1994, sem nem consultar minha mãe, sem nem imaginar como seria manter esse compromisso, devido a minha pouca idade e inexperiência, devido ser um bairro tão distante da minha casa.

Naquela época eu não tinha noção que o bairro do Uruguai era tão populoso e que seus moradores promoviam a manutenção das festas juninas pelas ruas do bairro, de maneira a ser considerado uma das localidades com o maior número de quadrilhas juninas de Salvador. Na década de 1980 chegou a ter cerca de uma quadrilha por rua, como nos conta Zezé Sacramento:

---

<sup>40</sup> Valquimário Costa ou Vavá da Villah, em entrevista concedida em maio de 2019.

Cada rua dessa aqui tinha sua quadrilha, era uma quadrilha por rua. Cada transversal dessa, que tem aqui no bairro do Uruguai, era uma quadrilha. Os ensaios eram na rua, todo mundo se arrumava pra fazer os ensaios na rua. Quando a gente saía do "Nezinho" ía assistir o ensaio lá da "Restinho que Sobrou", ía a turma em peso. Quando chegava lá o que acontecia? O diretor, dono da quadrilha, parava o ensaio, todo mundo que estava ali (assistindo) armava e ensaiava dentro do ensaio da outra quadrilha, na rua. (SACRAMENTO, 2019)

Os ensaios das quadrilhas juninas geralmente ocorrem durante os fins de semana, que é quando os participantes estão liberados da escola ou do trabalho, porém, como cheguei em meados de abril e as coreografias já estavam bastante avançadas, precisei marcar ensaios extras durante a semana pela tarde. Nesta época eu estava no 1º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Odorico Tavares localizado no bairro do Corredor da Vitória, no turno vespertino e precisei faltar algumas aulas para aprender a coreografia e alcançar o restante do grupo.

Toda a transmissão das coreografias e também o modo peculiar de dançar me foi passado por duas grandes quadrilheiras veteranas, Elivânia da Villah e Sandra Ornellas, às quais tenho profunda admiração e gratidão. A batida e a marcação dos pés<sup>41</sup> foram muito fáceis de assimilar, era natural e fazia relação com algo já

---

<sup>41</sup> Característica do estilo *Arromba Chão* predominante nas quadrilhas de Salvador nas décadas de 1980 e 1990.



intrínseco em mim, devido aos contatos prévios com os ritmos nordestinos desde a escola e ao rádio. Porém as flexões de tronco<sup>42</sup>, as jogadas de cabelo<sup>43</sup>, o manejo da saia, articuladas com o movimento de braços e muitos giros, eu tive bastante dificuldade e minhas colegas veteranas foram muito rigorosas.

Sobre a minha chegada e participação na quadrilha Santa Rita, trago o depoimento muito especial de Elivânia da Villah, a seguir:

Chegou pra alegrar! Vocês dois, tanto você como Gabriel, pra somar mesmo! Soube chegar! Quem olhava dizia: "aff, que menina insuportável!" Mas como eu tinha que te ensinar, eu já gostei de graça, porque a humildade pra mim é exemplar, é em primeiro lugar. E você foi humilde. Quem te via achava que você era metida, mas eu que convivi mais, eu não via nada disso. Você dizia: "eu não sei, eu não sei, e acabou!", eu: "não, mas você vai saber!". Aí eu desenhava, se lembra que eu desenhava pra você "surfar" (em relação à um movimento)? (VILLAH, E., 2019)

Como as quadrilhas juninas são produzidas a partir de processo colaborativo e associativo, cada membro deve desembolsar uma certa quantia para custear as despesas com tecidos, mão de obra de costureira, contratação de músicos, serviços de transporte etc. Naquela época eu

---

<sup>42</sup> A partir da introdução de movimentos das danças afro por coreógrafos profissionais, a exemplo de Augusto Omolu, década de 1990.

<sup>43</sup> Forte influência do modo de dançar da artista Daniela Mercury e da chegada dos *Mega Hair*.



paguei em torno de 50 URV's<sup>44</sup>, pois em 1994 estávamos em pleno período de transição para o Real, que viria a ser a nova moeda brasileira. O valor foi cedido por minha própria mãe que, após uma franca conversa, consentiu minha participação e custeou outras despesas como transporte e alimentação.

Após intenso período de ensaios da quadrilha Santa Rita do Passaquatro, montamos o espetáculo *As aventuras de Armando e Rosa: Côco-Verde e Melancia*, baseado num texto de cordel composto por José Camelo de Melo Resende. Natural do povoado de Pilõezinhos, município de Guarabira, Paraíba, nasceu em 20 de abril de 1885 e faleceu na cidade de Rio Tinto, Paraíba, aos 28 de outubro de 1964. Poeta popular, cantador, carpinteiro e xilógrafo. Começou a versar romances por volta de 1923, mas não escrevia suas composições: guardava-as na memória para cantá-las onde se apresentasse<sup>45</sup>.

O figurino era bastante simples, mesmo assim não ficou pronto a tempo de dançarmos nos primeiros concursos como o Ao Pé da Fogueira, que geralmente ocorria no fim de maio ou início de junho, então não foi dessa vez que minha mãe teve a felicidade de me assistir pela televisão na manhã de domingo.

---

<sup>44</sup> Unidade Real de Valor.

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/12/03/poeta-jose-camelo-de-melo-resende-sintese-biografica/>>.

Desta maneira, nossa estreia se deu no dia 13 de junho de 1994, numa festa de Santo Antônio, realizada por uma vizinha de Sr. Vavá, no bairro do Uruguai, ritual que começa com uma intensa e fervorosa reza para o santo, depois distribuição de comidas típicas, finalizando com uma grande festa com muita música e participação de toda a comunidade. Não poderia ter sido melhor!

Depois deste período percorremos os demais concursos, que ocorriam em Salvador e cidades do interior, e então pude "dançar em quadra" diversas vezes e também assistir, com bastante concentração, as apresentações das grandes quadrilhas juninas de Salvador como a Buscapé do bairro Engenho Velho de Brotas, a Forró do ABC do bairro Pau Miúdo, a Asa Branca do bairro Cabula, a Balão Beijo do bairro Pau Miúdo, a Jeca Tatu do Alto do Peru e outras<sup>46</sup>.

Minha admiração era tanta que eu ficava paralisada observando cada detalhe e, principalmente, a performance de grandes dançarinos que se sobressaíam independente das posições que dançavam.

---

<sup>46</sup> Estas e outras quadrilhas estão citadas no livro *O Alfabeto das Quadrilhas Juninas da Bahia* de autoria do quadrilheiro Carlos Oliveira de Brito, 1998. Não se trata de trabalho acadêmico, mas uma produção independente do autor.

## 20. Sobre os Concursos de Quadrilha da Bahia



CONCURSOS

42

Os principais concursos ou festivais de quadrilhas juninas da Bahia são os realizados pelas emissoras de televisão, empresas privadas de grande porte, empresas de eventos e prefeituras municipais.

Eis os maiores concursos de quadrilha do estado:

"Ao pé da fogueira" (TV ITAPOAN), existente há mais de 25 anos, coordenado atualmente por Ricardo Luzbel.

"Arraiá da Capitá" (TV BAHIA E JORNAL A TARDE), destaca-se há mais de 11 anos, coordenado por Ney Santos.

"Arraial do Galo" (TV ARATU), com mais de 7 anos de realização, coordenado por Celiza Felicidade.

"Arraiá de Santana", Feira de Santana-Ba. (TV SUBAÉ E SESI), existente há mais de 11 anos, coordenado por João Artur.

"Arraiá do Recôncavo", São Francisco do Conde-Ba. (PREFEITURA MUNICIPAL), existente há mais de 8 anos, coordenado pela SETUR.

Fonte: BRITO, 1998.

Muitas vezes se avistava, mesmo na última fileira, a expressividade esfuziante dos componentes, que se tornariam para mim, a partir daquele momento meus ídolos, pois depois das apresentações eu fazia questão de ir cumprimentá-los, de conversar, tirar fotos e,

principalmente, ao chegar em casa assistia repetidas vezes os vídeos, que gravei em VHS<sup>47</sup> daquele mesmo programa exibido na TV, para estudar os movimentos executados por eles e apreender suas coreografias, o que se tornou meu exercício particular de estudo em dança de um ano para o outro. Eram jovens oriundos das mais diversas partes da cidade, que esbanjavam talento e possuíam características muito próprias do modo de dançar da nossa Bahia.

Gostaria de deixar registrado o nome de alguns desses quadrilheiros: Jairson Bispo, Adeilson Sousa Mickey, Alex Brito, Vinicius Oliveira, Micheline Raquel, Celeste Brito, Daniela Assis, Aline Assis, Armando Filho, Adilson Fiuza, Edeise Gomes, Stella Marys, Tiano, Gustavo Chaves, Cissa Brito, entre outros. A maioria desses seguiu carreira como dançarinos e hoje são professores, coreógrafos, arte-educadores, no Brasil e em outros países, demonstrando que dançar quadrilha junina se configurou como um exercício preliminar para a prática e profissionalização em Artes e em Dança.

Observando os diversos grupos juninos, senti predileção especial pela quadrilha Asa Branca, do bairro do Cabula, que em 1994 trouxe o tema "Desenvolvimento Cultural Brasileiro", e decidi que seria aquele o grupo que eu iria participar no ano seguinte.

---

<sup>47</sup> *Video Home System.*

## 21. Ensaio da Quadrilha Junina Forró Asa Branca (1999)<sup>48</sup>



Fonte: acervo pessoal.

Sendo assim começamos a ensaiar, ainda em dezembro de 1994, para o trabalho de 1995. Minha mãe ficou extremamente realizada, proporcionou todos os pagamentos de figurino, transporte e alimentação, enquanto eu tentei ser a componente mais aplicada no que se refere à frequência e pontualidade nos ensaios.

Chegado o momento da estreia participei da gravação do programa Ao Pé da Fogueira que ocorria na quadra de esportes do SESI no bairro do Retiro, ao fim do mês de

---

<sup>48</sup> Antigo Colégio Estadual Polivalente do Cabula, atual Colégio Estadual Mãe Stella de Oxóssi.

maio de 1995, com o espetáculo *Dos festejos do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, aos encantos do Nordeste: uma viagem na imaginação!* Saímos de casa já caracterizados com os figurinos, como era hábito na década de 1980.

**22.** Saindo da Boca do Rio para a estreia no Concurso Ao Pé da Fogueira. Ao fundo, Gabriel Pereira, 1995



Fonte: acervo pessoal.

Nossa aparição na TV, minha e de Gabriel, na manhã de domingo foi apreciada pela nossa família e também pelos vizinhos, que acompanhavam todo nosso



entusiasmo no período dos ensaios. Com a classificação para a final, fizemos uma nova gravação para o programa, desta vez no antigo Ginásio de Esportes Antônio Balbino, mais conhecido como Balbininho, que ficava anexo ao Estádio da Fonte Nova e que em 2011 foi implodido para a construção da atual Arena Itaipava.

**23.** Estreia da Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 1995.  
Concurso Ao Pé da Fogueira (SESI Retiro)



Fonte: acervo pessoal.

Esta gravação foi ao ar em meados de junho de 1995 e no resultado final do concurso ficamos em 3º lugar, além de outras premiações como melhor conjunto musical, marcador e figurino.

Permaneci na quadrilha junina Forró Asa Branca até o ano de 2014, participando de 12 montagens de espetáculos juninos dos mais variados temas. Junto ao grupo Asa Branca tive uma temporada intensa de 1995 a 2000, depois uma lacuna entre 2001 a 2006, período em que foram suspensas as atividades do grupo e os concursos Ao Pé da Fogueira e Arraiá da Capitá, por fim uma segunda temporada intensa de 2007 a 2014.

Apresentei por muitas cidades do interior da Bahia, fui ao Concurso Nacional de Quadrilhas pela primeira vez no ano de 2009, com o tema Câmara Cascudo, que ocorreu em Fortaleza, Ceará, onde ficamos classificados em 10º lugar, que era a última colocação; em 2010 e 2011 participei do Festival Globo Nordeste, realizado em Recife, capital de Pernambuco.

Em 2012 voltamos ao Concurso Nacional de Quadrilhas, desta vez na cidade de Palmas, estado do Tocantins, com o espetáculo *O Centenário de Luiz Gonzaga*, onde fomos premiados em 1º lugar, título que nenhuma quadrilha junina da Bahia tinha antes conquistado.



**24.** Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 1999 (Cachoeira, Bahia)



Fonte: acervo pessoal.

No ano de 2013 vivi a experiência de me ausentar da quadrilha Asa Branca e fui dançar na quadrilha Forró do ABC, oriunda do bairro do Pau Miúdo, sendo a quadrilha mais antiga em atividade na cidade de Salvador e que promoveu grandes transformações em seus espetáculos. O marcador Paulo Ornellas faz uma importante revelação a respeito da quadrilha Forró do ABC:

Comecei (a participar de) quadrilha em 1988, mas eu já tive (meu primeiro) contato com quadrilha em 1987 [...] foi o ano que me marcou com a Forró do ABC, quando ele trouxe a história do túnel do tempo, a primeira troca de roupa de quadrilha, eu não lembro o tema porque eu tinha 12 anos, mas o túnel tinha essa função: na história eles estavam num lugar e ao atravessar iriam para outro, e conseqüentemente mudava o figurino, mudava toda a estrutura, mudava toda a história. Então é o início do meu contato com quadrilha junina. Diria até que, se a gente observar, a Forró do ABC sempre foi a quadrilha que inseriu uma inovação no meio junino, a exemplo da inserção do (ritmo) xote, o mangue-beat, a troca de roupa, enfim. Aquele ano, pra mim, marcou. (ORNELLAS, 2019)

## 25. Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 2010



Fonte: acervo pessoal.



Foto: Tatiana Brito.

Em 2013 a diretoria da Forró do ABC me escolheu como destaque para interpretar o papel da noiva, tendo em vista a minha trajetória desde 1994 como quadrilheira, minha experiência como dançarina e minha formação acadêmica em dança.

Para mim foi uma presente estar num outro grupo, com pessoas distintas, outros métodos criativos, outro espaço geográfico, outros coreógrafos, outra diretoria, outros quadrilheiros, enfim, um momento de grandes aprendizados, mas também de reencontros, pois neste ano de 2013 tive a honra de ser novamente conduzida pelo marcador Paulo Ornellas, aquele mesmo da minha primeira quadrilha em 1994, sendo uma alegria enorme

para ambos, nos percebermos ainda apaixonados e comprometidos nesse fazer artístico e cultural que são as quadrilhas juninas, independente de qual seja o grupo, bairro ou tema.

**27.** Casal de Noivos - Quadrilha Junina Forró do ABC, 2013.  
Concurso Municipal de Rio Real, Bahia



Fonte: Google.

Por fim, nestes anos de 2018 e 2019, após 25 anos de trajetória e 14 espetáculos juninos, estou apenas como espectadora, ainda prestigiando meus amigos, mas agora numa observância mais apurada sobre essa manifestação, também incentivando as novas gerações e fazendo colocações pertinentes sobre os procedimentos políticos que envolvem a prática da quadrilha junina em Salvador e na Bahia.



## TEM FOGUEIRA ACESA NO CORAÇÃO, A CHAMA ACENDEU E NÃO VAI SE APAGAR: O QUE REVELAM AS MEMÓRIAS DOS QUADRILHEIROS?

Como entrelaçar os depoimentos formando um único texto que desse conta de (re)narrar as memórias que a mim foram contadas pelos quadrilheiros? Como perceber o que enfatizar no discurso do movimento dos quadrilheiros e me despindo de qualquer fala tendenciosa. O que os quadrilheiros querem que realmente seja dito e registrado? Sendo assim, fui permitindo que os caminhos da pesquisa fossem se apresentando e por isso escolhi a pergunta: o que podem revelar as narrativas das memórias?

Foram realizadas 14 entrevistas com presidentes e diretores de grupos juninos em atividade e também já extintos que atuaram na cena junina. Algumas pessoas muito antigas no movimento, embora muitas tentativas, não conseguiram espaço para me receber. Mesmo assim o maior número de entrevistados são oriundos de quadrilhas já extintas em Salvador. Os quadrilheiros ainda em atividade me parecia muito mais provável que pudessem me prestar depoimentos, porém a agenda de ensaios e apresentações dificultou bastante, me fazendo criar outras estratégias além das entrevistas.

Uma estratégia foi a idealização do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, com seis mesas temáticas, cujos convidados foram quadrilheiros de muitas gerações diferentes que além de falarem de suas memórias também apresentaram suas reflexões acerca da realidade política e cultural no qual as quadrilhas juninas estão inseridas. Sendo assim, de maneira coletiva, colhi os depoimentos de vários quadrilheiros que não tive a oportunidade de realizar uma entrevista individual, e os organizei no terceiro capítulo deste trabalho.

Voltando às narrativas das memórias, expressão que me empresta a dramaturga Leda Maria Martins (1997), senti a necessidade de estabelecer alguns itens para compreender este seletivo grupo que colaborou para a pesquisa. Foram quatorze depoimentos de faixas etárias, bairros, grupos e atuações diferentes, então apresento-os na tabela a seguir.

**Tabela 1.** Relação de quadrilheiros entrevistados: idade, grupos, bairros e atuação

NOME	DATA DE NASC.	QUADRILHAS QUE ATUOU	BAIRRO	ATUAÇÃO
Spesia Peixoto	1944	Campestre	Uruguai	presidenta
Marluce Santana	1948	Fogaréu	Pau Miúdo	presidenta

Agnaldo Silva (Professor Agnaldo)	1949	Xorroxó Chega Junto Sanfona de Ouro Diversas	Uruguai	dançarino, coreógrafo, presidente
Altamira Lobo (Dona Nenca)	1954	Mirim R.D.T. (Rua Direita da Terezinha) Mirim Renacer Imperatriz do Forró	Subúrbio Ferroviário	dançarina, coreógrafa, presidenta
Valquimário Costa (Vavá da Villah)	1954	Santa Rita do Passaquatro	Uruguai	diretor, presidente
Geoval Alves de Oliveira Filho (Geo Santa Fé)	1964	Santa Fé Plexo Big Bang Forró Quentão	Pau Miúdo Camaçari	dançarino, coreógrafo, compositor, músico, presidente
Agnaldo Espiridião	1964	Balão Beijo	Pau Miúdo	dançarino, coreógrafo, diretor
Maria José Sacramento (Zezé)	1965	Sanfona de Ouro Diversas	Uruguai	dançarina, coreógrafa, diretora
Mariete Lima	1969	Salário Mínimo Forró do ABC	São Caetano Pau Miúdo Liberdade	dançarina, coreógrafa, diretora, presidenta

Roberto Brito	1970	Forró do ABC Asa Branca	Pau Miúdo Cabula	compositor, músico
Jonas Pereira (John)	1974	Jabaculê Fole Imperatriz do Forró	Uruguai Subúrbio Ferroviário	dançarino coreógrafo, figurinista
Paulo Ornellas	1975	Fogaréu Balão Dourado S. Rita Passaquadro Diversas	Uruguai	dançarino, coreógrafo, marcador
Rubem Braga	1976	Mandacaru Diversas	Liberdade	dançarino, coreógrafo, marcador, figurinista, pesquisador, presidente
Elivânia Costa	1977	Santa Rita do Passaquadro Diversas	Uruguai	dançarina, coreógrafa
Elivânia Costa	1977	Santa Rita do Passaquadro Diversas	Uruguai	dançarina, coreógrafa

Autoria: Soiane Gomes.

Foram seis mulheres e oito homens quadrilheiros entrevistados, nascidos entre 1944 e 1977, cujas atuações em quadrilha junina se deram a partir da década de 1960 a 1990, alguns já deixaram de atuar, outros ainda permanecem em atividade até os dias de hoje.



As entrevistas foram realizadas no período de nove meses, entre maio de 2019 e janeiro de 2020, a pesquisa foi bastante intensa no mês de maio, quando visitei os ensaios de quatro quadrilhas de Salvador. Durante o mês de junho dei continuidade à pesquisa, observando as apresentações e conversando com quadrilheiros, e atuando como jurada de dois concursos. E em julho, em função da viagem que fiz junto à Quadrilha Arraiá Bela Flor (Catu/BA) para Floriano (Piauí), foi possível observar a participação de outras quadrilhas do país.

As pessoas entrevistadas são, em sua maioria, oriundas dos bairros, historicamente consideradas, berços das quadrilhas juninas de Salvador: Pau Miúdo e Uruguai, também quadrilheiros dos bairros do Subúrbio Ferroviário e Liberdade. Vale ressaltar que a escuta informal e produção de depoimentos de quadrilheiros diversos atinge um número muito mais amplo.

A pergunta central desta pesquisa é: *o que podem revelar as narrativas das memórias dos quadrilheiros quanto às características que compõem as quadrilhas juninas soteropolitanas?* Por um tempo acreditei que os quadrilheiros baianos realizavam um certo fluxo e refluxo entre as diversas manifestações culturais, a exemplo dos terreiros de Candomblé, os blocos afros, afoxés e fanfarras, e se amparavam em alguns elementos rítmico-coreográfico, estético ou logístico no exercício prático dessas linguagens. Ou seja, que o quadrilheiro

aprendia aqui para a aplicar ou desenvolver acolá, que se permitia reciclar ou transposicionar certos elementos citados acima. Mas esta crença foi se alterando no decorrer das entrevistas.

Durante as entrevistas evitei fazer perguntas fechadas e dei como ponto de partida "conte sua primeira lembrança de quadrilha junina" e deixei a pessoa à vontade para narrar livremente. Eu apenas cuidava para que o quadrilheiro entrevistado mantivesse uma linha cronológica para evitar que alguma passagem histórica fosse subtraída no calor da narrativa. A exemplo do depoimento do professor Agnaldo Silva:

Minha trajetória: eu comecei a participar de quadrilha na idade de 15 anos (1964), eu estudava na Escola Técnica (IFBA) mas não tem nada a ver a Escola Técnica com quadrilha, eu já fazia parte de quadrilha desde o tempo de primário. Comecei a dançar, eu gostava de dançar quadrilha, nas escolas nós tínhamos né? Eu era o líder, sempre fui líder, eu organizava, eu era um dos organizadores, eu fazia a relação das damas, dos cavaleiros, e naquele tempo não tinha negócio de coreógrafos não, mas aí nós fazíamos. Era: "cumprimentou cavaleiros, cumprimentou as damas", "grande roda", "olha a chuva", "olha a cobra", "circulando", "caminho da roça", aí já foi! Quando cheguei na faixa etária de 17-18 anos, eu comecei a ir para a Quadrilha Xorroxó. Tinham três nomes essa quadrilha: Arraiá do Xorroxó, Arraiá do Zé Tortinho e Vai e Volta. Era uma quadrilha só, todo mundo dançava nas três. Tinha o passo "vai e volta" [...] Então, eu, Chicão [...] não me lembro o nome de Zé Tortinho, era o apelido dele, que também coreografava, nós riscávamos o

chão pra fazer a coreografia, mas eram só esses passos tradicionais. (SILVA, 2019)

Aquele pressuposto de que outras manifestações culturais pudessem colaborar na formatação das características da quadrilha soteropolitana procurei não evidenciar com perguntas diretas e fui tentando perceber ao longo dos depoimentos como cada quadrilheiro lidava com outras manifestações culturais além da própria quadrilha junina.

Eu também acreditava que a pesquisa iria focar no período em que comecei a atuar como dançarina, a partir de 1994, porém a pesquisa revelou que a quadrilha junina soteropolitana veio se construindo desde antes. Foi imprescindível buscar quadrilheiros que abriram caminhos desde a década de 1960, como Altamira Lobo, conhecida como dona Nenca, e o Professor Agnaldo Silva, numa época em que as quadrilhas nasciam das escolas. Ambos revelaram que as escolas deram lastro para o desenvolvimento e a comunidade possibilitou a permanência das quadrilhas até se tornarem “estilizadas”.

As narrativas revelam também que no bairro do Pau Miúdo se destacavam os grupos de estilo *arromba chão*, cujo modo de dançar consiste em bater os pés no chão no tempo forte da música, geralmente o ritmo da marcha, chamados também de *passo marcado*. Esta referência sobre o estilo *arromba chão*, praticado em

Salvador nas décadas de 1980 e 1990, se tornou a identidade desta pesquisa.

**28.** Quadrilha Arraiá do Fogaréu - Concurso Arraiá da Capitá, 1994



Fonte: acervo Marluce Santana.

O arromba chão era do nordestino mesmo, brabo, de bater o pé no chão mesmo. Antigamente os palcos eram feitos de madeirite, era pra bater o pé naquele tablado. Arrombar o chão era pra arrombar mesmo, era pra acabar! Tanto que eu me lembro que o finado Zé Lima (fundador da Forró do ABC), ele disse: se colocar a beleza das meninas do ABC, que realmente eram lindas, a elegância dos homens da Balão Beijo, que realmente eram homens altos, e o arromba chão do Fogaréu, não fica ninguém! Porque a gente, do Fogaréu, tinha muita garra, entrava com vontade, eles se jogavam de qualquer jeito! (SANTANA, 2019)<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Marluce Santana, em entrevista concedida em setembro de 2019.

O bairro do Uruguai produziu grupos considerados estilo *Elite* ou *Luxo*, pois dançavam de maneira mais cadenciada, sem muitos sobressaltos, e traziam figurinos elaboradíssimos por grandes estilistas com tecidos finos e alta costura, além de adereços da côrte como sombrinhas, bengalas, luvas e leques.

O estilo Elite eram (os grupos) Flor do Campo, João Froxó, Campestre, que vinha (faz gesto de bengala debaixo do braço), entendeu? Era hiper luxuosa! A roupa era de veludo, muito bonita! É isso que eu sinto saudade! (SANTANA, 2019)

Hoje em dia, essas quadrilhas que estão aí, indo para outros lugares (estados), na minha época não tinha senão eu tinha ido. Pernambuco, e tudo, que as roupas são luxo, mas na época não era, Então quem botou o luxo foi a Campestre! Aí foi aquela crítica, no jornal e tudo, dizendo que São João não era luxo, que era roupa de chita. Aí no ano seguinte eu fiz o tema “Luxo e Lixo”! Que trabalho viu? Essa roupa aqui (mostrando croqui e fotos) era toda de pedaços de panos, consegui retalhos nas fábricas, a gente fez essa roupa toda de velcro. Aí começava a dançar, quando tirava (os retalhos) aparecia o luxo embaixo. Aí pronto! Foi campeã de novo! (PEIXOTO, 2019)<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> Spesia Peixoto, em entrevista concedida em novembro de 2019.

## 29. Quadrilha Arraiá Campestre, bairro Uruguai, 1987



Fonte: acervo Spesia Peixoto.

Com o passar dos anos começou a acontecer a mescla entre esses dois estilos, quando grupos emergiram dançando de maneira forte quanto aos ritmos e coreografias e trazendo figurinos cada vez mais rebuscados. Todo esse esforço se dava para a participação e conquista de prêmios, em concursos específicos de quadrilha, como apresento a seguir.

# MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE QUADRILHAS JUNINAS: REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR E OUTROS TERRITÓRIOS DA BAHIA

A Região Metropolitana de Salvador compreende 13 municípios: Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz, também conhecida como Grande Salvador e pela sigla RMS.

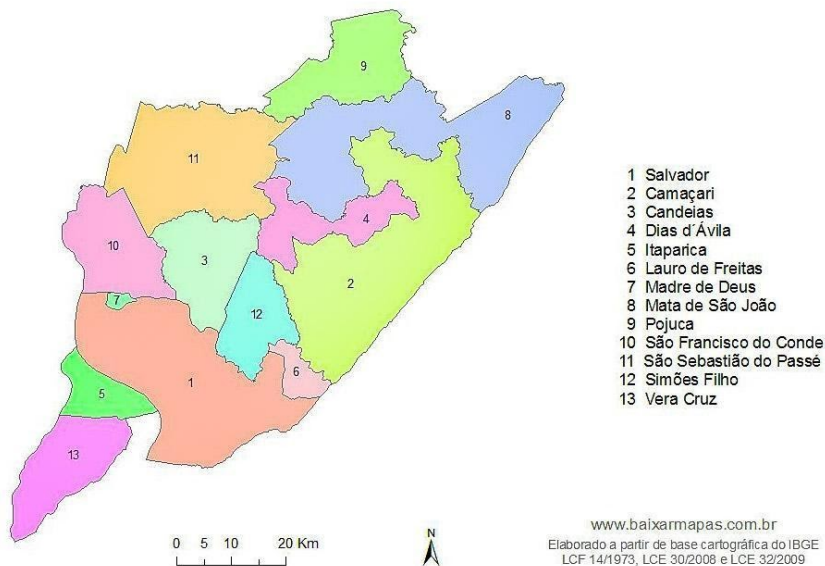
Foi instituída pela lei complementar federal número 14, de 8 de junho de 1973. Com 3.929.209 habitantes, segundo a estimativa para 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), passa a ser a segunda maior aglomeração urbana do Nordeste brasileiro (segundo o Censo de 2010), e a sétima do Brasil, além de ser a 109<sup>a</sup> mais populosa do mundo (dado de 2007). Concentrando aproximadamente 45% do PIB estadual em 2016, é também a metrópole mais rica do Norte-Nordeste<sup>51</sup>.

---

<sup>51</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o\\_Metropolitana\\_de\\_Salvador](https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Salvador)>.



### 30. Mapa da Região Metropolitana de Salvador REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR



Fonte: [www.baixamapas.com.br](http://www.baixamapas.com.br).

Atualmente temos apenas 4 grupos adultos e 2 grupos infantis na capital baiana em plena atividade e portanto se faz necessário incluir nesse estudo as quadrilhas juninas já extintas e as quadrilhas dos municípios que compõem a região metropolitana de Salvador.

Os grupos destes municípios costumam se encontrar nos diversos concursos da capital e do interior do Estado. Disputam, concorrem, trocam experiências, conhecimentos e também seus participantes. É comum que pessoas do interior venham dançar na capital e vice-versa, também ocorre que a contratação de coreógrafos,



marcadores, músicos e figurinistas é abastecida nesta relação entre os diferentes municípios.

Alguns grupos juninos desaparecem com o passar dos anos, enquanto outros surgem, às vezes, com os mesmos participantes. Carmo (2010) no seu artigo sobre política federal de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, diz que, "por um longo período, as tradições afro-brasileiras, indígenas e os demais grupos que compõem a diversidade cultural do Brasil foram excluídos das decisões políticas e dos processos histórico, social e econômico do país". Ou seja, os grupos juninos da Bahia desde sempre estiveram abandonados à própria sorte, sem nenhum reconhecimento e cuidado por parte dos setores públicos de cultura, vivendo de carnês e cachês, algumas premiações e ajuda pontual de políticos, sendo assim a continuidade dos trabalhos fica bastante comprometida.

Vale ressaltar que dentre os governos que o Brasil já teve, foi na gestão do Presidente Luiz Inácio "Lula" da Silva, em que então seu ministro da Cultura, o cantor e músico Gilberto Gil, fomentaram investimentos significativos nesta área, a exemplo dos *Pontos de Cultura* que reconheceu e preservou diversos espaços de produção cultural brasileira. E prossegue a autora citada dizendo que, neste período, o cenário das políticas culturais se deram com o intuito de "contribuir para a difusão, a preservação e o fortalecimento das manifestações

culturais brasileiras". Porém, não conseguiu atingir os grupos juninos de Salvador e região metropolitana e muitos deles findaram suas atividades.

No contexto da realidade das quadrilhas juninas em Salvador e interior baiano, e os objetivos que essa iniciativa se propõe, é que justifico que na tentativa de mapeamento devemos incluir grupos que outrora estiveram em atividade e agora não mais, mas que devem ser sempre mencionadas pois constituem lastro para novos grupos ou espetáculos que surgiram nos anos seguintes.

**Tabela 2.** Quadrilhas Juninas dos municípios da Região Metropolitana de Salvador

<b>MUNICÍPIOS</b>	<b>GRUPOS</b>	<b>SITUAÇÃO</b>
Camaçari	Fogueira Santa	Em atividade
	Forró Quentão	Extinta
Candeias	Zabumba Dourada	Em atividade
	Flor da Serra	Extinta
	Forró do Januário	Extinta
Dias d'Ávila	Balão Junino	Em atividade
	Nascente Nordestina	Em atividade
	Maria Bonita	Extinta
Itaparica	Esmeralda (Salinas das Margaridas)	Em atividade

	Risco de Fogo	Extinta
	Balão de Ouro	Em atividade
	Cheguei Pra Ficar	Extinta
Lauro de Freitas	Quadrilhão	Extinta
Madre de Deus	Balancê	Extinta
	Brilho da Lua	Extinta
	Chinelão	Extinta
	Madeirada do Forró	Extinta
	Rojão de Ouro	Extinta
Mata de São João	Caipiras Da Mata (2018)	Em atividade
Pojuca	Fole Danado	Em atividade
Salvador	Asa Branca (1992)	Em atividade
	Capelinha Do Forró (1999)	Em atividade
	Forró do ABC (1982)	Em atividade
	Imperatriz do Forró (2015)	Em atividade
	Mirim Germe da Era (1981)	Em atividade
	Mirim Forró do Luar (2010)	Em atividade
São Francisco do Conde	Laços do Recôncavo	Extinta
	São Bento do Forró	Extinta

	Dona Fé	Emergente
São Sebastião do Passé	Poeira do Sertão	Em atividade
Simões Filho	Cochilou Cachimbo Cai	Extinta
	Encima da Hora	Extinta
	Forró do Cia	Extinta
Vera Cruz	Cia da Ilha	Em atividade

Autoria: Soiane Gomes.

Para listar os grupos da tabela acima recorri a diversas fontes: verifiquei publicações nas redes sociais de concursos produzidos pela FEBAQ, busquei os canais de *YouTube* de quadrilheiros, retirei das citações das pessoas entrevistadas e de conversas no *WhatsApp* do grupo *Quadrilheiros da Bahia*. Como esta tabela não traz a totalidade dos grupos juninos outrora ou atualmente existente na RMS faz-se necessário continuar as pesquisas para compreender a total dimensão quantitativa e qualitativa desta dança nesta região.

Para mencionar os grupos juninos extintos de Salvador, por serem muito numerosos, se fez necessária uma tabela à parte com seus respectivos bairros, cuja fonte foi principalmente o livreto *O Alfabeto das Quadrilhas Juninas da Bahia* de Carlos Brito (1998), atual presidente da Federação Baiana de quadrilhas – FEBAQ. Difícil precisar o ano de fundação de cada quadrilha e seus

respectivos fundadores, porém os quadrilheiros consultados afirmam que boa parte desses surgiu na década de 1980 e outra parte na década de 1990.

**Tabela 3.** Mapeamento das extintas Quadrilhas Juninas de Salvador e seus respectivos bairros

<b>BAIRROS</b>	<b>EXTINTAS QUADRILHAS JUNINAS</b>
<b>Alto do Peru</b>	Zabumbão – Jeca Tatu
<b>Alto da Terezinha</b>	Mirim R.D.T. (Rua Direita da Terezinha) – Mirim Renascer
<b>Barbalho</b>	Emenda
<b>Base Naval</b>	Arraiá Base Naval
<b>Boca do Rio</b>	Arraiá da Alegria
<b>Brotas</b>	Forró do Candeal
<b>Cabula</b>	Arraiá Cabula I – Gonzagão – Renovação do Cabula – Forrozão – Mirim Arraiá do Colina
<b>Caixa D'água</b>	Doce Beijo - Labaredas
<b>Capelinha</b>	K pra Nós – Marrom Doçura – Forró do Sertão – DK Um Beijo – Roda Viva – Salário Mínimo – Come Dorme
<b>Cidade Nova</b>	Terra Viva
<b>Cosme de Farias</b>	Bem Te Vi
<b>Engenho Velho de Brotas</b>	Flor do Engenho – Buscapé – Zé do Baile – Cambalacho
<b>Fazenda Grande do Retiro</b>	Jaqueirinha

<b>IAPI</b>	Esperança – Arraiá da Vila
<b>Jardim Cruzeiro</b>	Balão Dourado – Forróbodó – Pinga Fogo
<b>Liberdade</b>	João Froxó - Mandacaru – Mirim Karambolás
<b>Paripe</b>	Chapelão – Arrasta Pé – Xalé
<b>Pau Miúdo</b>	Renovação do ABC – Fogaréu – Balão Beijo – Santa Fé – Plexo Big Bang – Xote Baiano
<b>Pirajá</b>	Vinte Vê – Arrocho na Roça – Aki Cheguei – Pé de Barro
<b>Plataforma</b>	Cambalacho – Delícia Nordestina – Brinco de Ouro – Vai Não Vai – Chega Junto
<b>São Caetano</b>	Gibão de Couro – Desejo – Forró Baiano – Xote Baiano – Camponeses – Aurora
<b>Suburbana</b>	Rosa Vermelha – Rancho Fundo – Elite – Boiadeiro do Vale
<b>Uruguai</b>	Forró do Fole – Arraiá do Jabaculê – Campestre – R.D.U. (Rua Direta do Uruguai) – Retrato de Um Forró – Tiradentes – Restinho Que Sobrou – Milho Verde – Circo do Beijo Doce – Vem K Yayá – Flor do Campo – Poluição – Arraiá do Nezinho – Arraiá do Dendê – Santa Rita do Passaquatro – Sanfona de Ouro – Luar do Sertão – Forró Baiano

Vale dos Rios	Arraiá Vale dos Rios
<b>Bairros Não Identificados</b>	Amizade – Aeróbica Oxigênio – Balão Mágico – Brilho do Sol – Brega Chic – Bem-me-Quer – Bela Vista – Beija-Flor – Bota não Bota – Bum Balão – Bem-te-Vi – Para o ano Sai Melhor – Chão de Estrelas – Xorroxó – Zé Tortinho – Vai e Volta

Autoria: Soiane Gomes.

Existe relação com quadrilhas de outros municípios da Bahia que participam dos mesmos concursos na capital ou no interior e que merecem ser mencionadas, mesmo não fazendo parte do recorte da região metropolitana de Salvador, pois este referido trabalho traz como premissa a valorização de todos os grupos, extintos ou em atividade, de toda a Bahia. Observe abaixo uma pequena relação cujas fontes foram as divulgações do Campeonato Estadual de Quadrilhas 2019, no qual tive a oportunidade de assistir e avaliar enquanto jurada do Grupo de Acesso, no quesito Coreografia, e a base de dados do Sistema de Informações e Indicadores da Cultura – SIIC, o cadastro estadual da Secretaria de Cultura da Bahia – SECULT/BA.<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> Disponível em: < <https://siic.cultura.ba.gov.br/>>.

**Tabela 4.** Mapeamento de Quadrilhas Juninas de outros municípios da Bahia

<b>MUNICÍPIOS</b>	<b>GRUPOS</b>	<b>SITUAÇÃO</b>
Acajutiba	Fulô de Caju	Em atividade
Alagoinhas	Beija-Flor Forró Tia Dulce	Em atividade
Barra da Estiva	Beco do Barão Eita Lasqueira Mirim São Felinho	Em atividade
Cachoeira	Girassol do Iguape Raízes do Iguape	Em atividade
Caculé	Busca-pé de Caculé	Em atividade
Catu	Arraiá Bela Flor Explosão Junina Ilumiar Pinga Né Mim Mais que Tradição	Em atividade
Cícero Dantas	Encanto Nordestino	Em atividade
Conceição do Coité	Junina JC	Em atividade
Cruz das Almas	Mistura Gostosa	Em atividade
Euclides da Cunha	Carcarás do Sertão	Em atividade
Feira de Santana	Renovação do Forró Xodó das Meninas União de Ouro Korró Korró	Em atividade Em atividade Em atividade Extinta
Gandu	Dois Amores	Em atividade



Ibiciuí	Revolução	Em atividade
Ibititá	Rosa dos Ventos	Em atividade
Ipecaetá	CEAF [Colégio Estadual Áureo Filho]	Em atividade
Itambé	Balancê	Em atividade
Juazeiro	Buscapé	Em atividade
Mairi	Santa Cruz	Em atividade
Nova Canaã	Flor de Mamulengo	Em atividade
Pé de Serra	Furacão	Em atividade
Pedro Alexandre	Sou do Sertão Pisada do Sertão	Em atividade
Ponto Novo	Mandacaru de Ouro	Em atividade
Ribeira do Pombal	Pé no Chão	Em atividade
Rio Real	Flor de Laranjeiras Arrasta Pé	Em atividade Extinta
Santo Antônio de Jesus	Luar do Recôncavo	Em atividade
São Felipe	Cia Balão Junino	Em atividade
Sítio Novo	Rosas Vermelhas	Em atividade
Taperoá	Arribasaia Aê	Em atividade
Tucano	Fole Baixo	Em atividade

Autoria: Soiane Gomes.

### 31. Divulgação Campeonato Estadual da Bahia, Grupo de Acesso, 2019

**FEDERAÇÃO BAHIANA DAS QUADRILHAS JUNINAS**

**CAMPEONATO ESTADUAL DE QUADRILHAS JUNINAS DA BAHIA 2019**

**GRUPO DE ACESSO**

13/06 – 11:H QUINTA FEIRA	14/06 – 11:H SEXTA FEIRA	15/06 – 11:H SÁBADO
1- LAÇO DE XITA	1- NASCENTE NORDESTINA	1 – CHEGA MAIS
2- FULÔ DE CAJU	2 - POEIRA DO SERTÃO	2 – LUAR DO NORDESTE
3- ZABUMBA DOURADA	3 - RENOVAÇÃO DO FORRÓ	3 – TIRA O PÉ DA BRASA
4- UJNN 01	4 - JC COITÉ	4 – FLOR DE MAMULENGO
5- LUAR DO RECONCAVO	5 - BELA FLOR	5 – BUŞCAPÉ DE CACULÉ
6- MISTURA GÓSTOSA	6 - CAJU DE OURO	6 – BECÓ DO BARÃO
7- CANDIDO DIAS	7- TIA DULCE	7 – ESMERALDA
8- PÉTALAS	8 – FURACÃO	8 – CAPIRAS DA MATA
9- EXPLOÇÃO JUNINA	9 - FOGUEIRA SANTA	9 – FOLE DANADO
10- SAUDADE NORDESTINA	10 – ENCANTO DO NORDESTE	10 – ROSA VERMELHA
	11 – BALÃO JUNINO	11 – UJNN 2
	12 – FLOR DE AÇAÍ	12 – SANTA CRUZ

Fonte: FEBAQ.

O trabalho de mapeamento de grupos e quadrilhas juninas de Salvador e região metropolitana, bem como da Bahia como um todo, carece de maiores aprofundamentos e pesquisas posteriores, tendo em vista que os grupos se extinguem, os componentes se separam e criam novos grupos com outras denominações, além do que quadrilhas mirins mudam para a categoria adulto, então ocorre uma significativa variação quantitativa.

A dificuldade em fazer a contagem das quadrilhas também se dá pelo fato de que são poucos os grupos que realizam cadastro no Sistema de Informações e

Indicadores da Cultura – SIIC, no site da Secretaria de Cultura do Estado. Atualmente constam apenas 20 grupos cadastrados em toda a Bahia.

### 32. Captura de tela do Sistema de Informações e Indicadores em Cultura - SIIC. Acesso: 19 de outubro de 2020

Bem Vindo ao Cadastro Cultural.

email  senha  OK

**Cadastro cultural** sic  
PESQUISA E ESTATÍSTICAS  
CLIQUE FORTMENTO

SIIC > Grupo cultural > Busca

Nome do Grupo  Outra Denominação / Sigla

Grupo cultural	Nome do Grupo	Outra Denominação / Sigla
Ação	Grupo Cultural e Junino Quadrilha Forró do ABC	Quadrilha Forró do ABC
	Grupo Cultural e Quadrilha Junina Imperatriz do Forró	
	Grupo Cultural Junino Quadrilha Forró Asa Branca	
	Grupo de Quadrilha Junina Arribastada	
	Quadrilha Junina 2 Amores	Q2Amores
	Quadrilha Junina Armaiz Bela-Flor	ABF
	Quadrilha Junina Branca-Pé de Caculé	Q.J.B.P.
	Quadrilha Junina Caipiras da Mata	
	Quadrilha Junina Cia Bailão Nordestino	CEN
	Quadrilha Junina Eira Laçoetra	Junina Eira Laçoetra

Página 1 de 2, exibindo 10 registros no total de 20

Fonte: site da FUNCEB.

Uma outra maneira de obter esses dados seria através da Federação Baiana de Quadrilhas – FEBAQ, que realiza a filiação dos grupos baianos interessados em participar dos concursos, no entanto não fui atendida quando busquei essa informação junto à entidade. Vale salientar que muitos grupos de quadrilhas pela Bahia adentro não são filiadas à FEBAQ e não participam dos concursos promovidos pela federação, o que torna mais dificultosa a sua identificação.

### 33. Captura de tela do Sistema de Informações e Indicadores em Cultura - SIIC. Acesso: 19 de outubro de 2020

Bem Vindo ao Cadastro Cultural.

email  senha  OK

Logo: Cadastro cultural, sic PESQUISAS E ESTATÍSTICAS CLIQUE FOMENTO

Patrimônio Cultural

- Patrimônio Material
- Patrimônio Imaterial
- Festas e Eventos Culturais
- Espaços Culturais
- Agentes Culturais e Afins
  - Pessoa Física
  - Pessoa Jurídica
  - Grupo Cultural
- Resultado de Indicadores
- Relatórios
  - Totalização de Agentes
  - Lista de Agentes
  - Portfólio dos Agentes
  - Listagem de Eventos/Festas
  - Listagem de Espaços
  - Patrimônio Cultural da Bahia
  - Consulta Georreferenciada

SIIC > Grupo cultural > Busca

Nome do Grupo  Outra Denominação / Sigla

Localizar

Grupo cultural	Nome do Grupo	Outra Denominação / Sigla
	QUADRILHA JUNINA FOGUEIRA SANTA	
	Quadrilha Junina Fole Danado	Junina FD
	Quadrilha Junina Thamar Pinga-Nô-Mim	
	QUADRILHA JUNINA LUAR DO RECÔNCAVO	QJLR
	Quadrilha Junina Mandacaru de Ouro	Mandacaru de Ouro
	Quadrilha Junina Mirim Forô do Luar	
	Quadrilha Junina Mirim Cerme da Era	
	Quadrilha Junina Revolução	Junina Revolução
	Quadrilha Junina Rosa dos Ventos	
	QUADRILHA JUNINA SANTA CRUZ	qjantacruz

Página 2 de 2, exibindo 10 registros no total de 20

Fonte: site da FUNCEB.

Ainda sobre o quantitativo de quadrilhas juninas afiliadas à FEBAQ, trago destaque para um diálogo, observado no grupo *Quadrilheiros da Bahia* no aplicativo *WhatsApp*, entre os quadrilheiros Jonas Pereira e Roberto Franklin, diretor regional da FEBAQ, nos seguintes termos:

JONAS: me tire uma dúvida, quantas quadrilhas atualmente estão/são filiadas à FEBAQ? A FEBAQ já tem quantos anos de atuação? Começou com quantas? Se fosse juntar as quadrilhas que estão, e as que não estão, em atividade, quantas quadrilhas vocês já tiveram no montante? Vou nas assembleias e a gente não conhece essas quadrilhas, eu fico imaginando que tem mais quadrilhas que concursos, não é isso?

ROBERTO: a FEBAQ tem 15 anos de existência, de atuação é um pouco complicado eu falar porque até mesmo os diretores que são fundadores da FEBAQ, no caso que começaram lá atrás, nos 15 anos, hoje tem somente Lula, Ailton e Cacau. Então o pessoal acha que de atuação a FEBAQ não tem esses 15 anos, porque levou um bom tempo sem as pessoas acreditarem na entidade, achando que era uma brincadeira de fazer uma associação/federação, então posso dizer que tem 10-12 anos.

ROBERTO: Existem vários critérios, as quadrilhas se afiliam à FEBAQ, mas se elas ficarem 2 anos "sem sair" (sem apresentar espetáculos em concursos) saem do quadro de afiliadas. Você percebe que já tem muitas quadrilhas que deixaram de sair, então essas já saíram do quadro de afiliadas. Hoje, diretamente, nós temos quase 60 filiadas, porque tem grupo que ainda está dentro do prazo: cada quadrilha tem o direito de ficar 2 anos sem sair e depois retorna, mas cada região (macroterritórios da Bahia) dessa tem mais 20-30, então no geral hoje, envolvida nesse processo todo, tá chegando a quase 100 quadrilhas, quando a gente pega das regiões, que também faz parte com a gente.

ROBERTO: A cada ano a gente faz o cadastramento. Exemplo: esse São João nós tivemos 40 quadrilhas inscritas para competir, em janeiro nós vamos fazer um levantamento: as 40 que saíram no São João 2019, vão estar no São João 2020? Aí que a gente vai saber quem desistiu, quem continua, então esses números são rotativos, a gente não tem um número certo, que a gente possa dizer: "nós temos 80 e todos os anos essas 80 estão saindo, dentro dos critérios que a FEBAQ precisa", entendeu?<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> Transcrição de áudios realizada em 07 de novembro de 2019.

## CONCURSOS DE QUADRILHAS JUNINAS: DA COMUNIDADE À TELEVISÃO, ESPAÇOS DE VISIBILIDADE E SUBMISSÃO

A primeira memória que eu tenho de quadrilha é... pode falar o nome da emissora? (Pode!) da TV Itapuan, aquela que fazia o [concurso] Ao Pé da Fogueira, mas era assim: era no estúdio, uma salinha, entravam quatro casais, seis casais (de dançarinos) e a câmera ficava de baixo assim e pegava! (Que ano isso?) Ah... 60 e ... eu era pivete, eu era menino, meu pai gostava de assistir!<sup>54</sup>

Já foi dito que as quadrilhas francesas foram absorvidas pela população brasileira e sofreu diversas modificações no movimento, na musicalidade e também na época. Com a imposição do calendário católico e os festejos de junho, em algum momento da história esta dança foi introduzida nas festa juninas e passou a ser praticada nas paróquias, nas escolas e nas comunidades em geral.

Não foi diferente na cidade de Salvador, onde os moradores sempre fizeram questão de comemorar as festas juninas em suas ruas, promovendo arraiás com apresentações musicais, jogos e brincadeiras, visitando parentes e amigos, como nos conta o professora Agnaldo

---

<sup>54</sup> Geo Santa Fé, em entrevista concedida em maio de 2019.

Silva: "as quadrilhas dançavam nos bairros. Íam pro Vale dos Rios, Stiep, São Caetano, no Beija Jegue, no fim de linha do Pau Miúdo" (SILVA, 2019).

As famílias e vizinhos se reuniam para festejar os santos católicos com muita comida, muita música e muitas brincadeiras. A festa começava já nos preparativos, enfeitando as ruas, colocando as bandeirolas, pintando as casas ou calçadas, separando a madeira para as fogueiras, preparando os vestidos, descascando o milho, preparando os bolos e demais iguarias da época. Como podemos observar nesta narrativa da memória da quadrilheira Zezé:

Eu lembro que comecei aos 5 anos de idade, naquela época minha mãe fazia quadrilha de bairro, há 50 anos atrás, onde minha mãe morava e mora ainda, pois ainda é viva, tinha aquela coisa de vizinhos, formava a quadrilha, pulava muita fogueira, naquela época era assim no bairro do Uruguai, onde moro até hoje. Mas tem fotos minhas com 1 ano e poucos, no braço de alguém já vestida de quadrilha. (SACRAMENTO, 2019)

Essas atividades em comunidade reunia crianças, jovens, adultos e idosos, promovendo a relação intergeracional de maneira muito positiva e a transmissão de conhecimentos tradicionais.

Paulo Ornellas expressa o papel relevante das comunidades em seu depoimento:

Uma coisa interessante de pontuar, antigamente as quadrilhas tinham essa coisa voltada para o envolvimento comunitário, na verdade quem formavam as quadrilhas eram as comunidades. Tinha uma participação! Se você parar pra pensar, quem costurava era mãe de fulano, mãe de beltrano, que tava no meio de quadrilha, adereço era uma lojinha de seu Zé ali, cada um ia contribuindo de alguma forma, isso era muito bacana! Como eram as famílias que estavam envolvidas, mesmo até os pais (homens) que eram os mais machistas e não aceitavam, na época de São João estavam participando e aplaudindo seus filhos. Falava: olha! Aquele ali é meu filho! (ORNELLAS, 2019)

Sendo assim, era comum que cada rua organizasse sua própria quadrilha, com seus familiares e vizinhos, fazendo deste um momento especial e de integração social. Com o passar dos anos, devido o grande prazer em dançar quadrilha e brincar o São João em comunidade, as pessoas foram investindo cada vez mais na organização, ensaiando com antecedência, padronizando as vestimentas, buscando um trio de sanfoneiro particular, dentre outros detalhes, para ficar mais animado e assim se destacar dos grupos de outras ruas ou de outros bairros.

Eu que trazia as quadrilhas todas pra essa rua que você tá vendo aí. Fechava a rua, com polícia, com sanitário público, com gambiarra de prefeitura, com tudo. Amanhecia o dia, eu trazia umas dez ou quinze quadrilhas pra dançar aqui nessa rua. Imagine? Quando dançava a última a gente via o dia amanhecendo. Essas casas ficavam cheias de gente em cima



da laje assistindo, não passava nada aqui nessa rua, de uma ponta à outra. (PEIXOTO, 2019)

**34.** Concurso promovido pela quadrilha Arraiá Campestre, bairro Uruguai. Década de 1980



Fonte: acervo de Spesia Peixoto.

Desta maneira começaram a surgir os *Concursos de Bairro*, organizados pela própria comunidade em parceria com escolas e igrejas, feitos na rua, sem palco ou arquibancada, com premiações simples como troféus e medalhas. Um dos concursos mais respeitados era promovido pelo quadrilheiro João Froxó no bairro da Liberdade.

Foram citados concursos nos seguintes bairros: Galiléia, Liberdade, Baixa do Fiscal, Uruguai, Vale dos Rios, Cabula I, Cabula VI, Vila Olímpica, Pau Miúdo e Roma. Os quadrilheiros demonstram que os concursos e arraiás de bairros eram bastante divertidos, que numa mesma noite percorriam cerca de três ou quatro locais diferentes:

O bairro tem essa coisa importante na época, a comunidade, porque eram elas que faziam as quadrilhas, mas eu sei desde o princípio que eram voltados para os concursos. O que diferenciava era que nessa época as quadrilhas dançavam muito (quantitativamente) porque tinham esse compromisso com as comunidades, então se você, por exemplo, fizesse uma festa lá na Boca do Rio e convidasse a quadrilha pra ir, não existia o estrelismo de hoje, não existia essa coisa: *eu sou o artista, a estrela, não vou!* Imagina, numa noite a Balão Dourado dançava no Jardim Cruzeiro, na Mangabeira, na paróquia de São Jorge, tinham três, quatro apresentações numa noite, no Canal Central, no Bate-Estaca, no concurso do Mariposa de Roma e aí vai. (ORNELLAS, 2019)

Percebe-se que o clima da brincadeira nas festas juninas era o que impulsionaram as comunidades e levava os jovens à participar de maneira mais espontânea, à percorrerem os diferentes arraiás dançando, confraternizando, mostrando o trabalho que construíram, de maneira ainda despreziosa.

**35.** Comissão Julgadora de Concurso promovido pela quadrilha Arraiá Campestre, bairro Uruguai. Sentado, de camiseta vermelha, vê-se João Froxó. Década de 1980



Fonte: acervo Spesia Peixoto.

Os extintos concursos, principalmente o Ao Pé da Fogueira, foram importantíssimos para o estímulo à produção de espetáculos juninos, desenvolvimento de grandes coreografias e profissionais da Dança, Teatro e Música. Não tínhamos consciência de que estávamos sendo espetacularizados e nos deixando espetacularizar, víamos uma oportunidade de aparecer na televisão, além da busca pela premiação, quase nunca em dinheiro mais em produtos diversos. Os efeitos da espetacularização, que sufocam os grupos juninos exigindo sempre mais a

cada ano: mais dança, figurinos, profissionais, cenários, componentes, efeitos e surpresas, custou caro e ocasionou no esgotamento e extinção de mais da metade dos grupos (vide tabela 5). Esta consciência foi chegando a partir dos anos 2010 quando o movimento de quadrilhas de Salvador se vê com pouquíssimos grupos e nenhuma política pública, que lhe assegure a continuidade.

**Tabela 5.** Relação de extintos concursos de Quadrilhas Juninas

<b>CONCURSOS EXTINTOS</b>	<b>INSTITUIÇÃO PROMOTORA</b>	<b>PERÍODO</b>	<b>LOCAL DE REALIZAÇÃO</b>
Ao Pé da Fogueira	TV Itapuan	1979 - 2001	Estúdio TV Itapuan SESI Retiro Estádio Antônio Balbino
Arraiá de Santana	TV Subaé	1983 - 2005	SESI Feira de Santana - BA
Arraiá da Orla	Jornal A Tarde	1986 Única Edição	Antigo Aeroclube - Boca do Rio
Arraiá da Capitá	TV Bahia / Jornal A Tarde	1987 - 2000	Parque de Exposições
		2006 - 2014	Itinerante
Forró do 7	TV Bandeirantes	1989 Única Edição	Ribeira, Rio Vermelho, Paripe

Arraiá do Chico	Secretaria Municipal de Cultura	1993 - 2015	São Francisco do Conde - BA
-----------------	---------------------------------	-------------	-----------------------------

Autoria: Soiane Gomes.

A professora Dra. Amélia Conrado lançou importante reflexão quando mediadora da mesa temática Mestres de Quadrilhas, no 1º Fórum de Quadrilhas Juninas 2019, nos convidando a pensar sobre os efeitos e consequências do capitalismo que se expressa na relação entre os concursos e as quadrilhas, dizendo:

Nós vivemos numa sociedade capitalista e a forma desse modelo econômico, cria uma relação de opressão, de dependência, de competição. [...] A gente tem que refletir que os festivais de quadrilha junina, é um modelo novo que se criou na sociedade moderna de espetáculos, tem as suas coisas positivas e também tem coisas que não são boas pra gente. Então eu pergunto: qual é a relação que a gente cria com o capitalismo? Quais são os financiamentos que as empresas, que promovem os festivais competitivos, estão dispensando às quadrilhas juninas? Todos estão com suas sedes equipadas com segurança de trabalho? Será que todos esses profissionais que se envolvem com as quadrilhas estão bem remunerados? Será que a preservação do acervo que a gente cria: figurinos, cenários, músicas, danças e coreografias, pesquisas, esse acervo, ele é público? O público tem acesso, como meio de educação, para que as universidades, as escolas públicas acessem isso? Por fim, as propagandas que utilizam as imagens das quadrilhas juninas recompensam por isso? São muitas questões! (CONRADO, 2019)

Veja abaixo a relação dos concursos nos quais as quadrilhas juninas da Bahia participam apresentando seus espetáculos em busca de visibilidade, premiação e reconhecimento.

**Tabela 6.** Concursos em atividade em Salvador e outros estados brasileiros

<b>CONCURSOS EM ATIVIDADE</b>	<b>INSTITUIÇÃO PROMOTORA</b>	<b>PERÍODO</b>	<b>LOCAL DE REALIZAÇÃO</b>
Arraial do Galo	TV Aratu e patrocinadores	Desde 1986	Itinerante em Salvador
Campeonato Baiano de Quadrilhas Juninas	Bahiatursa / FEBAQ - Federação Baiana das Quadrilhas Juninas	2008 - 2009	Cruzeiro de S. Francisco
		2010 - 2013	Praça Municipal
		2014 - 2019	Praça da Revolução (Periperi)
Concurso de Dias D'Ávila	Prefeitura Municipal de Dias D'Ávila e Secretaria de Cultura	Desde 2017	Itinerante
Concurso de Vera Cruz	Prefeitura Municipal de Vera Cruz	Desde 2019	Itinerante
Arraiá da Margarida	Prefeitura Municipal Salinas da Margarida	Desde 2017	Itinerante

Campeonato de Quadrilhas Juninas	Prefeitura Municipal Rio Real e Secretaria de Educação	[informação não encontrada]	Itinerante
Festival de Quadrilhas Juninas da Rede Globo Nordeste	TV Globo Nordeste (Pernambuco)	Desde 1988	Itinerante
Nordestão de Quadrilhas	UNEJ - União Nordestina de Quadrilhas Juninas	Desde 2002	Itinerante
Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas	CONFEBRAQ - Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas	Desde 2005	Itinerante
Festival Nordestino de Cultura Junina Nacional	Associação Brincantes do Folclore Nordestino	Desde 2008	Floriano - Piauí

Autoria: Soiane Gomes.

Atualmente temos em atividade apenas dois concursos em Salvador: o Arraial do Galo, que desde 1997 se chama O Galinho, e o concurso da FEBAQ apoiado pela Bahiatura. O Galinho<sup>55</sup> outrora apenas concurso de

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://ogalinho.com.br/evento/>>.



quadrilhas aberto e gratuito, atualmente é uma festa fechada com shows de artistas e bandas de sertanejo e axé, com altos valores de ingresso, e por esse motivo não consegue mais agregar a comunidade, as torcidas das quadrilhas, para que lhes prestigiem. Os grupos juninos recebem uma cota de ingressos para distribuir entre os componentes e caso haja ingressos excedentes dão-se à amigos convidados. Com patrocinadores exclusivos que ditam as regras, os quadrilheiros são forçados a aceitarem essas mudanças.

**36.** Divulgação do Concurso Arraiá do Galinho (2016). Casal de dançarinos da Quadrilha Forró do ABC



Fonte: TV Aratu.

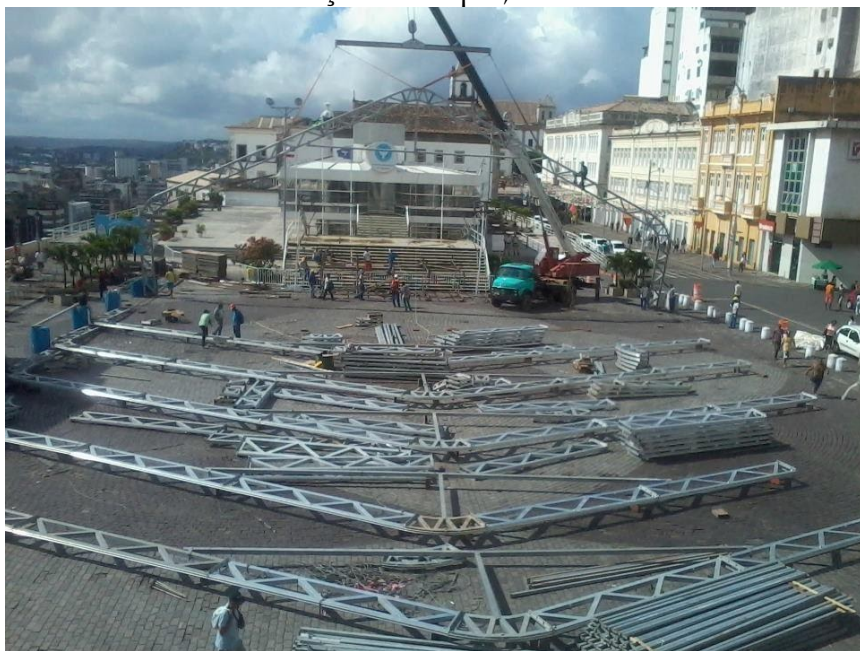
Os quadrilheiros tem atualmente como segunda e última opção de concurso em Salvador o Campeonato Baiano de Quadrilhas Juninas, organizado pela Federação Baiana de Quadrilhas – FEBAQ, com apoio financeiro da Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia (Bahiatursa), que ocorre desde 2008 agregando grupos juninos de todo o estado da Bahia, divididas entre Grupo Especial e Grupo de Acesso.



Este concurso primeiramente se realizou no Cruzeiro de São Francisco (2008 e 2009), numa das praças do Pelourinho, sem arquibancadas para a plateia e pouca proteção contra as chuvas do período de junho. A FEBAQ então conseguiu que o evento fosse transferido para a Praça Municipal e teve toda a estrutura de palco e arquibancada necessária para a sua realização no período de 2010 à 2013.

Devido à realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, algumas festividades foram suspensas no Centro Histórico, devido à proximidade com o estádio Arena Fonte Nova, desta maneira a realização do concurso chegou a ser "ameaçada" de não ser realizado. Há, também, uma especulação que o novo prefeito, empossado naquele mesmo ano, Antônio Carlos Magalhães Neto, desautorizou a realização do evento, situado justamente em frente à Prefeitura. Uma outra especulação é que com a mudança de Secretário de Turismo do estado da Bahia, antes Domingos Leonelli, um grande simpatizante do movimento de quadrilhas e padrinho do referido evento, pois era gerido sua pasta, o seu sucessor não tinha interesse em dar continuidade ao campeonato.

### 37. Montagem da arena Campeonato Estadual de Quadrilhas, Praça Municipal, 2013



Fonte: FEBAQ.

Após negociações entre a Federação Baiana de Quadrilhas e Bahiaturso, órgão patrocinador do campeonato, uma nova praça na cidade foi sugerida, passando a então a ser realizado, a partir daquele ano até 2019, quando se realizou esta pesquisa, na Praça da Revolução, no bairro de Periperi, situado no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

**38.** Arena montada para o Campeonato Estadual de Quadrilhas, Praça da Revolução, no bairro Periperi, 2014



Fonte: FEBAQ.

As três primeiras colocadas do grupo especial neste campeonato ganham a oportunidade de representar a Bahia nos concursos "de fora", ficando a distribuição da seguinte maneira: a quadrilha vencedora em 1º lugar vai ao Festival Globo Nordeste e ao Concurso Nacional da Confebraq, o 2º lugar vai para o Nordestão da UNEJ e o 3º lugar vai para o Festival Nordestino no Piauí. A vencedora do grupo de acesso também foi representar a Bahia no Festival Nordestino neste ano de 2019.

### 39. Distribuição das quadrilhas baianas vencedoras para os concursos "de fora", 2014



**CAMPEONATO ESTADUAL DE QUADRILHAS JUNINAS DA BAHIA**  
De 11 a 14 de junho – Praça da revolução - Periperi

As vencedoras representarão a Bahia nos Concursos Regional da Globo, Nacional, Nordesteão e Festival Nordestino

**Segue ordem:**

1º lugar - REGIONAL DA GLOBO - Pernambuco (Goiana) = 22/Jun  
CONCURSO NACIONAL - Ceará (Maracanaú) = 19/20/Jul

2º Lugar – CONCURSO NORDESTÃO - Estado do Piauí (Terezina) = 05/06/Jul

3º Lugar – FESTIVAL NORDESTINO - Estado do Piauí (Floriano) = 12/Jul

Fonte: FEBAQ.

Em 2014 tive a experiência de participar do Concurso Nordesteão realizado em Teresina, capital do Piauí, onde a Quadrilha Forró Asa Branca conquistou o 2º lugar.

**40.** Personagem Rúbia - Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 2014



Fonte: acervo pessoal.

Faz-se necessário discorrer, mesmo que em linhas gerais, sobre a nossa unidade representativa, tendo em vista que o desenrolar das transformações vividas pelos grupos juninos perpassa pelos critérios estabelecidos por esta entidade. A FEBAQ iniciou o seu processo de formação em 2001, mas somente em 17 de julho de 2007 teve a sua formalização jurídica. Seu surgimento se deu através da iniciativa de alguns presidentes de quadrilhas, impulsionados pela existência de federações de quadrilhas juninas em outros estados, que já estavam organizados há um certo tempo e com algumas conquistas de políticas públicas.



O seu corpo diretor sofreu poucas alterações desde a sua formação até os dias atuais, tendo basicamente os mesmos membros e suas quadrilhas de origem já estão extintas há pelo menos 10 anos.

**Tabela 7.** Membros diretores da Federação Baiana de Quadrilhas - FEBAQ

<b>Diretoria Executiva FEBAQ</b>		
Presidente	Carlos Brito	Quadrilha Leão do Norte
Vice-presidente	Agnaldo Silva	Quadrilha Sanfona de Ouro
Secretária	Ely Rasek	Arraiá Terra Viva
Tesoureira	Maria José Sacramento	Quadrilha Sanfona de Ouro
Diretor Regional	Roberto Franklin	Quadrilha Sanfona de Ouro
Conselho fiscal	Ailton Vieira	Forró do Fole
	Claudia Marah	Quadrilha Leão do Norte
	Luis Pedreira	Arraiá Terra Viva

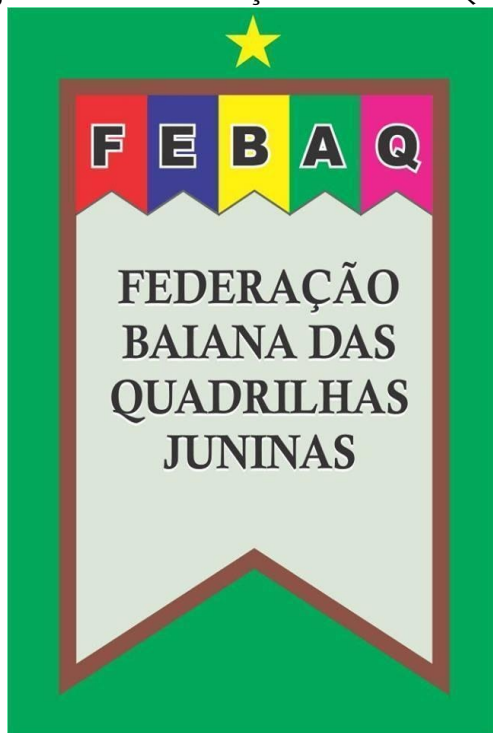
Autoria: Soiane Gomes.

Segundo o seu Estatuto<sup>56</sup>, no Artigo 3º consta que a FEBAQ tem por objetivo "o incentivo da cultura e do movimento junino da Bahia, através da construção de ações e eventos de desenvolvimento cultural, social e

<sup>56</sup> Sugestão de consulta: anexos.

educacional", porém durante estes treze anos de atuação vemos apenas a realização de concursos em parcerias com secretarias ou prefeituras, algumas festas de integração entre os grupos e pouca transparência quanto aos recursos financeiros que movimenta.

#### 41. Logomarca da Federação Baiana de Quadrilhas



Fonte: FEBAQ.

Antes da formação da FEBAQ houve uma tentativa de representação das quadrilhas juninas, porém não avançou por muito tempo. Chamada Associação das Quadrilhas Juninas do Estado da Bahia – AQUIJEBÁ, teve duração de quase dois anos (1993-1994) sem muita

expressão no cenário junino. O quadrilheiro e atual presidente da FEBAQ, Carlos Brito, mencionou em seu livro *O Alfabeto das Quadrilhas Juninas da Bahia* (1998), sobre essa iniciativa por parte de alguns quadrilheiros:

Há alguns anos, uma cúpula dos quadrilheiros formou uma associação de quadrilhas com o nome AQUIJEBA, Essa associação não é unânime diante de todos os quadrilheiros, tendo várias divergências, a começar escolha do presidente (Antonio Francisco de Souza Neto), que foi empossado sem nenhum tipo de votação, e sim por ter tomado a iniciativa do projeto. No mesmo caminho foram empossados os diretores, secretários (Dilzete Araújo de Assis Santos), tesoureiros e outros que formavam toda a cúpula administrativa dessa associação. (p. 80)

O autor vai tecendo uma série de críticas a essa iniciativa de associação de quadrilhas, pontuando as falhas e apontando caminhos que deveriam ser seguidos, tendo em vista do que se espera de, e como realmente deve atuar, uma unidade representativa. Brito segue dizendo:

Quase não se fez nada, ressaltando um concurso de quadrilhas, realizado na área do Passeio Público [...] quase nenhuma quadrilha de respaldo apareceu, ficando um concurso sem valor e nada suntuoso. Outras atividades sem importância vieram acontecer, mas os propósitos reais da criação da associação não foram correspondidos. Metas, como a divulgação absoluta do movimento, o reconhecimento perante órgãos competentes governamentais, o registro de todas as quadrilhas, a busca de patrocínios e apoios, a realização de um concurso de quadrilhas juninas,



na mesma altura dos concursos oficiais, não foram atingidas.

Todas essas obrigações assumidas pela AQUIJEBBA ficaram infelizmente nos papéis arquivados, não cumprindo um terço das obrigações que eram de sua responsabilidade<sup>57</sup>.

É importante notar que as críticas de Brito, feitas em 1998 à AQUIJEBBA, podem perfeitamente ser direcionadas à sua própria atuação como presidente da FEBAQ nos dias atuais. Até o momento seu empenho se concentra na realização do Campeonato Estadual de Quadrilhas, reduzidos concursos em municípios do interior da Bahia. A Federação não promoveu o reconhecimento perante órgãos públicos, não incentivou ou orientou a formalização jurídica dos grupos juninos, não efetivou patrocínios ou apoios com empresas e a redução das quadrilhas é drástica.

A questão do desaparecimento de muitas quadrilhas em Salvador e região metropolitana é ponto de preocupação dos quadrilheiros mais antigos e isso também foi criticado por Brito, em relação à AQUIJEBBA, quando diz que:

a meta principal seria lutar para o não desaparecimento das quadrilhas e sim a sua revitalização no cenário junino baiano.

Aproximadamente, encontra-se em atividades menos de cinquenta quadrilhas juninas, entre Salvador e cidades vizinhas, basicamente a metade de cinco anos atrás<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> BRITO. *Op. cit.*, p. 81.

<sup>58</sup> BRITO. *Op. cit.*, p. 82.

Sobre a atuação da FEBAQ e seu efeito sobre os grupos juninos da Bahia, trago aqui uma observação do quadrilheiro Rubem Braga que em depoimento pontua:

Para a revitalização do movimento de quadrilhas, minhas sugestões são as seguintes: primeiro mudar completamente essa gestão que está à frente, que diz que tudo o que acontece no movimento tem que passar por ela. Peraí! Se eu quiser montar um grupo e me apresentar por aí eu não posso sem essa organização? Não existe! Essa organização é quem diz se eu posso participar de tal evento ou de tal concurso? Não existe! Não pode? Quando essa organização por trâmites internos, entre eles, resolvem institucionalizar e eles mandam na porra toda e é como eles querem, já se perde muita coisa, já começa a derrocada da manifestação. Porque vai pra concurso quem eles querem, não é mais espontâneo! Que é um dos fatores primordiais de uma manifestação cultural: a espontaneidade! Perde-se, quando eles começam a limitar, não apenas a existência, a manutenção, mas a forma como deve ser feita, quantos devem ter, quem deve participar, quem pode, quem não pode, como deve estar vestido, como não pode, então, tem de desconstruir! Tem que acabar com essa organização! (BRAGA, 2020)<sup>59</sup>

Ao contrário de outras federações de quadrilhas pelo Brasil que desenvolvem assembleias produtivas, que elaboram documentos, que cobram do Estado que se cumpra as leis de cultura, que conquistaram editais próprios, que conquistaram subsídios, que realizam seminários e cursos para jurados, que se movimentam

---

<sup>59</sup> Rubem Braga, em entrevista concedida em janeiro de 2020.

para além de concursos competitivos, a nossa federação baiana até a presente data não conquistou nenhuma política pública que fosse efetiva para os grupos juninos baianos.

Os dirigentes são os mesmos durante todos esses anos, pois nunca houveram interessados em formar chapa de oposição, e seus esforços foram apenas o de convencer a TV Aratu a manter o concurso de quadrilhas dentro do que se tornou um megaevento do Arraiá do Galinho, e o projeto pontual dentro da Secretaria de Turismo do estado da Bahia, o Campeonato Estadual de Quadrilhas, que estremece cada vez que mudam os secretários, pois não há obrigatoriedade na sua manutenção.

As consequências do descaso, da falta de atenção e planejamento das e para as comunidades, na manutenção de seus espetáculos juninos, se apresentam ano após ano refletidas nas dificuldades financeiras em promover o segmento junino.

A seguir apresento matéria<sup>60</sup> realizada pelo site Forte na Notícia, identificada como sendo do município de Cruz das Almas, estado da Bahia, realizada em 31 de maio de 2018, que discute as dificuldades financeiras das quadrilhas juninas.

---

<sup>60</sup> Disponível em: <<https://www.fortenanoticia.com.br/com-dificuldades-financeiras-e-falta-de-apoio-quadrilhas-juninas-lutam-pela-sobrevivencia/>>.

## 42. Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018

Com dificuldades financeiras e falta de apoio, quadrilhas juninas lutam pela sobrevivência | Cruz das Almas - FORTE NA NOTÍCIA

### **Com dificuldades financeiras e falta de apoio, quadrilhas juninas lutam pela sobrevivência**

O que antes era uma festa popular que não envolvia ensaios orquestrados, figurinos elaborados e competições, virou uma manifestação cultural carregada de profissionalismo.

Por **Redação2** - 31 de maio de 2018



Fonte: Forte na Notícia.

### 43. Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018

Com dificuldades financeiras e falta de apoio, quadrilhas juninas lutam pela sobrevivência | Cruz das Almas - FORTE NA NOTÍCIA

Tradição cultural secular trazida diretamente de Lisboa por Dom João VI, as quadrilhas juninas chegaram ao Brasil como uma dança de salão executada apenas pela corte e elite europeia. Uma vez em terras tupiniquins, a “quadrille”, como era conhecida em francês, sofreu grandes transformações e acabou ganhando o nome de quadrilha, numa tentativa dos serviçais de imitar as danças que viam nos bailes promovidos nos casarões da elite. Da corte, a dança se espalhou pelo país e acabou ganhando o povo brasileiro, sendo ainda mais tradicional no nordeste. As quadrilhas então se tornaram uma marca do período junino. O que antes era uma festa popular que não envolvia ensaios orquestrados, figurinos elaborados e competições, virou uma manifestação cultural carregada de profissionalismo.

Os grupos de quadrilhas juninas categorizados como profissionais são formados por diretorias e possuem uma organização administrativa. As pessoas que assumem esses cargos ficam responsáveis por diversos aspectos da produção e da apresentação, como cronogramas de ensaios, escolha de tema, acompanhamento dos custos, entre outras funções. Augusto Reis, um dos diretores da quadrilha Capelinha do Forró, de Salvador, contou ao Bahia Notícias como funciona a organização deles: “Somos oito membros na diretoria, apesar de ter toda a formação jurídica, nós funcionamos realmente como diretório e tudo é decidido através de voto, é uma coisa bem democrática”.

Além dos membros do diretório, outros integrantes da quadrilha também fazem parte do grupo de forma voluntária. A cada um deles, é requisitada uma quantia média de R\$ 1 mil para arcar com os custos do figurino e adereços que serão utilizados durante a apresentação. “Claro que essa quantia é dividida em

Fonte: Forte na Notícia.

O texto inicia trazendo o contexto histórico de origem desta dança, suas transformações, sua inserção sociocultural no Brasil, seu caráter popular e conclui afirmando “[...] virou uma manifestação cultural carregada de profissionalismo”, isto porque no parágrafo seguinte passa a citar as estruturas organizacionais de uma quadrilha. Cita o corpo diretor e administrativo, suas funções nas etapas do processo de construção de um espetáculo junino, a partir da narrativa do

quadrilheiro Augusto Reis, presidente da Quadrilha Capelinha do Forró, em entrevista à matéria.

Em seguida descreve a participação voluntária dos quadrilheiros, dançarinos sobretudo, que pagam certa quantia para custear figurinos e adereços. Neste ponto apresenta-se uma característica híbrida dos grupos juninos, de serem amadores e profissionais ao mesmo tempo, quando reúne pessoas que recebem pagamento por seus serviços e outras que pagam para atuar no mesmo resultado artístico, mesmo que parcelado.

O quadro seguinte dá continuidade ao texto, trazendo estratégias de arrecadação de recursos, para além do pagamento dos dançarinos, em seguida surge a fala de Mariete Lima, presidente da Quadrilha Forró do ABC, listando detalhadamente os itens que são contratados para a construção do espetáculo junino: figurinos, cenários, banda musical, marcador, aderecistas e coreógrafos.

## 44. Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018

Com dificuldades financeiras e falta de apoio, quadrilhas juninas lutam pela sobrevivência | Cruz das Almas - FORTE NA NOTÍCIA

várias parcelas dentro dos muitos meses que a gente já vem fazendo o trabalho”, explica Augusto. Como nem todo mundo que participa tem condições de pagar, o grupo elabora artifícios como bingos, festas e rifas para arrecadar dinheiro e ajudar a custear a quadrilha. “Temos gastos com os figurinos, cenários, equipes de profissionais que são contratados, a banda, custo com o marcador, que é o responsável por animar e puxar a quadrilha, com as pessoas que fazem os adereços e também temos os gastos com os coreógrafos”, pontua Mariete Lima, presidente da quadrilha Forró do ABC, também de Salvador.

A organização das quadrilhas para o São João se iniciam em julho, assim que as apresentações daquele ano são finalizadas. De acordo com o Presidente da Federação Baiana de Quadrilhas Juninas (Febaq), os grupos levam praticamente um ano inteiro “desenvolvendo, criando e projetando” os trabalhos para que possam ser apresentados durante o próximo período junino. Tanto Mariete quanto Augusto se reúnem com suas equipes assim que o mês de junho se encerra. “Por essa questão da temática, elaboração de figurino, questões e elementos coreográficos, a gente já começa a trabalhar logo após o término do ciclo junino do ano anterior, uma média de 11 meses de antecedência mais ou menos é o nosso processo”, conta o diretor. “A gente não para, os outros setores da quadrilha ficam de ‘férias’ e são convocados de acordo com as demandas”, afirma a presidente.

As apresentações realizadas pelas quadrilhas juninas, em um concurso que segue as regras da Febaq, duram 25 minutos. Os participantes têm 15 minutos para arrumar o cenário na quadra e organizar sua banda no palco. Segundo o presidente da federação, alguns grupos, principalmente aqueles do interior,

Fonte: Forte na Notícia.

A matéria buscou conversar também com o presidente da Federação Baianas de Quadrilhas – FEBAQ, o senhor Carlos Brito, que na sua fala demonstra a grandiosidade dos preparativos, dizendo: "os grupos levam praticamente um ano inteiro desenvolvendo, criando e projetando os trabalhos, para que possam ser apresentados durante o próximo período junino". A fala institucional prossegue, dessa vez trazendo aspectos

organizacionais do concurso: tempo de apresentação, tempo de montagem do cenário, passagem de som, tempo de desmontagem, sem discutir os custos das montagens coreográficas, citados pelos presidentes, de acordo com o tema da matéria jornalística.

#### 45. Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018

Com dificuldades financeiras e falta de apoio, quadrilhas juninas lutam pela sobrevivência | Cruz das Almas - FORTE NA NOTICIA

utilizam cds ou pen drives no lugar de uma banda. Após a apresentação, as quadrilhas dispõem de 5 minutos para deixar a quadra e retirar todo o seu material, incluindo os equipamentos de som. Ao todo, os processos de apresentação dos grupos juninos duram 45 minutos. A presidente do Forró do ABC contou ao BN que quando eles realizam alguma apresentação particular, a performance pode chegar a 30 minutos: "Quando terminamos a dança, ainda fazemos brincadeiras com os convidados que estão no evento".

No que se refere ao investimento necessário para uma apresentação, Mariete relaciona o custo das quadrilhas ao das escolas de samba. "Hoje para você fazer um grande trabalho você não gasta menos de R\$ 150 mil porque existe todo uma equipe de contratados que são estritamente profissionais, então você tem gastos em todos os processos, sendo necessário um apoio", pontua. É justamente no quesito financeiro que reside o maior problema enfrentado pelas quadrilhas atualmente. "Aqui na nossa cidade, nós não temos nenhum recurso e nenhum edital vindo da prefeitura ou do governo que beneficia as quadrilhas juninas, também não temos apoio de nenhum grupo privado", lamenta a representante do Forró do ABC.

Apesar de ser uma manifestação cultural típica do nordeste, inclusive da Bahia, as quadrilhas juninas vem enfrentando dificuldades no que diz respeito ao apoio dos órgãos públicos. Para ter uma ideia da crise pela qual os grupos estão passando, estima-se que há alguns anos atrás haviam mais de 100 quadrilhas, somente em Salvador, enquanto hoje, apenas quatro delas sobrevivem, por enquanto. "Infelizmente a capelinha está no seu último ano", revela Augusto. "São 20 anos de luta, tentando batalhar pra colocar esse grupo na rua, mas em 2019 a gente já não vai mais estar fazendo parte desses

Fonte: Forte na Notícia.

A situação de dificuldade gritante se expressa nas afirmações feitas pela presidenta Mariete Lima, quando



desabafa a realidade em Salvador: "aqui, na nossa cidade, nós não temos nenhum recurso, nenhum edital vindo da prefeitura ou do governo que beneficie as quadrilhas juninas". As consequências disso se expressa nas palavras de Augusto Reis: "infelizmente a Capelinha está no seu último ano [...] são 20 anos de luta, tentando batalhar pra colocar esse grupo na rua", numa demonstração evidente de perda da força financeira do grupo. O texto também menciona o fato de que Salvador conta apenas com quatro grupos, em comparação às décadas passadas quando haviam mais de 100 quadrilhas na capital baiana.

#### 46. Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018

Com dificuldades financeiras e falta de apoio, quadrilhas juninas lutam pela sobrevivência | Cruz das Almas - FORTE NA NOTICIA

grupos, por causa de todas essas dificuldades financeiras", contou. Com o fim da Capelinha, serão apenas três grupos na capital baiana. No entanto, segundo Augusto, pode ser que eles também não resistam, já que enfrentam os mesmos problemas.

Os dois representantes das quadrilhas concordam que falta apoio estatal para que os grupos continuem seus trabalhos. "Para os nossos governantes o Carnaval dura 12 meses do ano, e eles não respeitam a nossa cultura de um modo geral, eu falo principalmente pela cultura junina que é tão rica", aponta Mariete. Durante a conversa com o BN, a presidente citou iniciativas realizadas por outros estados para incentivar a cultura dos grupos juninos. Em cidades como Fortaleza, Recife e Aracaju, o São João dura 30 dias e as quadrilhas dançam nos aeroportos, ficam nas rodoviárias, nos shoppings, nas ruas. "Existe todo um abraço pelas quadrilhas juninas", opina Mariete. "O que falta é investimento nessa cultura. Infelizmente as quadrilhas vem ficando pra trás e esse movimento vem morrendo a cada ano que passa", finaliza Augusto.

Fonte: Forte na Notícia.

É lastimável que a matéria se encerre numa atmosfera de decepção pelo descaso com o setor cultural de Salvador, sem previsão de mudanças, em comparação com outras capitais que investem fortemente nas festas e quadrilhas juninas, mais ainda pela FEBAQ que não esboçou nenhum tipo de análise sobre a situação, sequer apresentou algum projeto para melhoria da realidade dos grupos juninos e se demonstram isentos de responsabilidades.

São esses fatos e situações que incentivam momentos efetivos de reflexão e debates entre os quadrilheiros, que exercem as mais diversas funções, a Federação e agentes públicos, para apontar problemas e buscar as soluções cabíveis, no âmbito das políticas culturais, de modo a promover a cultura junina em nossa cidade.

## CAPÍTULO III

### NO SONHO VÍA A SANFONA E A ZABUMBA, BATENDO TÃO FORTE PARECENDO UM CORAÇÃO: 1º FÓRUM DE QUADRILHAS JUNINAS DE SALVADOR

A universidade é esse espaço que deve ser democrático, para que nos coloque juntos sem diferenças, econômicas ou de conhecimento, para que a gente possa criar diálogos e ambas as comunidades, a sociedade, elevar o seu conhecimento, a sua educação, a economia e a cultura<sup>61</sup>.

O 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, se configura como uma atividade de extensão, evento estudantil apoiado pela Pró Reitoria de Extensão – PROEXT, da Universidade Federal da Bahia, UFBA, realizada de maneira inédita para o movimento de

---

<sup>61</sup> Fala de abertura da Profa. Dra. Amélia Conrado, no 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 08/08/2019. Vídeo de abertura do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador. Disponível em: <<https://web.facebook.com/soianegomesbrincante/videos/374515896580255/>>.

quadrilhas juninas e no espaço formal acadêmico. Buscou amadurecer os estudos acadêmicos em cultura popular na Bahia, mais precisamente da produção de dança popular em comunidades externas à academia, buscando estreitar diálogos com as Quadrilhas Juninas de Salvador.

Impulsionado pela necessidade de colher depoimentos dos mais diversos quadrilheiros, para alimentar a oralitura deste livro sobre as quadrilhas juninas de Salvador, o Fórum reuniu estudantes, artistas da dança, teatro e música, coreógrafos, figurinistas, grupos e famílias de Quadrilhas, assim como toda a comunidade interessada, para o intercâmbio de múltiplas opiniões e fruição de saberes.

Este projeto, realizado em parceria com a colega e estudante Sibeles Bulcão Passos, foi contemplado na *Chamada para Concessão de Apoio à Organização de Eventos Estudantis 2019*<sup>62</sup> da Pró-Reitoria de Extensão Universitária – PROEXT, da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

---

<sup>62</sup> Para acessar o edital: <https://proext.ufba.br/chamada-para-concessao-de-apoio-organizacao-de-eventos-estudantis-2019>. Para acessar o resultado: [https://proext.ufba.br/sites/proext.ufba.br/files/resultado\\_da\\_chamada\\_para\\_concessao\\_de\\_apoio\\_a\\_organizacao\\_de\\_eventos\\_estudantis\\_2019-etapa\\_2\\_1.pdf](https://proext.ufba.br/sites/proext.ufba.br/files/resultado_da_chamada_para_concessao_de_apoio_a_organizacao_de_eventos_estudantis_2019-etapa_2_1.pdf).

47. Cartaz de Divulgação do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019



Arte Visual: Natália Almeida.

## 48. Programação do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019

**1º FÓRUM QUADRILHAS JUNINAS DE SALVADOR 2019**

**PROGRAMAÇÃO**

**QUINTA 08/08**

19H ESPETÁCULO  
A SAGA - Quadrilha Forró Asa Branca

CERIMÔNIA DE HOMENAGEM

MESA DE ABERTURA - Mestres  
MEDIADORA: Prof. Dra. Amélia Conrado - UFBA  
MESTRAS(ES): Mariete Lima, Ubaldina Estrela  
Altamira Lobo, Graça Brandão, Ana Maria Franco  
Ely Rasek, Agnaldo Silva, Antônio Soares,  
Deraldo Lima, Geo Santa Fé, Jorge Cavalcante  
Spesia Peixoto

**SEXTA 09/08**

9H AULÃO - Xaxado

10H MESA TEMÁTICA 1 - Coreógrafos de Quadrilhas  
MEDIADOR: Prof. Me. Jairson Bispo  
CONVIDADOS: Isis Carla, Adelson Sousa,  
Alexandre Chaves, Anderson Cupim,  
Armando Filho, Danilo Carvalho,  
Jorge Cavalcante, Leandro Oliveira

14H MESA TEMÁTICA 2 - Como construir Políticas  
Culturais de manutenção e salvaguarda para  
as Quadrilhas Juninas de Salvador?

MEDIADOR: Prof. Dr. Jânio Roque de Castro - UNEB  
CONVIDADOS: André Rios - CCPJ, Carlos Brito - FEBAQ  
Edwin Neves - FGM, Eteneol Cruz - CMPC  
Pan Batista - Cons. Est. de Cultura da BA  
Roberto Pellegrino - IPAC  
Ver Sílvio Humberto - Comissão de Cultura

19H  
CERIMÔNIA DE HOMENAGEM

NOIVAS E RAINHAS DE QUADRILHAS

ESPETÁCULO  
O SERTÃO BOMI - Quadrilha Forró do ABC

**SÁBADO 10/08**

9H MOSTRA MUSICAL  
Repertórios de Quadrilhas

10H MESA TEMÁTICA 3 - Músicos e Compositores  
de Quadrilhas  
MEDIADOR: Etnomusicólogo Marcos Santos  
CONVIDADOS: Natall Santana Tica,  
Adelmo Magalhães, Ed Bispo, Geo Santa Fé,  
Jean Batista, Julio Cavalcanti, Lazaro Oliveira,  
Ricardo Correia, Roberto Brito, Roberto Cândido

14H MESA TEMÁTICA 4 - Figurinistas de Quadrilhas  
MEDIADOR: Prof. Me. Denny Neves - UFBA  
CONVIDADOS: Aline Assis, Tais Brandão,  
Cid Brito, Ito Gomes, Jhon Pereira, Luciano Santana,  
Marcio Santana, Rubem Braga

16H MESA TEMÁTICA 5 - Marcadores de Quadrilhas  
MEDIADORA: Solange Simões  
CONVIDADOS: Antônio Soares, Clóvis Oliveira,  
David Washington, David Gonçalves, Jotta Armany,  
Leandro Santoli, Leonardo Teles, Paulo Ornellas,  
Valter Mangabeira

19H  
LEITURA DA CARTA  
1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador

ESPETÁCULOS  
EU SOU O SÃO JOÃO - Quadrilha Mirim Gorme da Era  
O CASAMENTO DA FILHA DO CANGAÇO - QM Forró do Luar  
O AUTO DO PÓ DA ESTRADA - Q. Arraiá Bela Flor  
FÊNIX E SEMENTE DO AMANHÃ - Q. Imperatriz do Forró

**VISITE A EXPOSIÇÃO**  
Memórias de Quadrilhas

Realização:

Arte Visual: Natália Almeida.

Fiz questão de buscar quadrilheiros mais antigos, mesmo que fora de atividade, para compor a programação do 1º Fórum, também não me acanhei em "superlotar" as mesas, pois tinha a impressão que esse encontro inédito pudesse, talvez, nunca mais se repetir outra vez. A importância em reunir tantos quadrilheiros expressivos se deu justamente pelo caráter inaugural desta iniciativa. Por se tratar de uma oportunidade importante, aproveitei para lançar um formulário de inscrições e assim coletar dados que pudessem colaborar no entendimento do perfil socioeconômico dos quadrilheiros juninos e acrescentar à esta pesquisa.

## AMOSTRA DOS DADOS COLETADOS NO FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

Apresento os dados coletados através do formulário de inscrições para o 1º Fórum onde constavam perguntas sobre faixa etária, orientação sexual, escolaridade, renda, origem geográfica e inserção cultural.

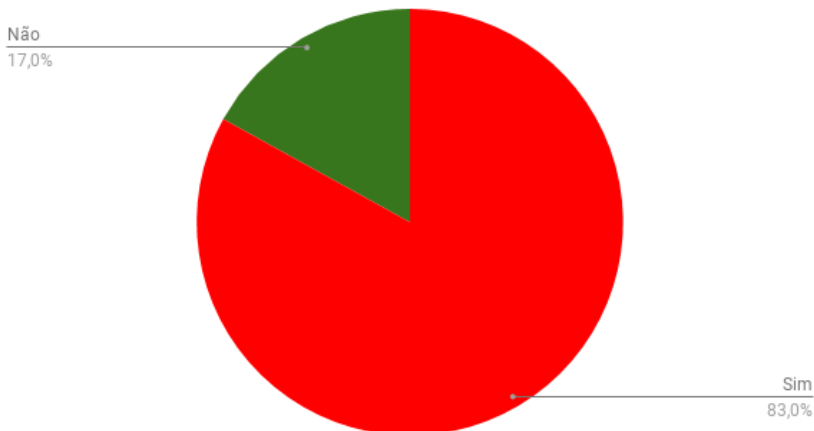
Foram abertas as inscrições pelas redes sociais, de 01 de julho à 08 de agosto de 2019, para a participação no Fórum e recebemos formulários de 218 inscritos, dentre os quais 183 pessoas (83%) se identificaram como quadrilheiros. O formulário foi elaborado de modo a coletar dados que possibilitasse a identificação do perfil social do público que atua em quadrilhas, quanto a posição socioeconômica, etnia, escolaridade, sexualidade, faixa etária, dentre outras, além de questões abertas sobre suas atuações nos respectivos grupos juninos, colhendo também alguns depoimentos.

É de alta relevância expor aqui os dados, que longe de ser um censo com o rigor que se exige, ainda assim pode nos ajudar a compreender em que lugar da sociedade se encontram os participantes de quadrilhas juninas e quem são os sujeitos que movimentam esta expressão cultural em Salvador. Nos dados a seguir apresento apenas as

respostas dos quadrilheiros, eliminadas as respostas do público externo.

**Diagrama 3.** Identificando os Quadrilheiros entre os inscritos no 1º Fórum

Contagem de Você é quadrilheiro?



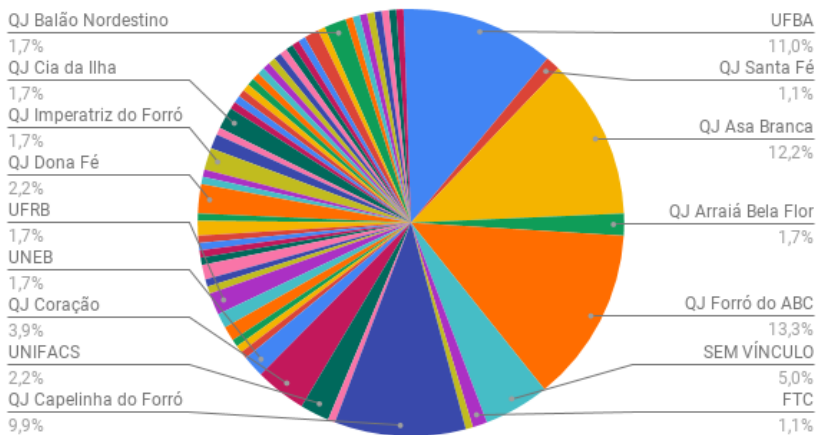
Autoria: Soiane Gomes.

Por se tratar de um evento acadêmico uma das primeiras perguntas do formulário era "instituição da qual faz parte". Alguns responderam a universidade que estavam, ou foram, vinculados e outros responderam o nome do grupo junino em que atua, o que para mim demonstra a afirmação e a valorização do espaço cultural do qual fazem parte.



**Diagrama 4.** Resposta micro quanto às Instituições de origem dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Contagem de Instituição da qual faz parte:

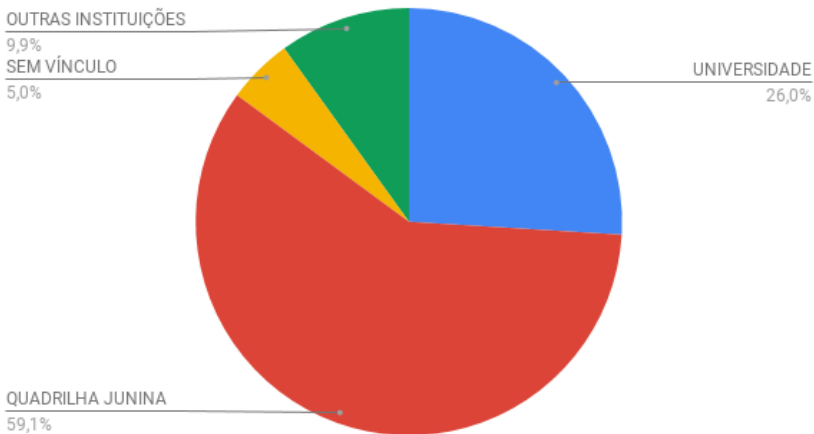


Autoria: Soiane Gomes.

Em linhas mais gerais, ainda sobre a instituição ao qual se vinculam, resumidamente os resultados são:

**Diagrama 5.** Resposta macro quanto às Instituições de origem dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Contagem de Instituição da qual faz parte:

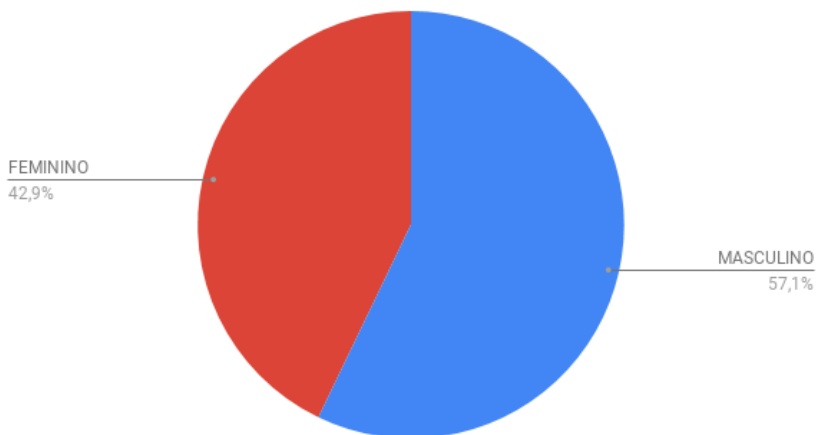


Autoria: Soiane Gomes.

O próximo dado que o formulário indaga trouxe uma constatação bastante interessante. Quando perguntado quanto ao Gênero a predominância masculina foi bastante destacada, o que também foi constatado no momento de selecionar os convidados para as mesas temáticas. As quadrilhas tem em seu quadro de profissionais os marcadores, os músicos e para elaboração de coreografias e figurinos, uma maioria de homens, o que me fez garimpar as poucas mulheres que atuam nessas linguagens para que se fizessem presentes para falar de suas experiências.

**Diagrama 6.** Quanto ao Gênero dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Contagem de Gênero



Autoria: Soiane Gomes.

Em seguida perguntamos sobre a orientação sexual dos quadrilheiros, tendo em vista que o movimento de quadrilhas é visivelmente marcado pela diversidade sexual, o que sugiro posteriores pesquisas neste campo. Vale ressaltar que, embora atualmente o segmento de quadrilhas seja abertamente diverso e agregador quanto às diferentes sexualidades, foi somente em 2019 que, durante assembleia da Federação Baiana das Quadrilhas Juninas (FEBAQ) após votação com presidentes de quadrilhas da Bahia, ficou instituída a permissão para que travestis, transexuais e transgêneros pudessem dançar com figurino correspondente à sua identidade de gênero, enquanto em outros estados do Brasil isto já é uma realidade há muitos anos.

Neste caso a questão artística, onde o artista/intérprete pode/deve se trajar de acordo com o personagem para compor o espetáculo, estava em segundo ou último plano. O que imperava era a ideia heteronormativa de que "homem" se veste de cavalheiro e "mulher" se veste de dama.

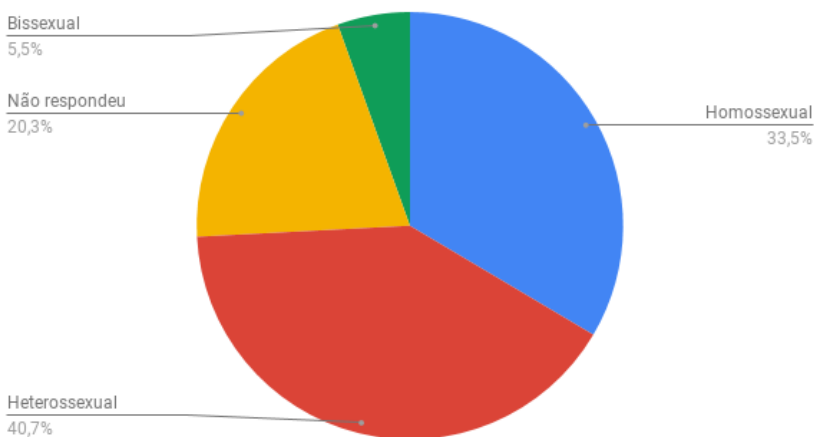
A esse respeito comenta Hayesca Barroso em seu artigo:

A participação de homossexuais masculinos e sujeitos "trans" nos grupos de quadrilha junina não se limita à realização de performances trans nas quadrilhas e/ou concursos "gay" e "trans"; ela se estende de modo mais ampliado à presença majoritária de homossexuais na produção técnica da própria festa junina, a saber, desenho e confecção de figurinos, maquiagem, coreografia. Trata-se, portanto, de uma apropriação que extrapola o âmbito das performances cênicas das/nas quadrilhas juninas, mas que também ocupa os bastidores da festa, sua produção e também o seu consumo.  
(BARROSO, 2017, p. 182)

Sendo assim, é natural que os homossexuais, para além de todas as funções que exercem dentro dos grupos juninos, queiram exercer o seu direito a dançar ou performar, como lhes faça feliz.

## Diagrama 7. Quanto à Orientação Sexual dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

### Contagem de Orientação Sexual:

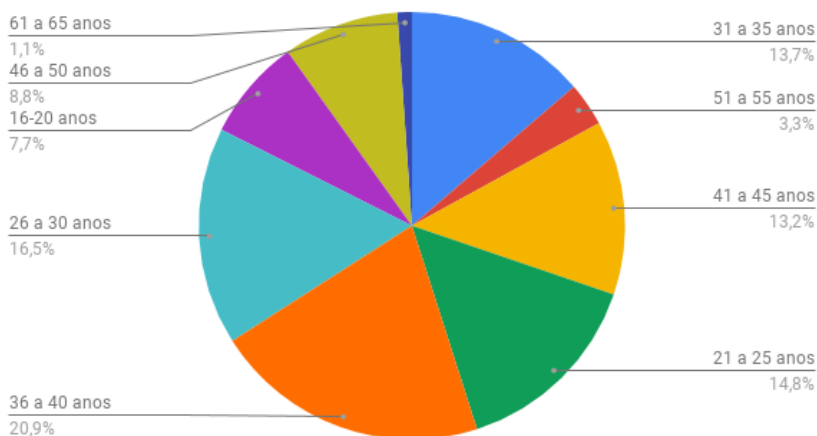


Autoria: Soiane Gomes.

Percebemos que as quadrilhas promovem com bastante intensidade o convívio intergeracional, ou seja, temos crianças, adolescentes, jovens, adultos e maior idade reunidos em torno desta expressão cultural, exercendo as mais variadas funções. O formulário de inscrição do 1º Fórum também indagou sobre a faixa etária dos quadrilheiros para compreender, em pequena escala, como se dá esta interação.

## Diagrama 8. Quanto à Faixa Etária dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Contagem de Faixa Etária



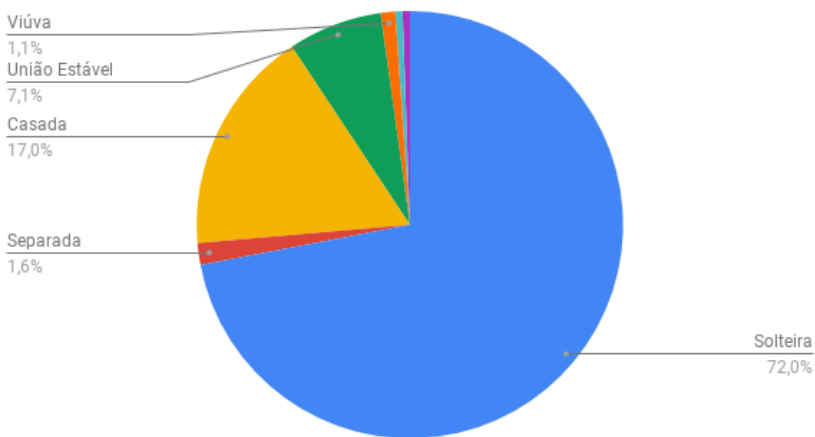
Autoria: Soiane Gomes.

O formulário apresentou opções que partiam do *menor que 15 anos* até a opção *maior que 66 anos*, em grupos a cada 5 anos. A maior predominância se deu na opção *36 a 40 anos* com 20,9% dos inscritos, seguido da opção *26 a 30 anos* com 16,5% dos inscritos no 1º Fórum de quadrilhas.

Quando perguntados sobre o Estado Civil, os quadrilheiros inscritos no 1º Fórum assinalaram em sua maioria a opção *Solteira* (escolhemos apresentar as opções no feminino) totalizando 72%, seguido da opção *Casada* com 17% do total inscrito.

**Diagrama 9.** Quanto ao Estado Civil dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Contagem de Estado Civil

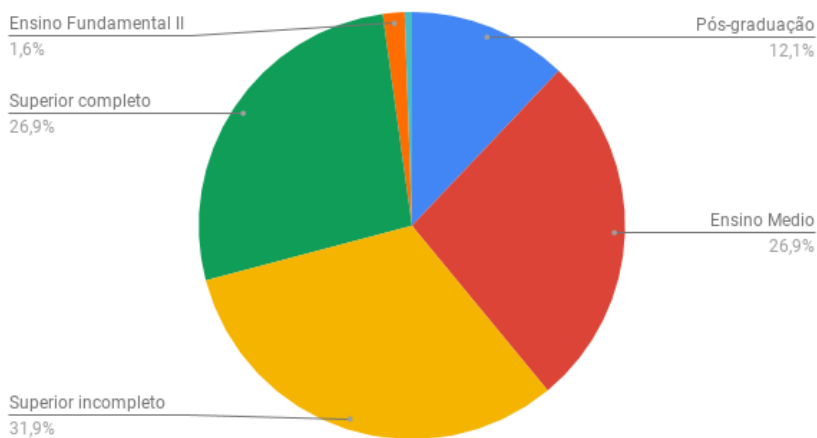


Autoria: Soiane Gomes.

Em relação ao nível de Escolaridade, 31,9% dos quadrilheiros inscritos disseram ter o nível *Superior Incompleto* compondo a maioria, seguido das opções *Ensino Médio* e *Superior Completo* ambos com 26,9% dos inscritos.

## Diagrama 10. Quanto à Escolaridade dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

### Contagem de Escolaridade



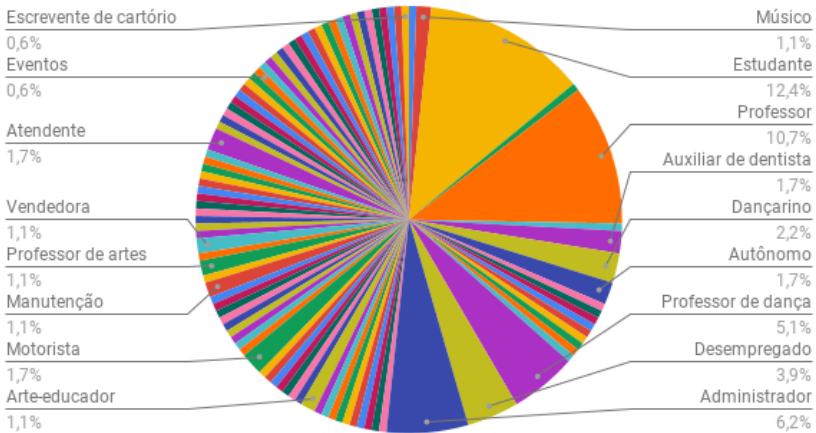
Autoria: Soiane Gomes.

Na sequência perguntamos sobre a atual função no trabalho e o demonstrativo de respostas apontou para uma diversidade de funções, com destaque para 12,4% das pessoas que se colocaram como estudante, o que não se configura como trabalho, em seguida aparece então a função Professor(a) exercida pela maioria de 10,7%. Ganha destaque a função de Administrador com 6,2% e professor de dança com 5,1% das respostas enviadas.



**Diagrama 11.** Quanto à Função exercida no Trabalho dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Contagem de Atualmente exerce qual função no trabalho?

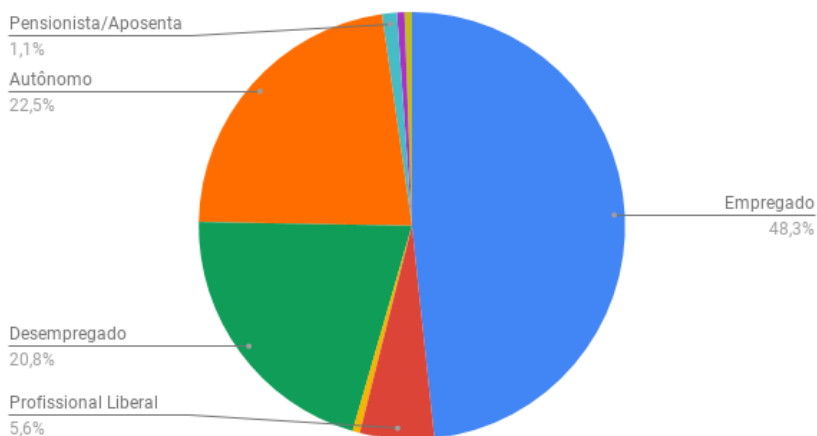


Autoria: Soiane Gomes.

Em relação à situação trabalhista dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum, o resultado demonstrou que 48,3% estavam empregados, em seguida 22,5% de autônomos e 20,8% de desempregados. Vale mencionar 5,6% de profissionais liberais e 1,1% de pensionistas e aposentados.

## Diagrama 12. Quanto à Situação Trabalhista dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

### Contagem de Situação trabalhista



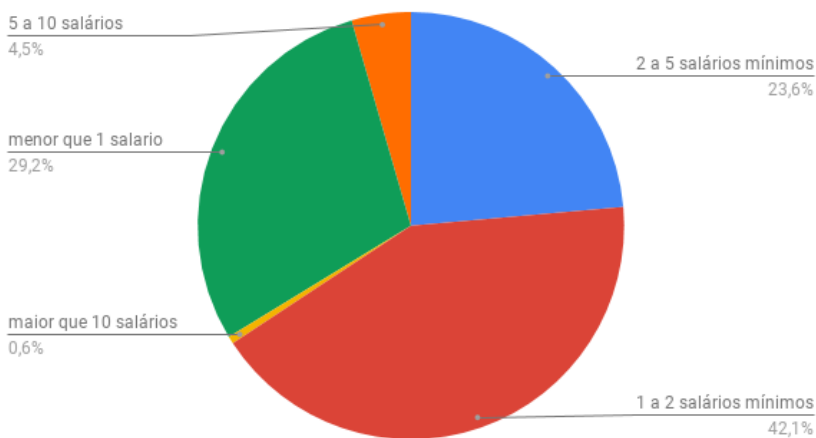
Autoria: Soiane Gomes.

Na sequência foi perguntado sobre a renda mensal dos inscritos e sua grande maioria de 42,1% disse receber de 1 a 2 salários mínimos, em seguida 29,2% disseram receber até 1 salário mínimo. Nota-se através deste dado que o público consultado pertence às categorias D e E que, segundo os critérios estabelecidos pelo Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico, possuem renda familiar de até R\$2.004<sup>63</sup>. No ano de 2019, ano de realização desta pesquisa, o salário mínimo custava R\$998, portanto 2 salários mínimos eram R\$1.996.

<sup>63</sup> Segundo o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, no endereço <https://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>, consultado no dia 07 de julho de 2020.

**Diagrama 13.** Quanto a Renda Mensal dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Contagem de Renda Mensal

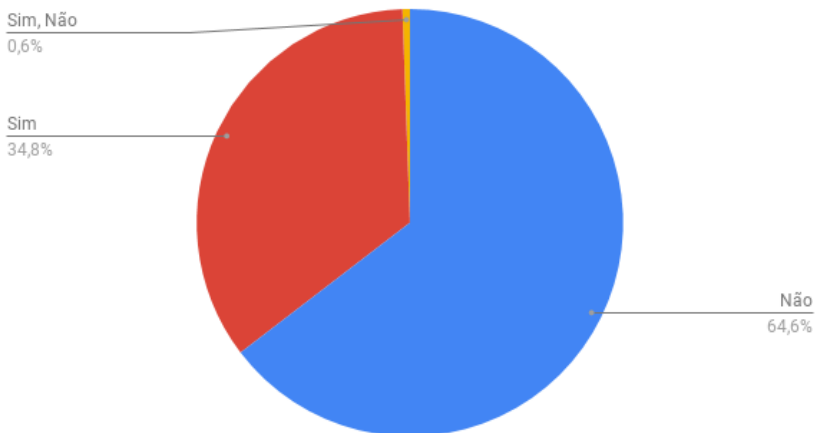


Autoria: Soiane Gomes.

Perguntados se teriam filhos, 64,6% responderam que não, enquanto 34,8% responderam que sim.

### Diagrama 14. Quanto aos Filhos dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Contagem de Tem filhos?

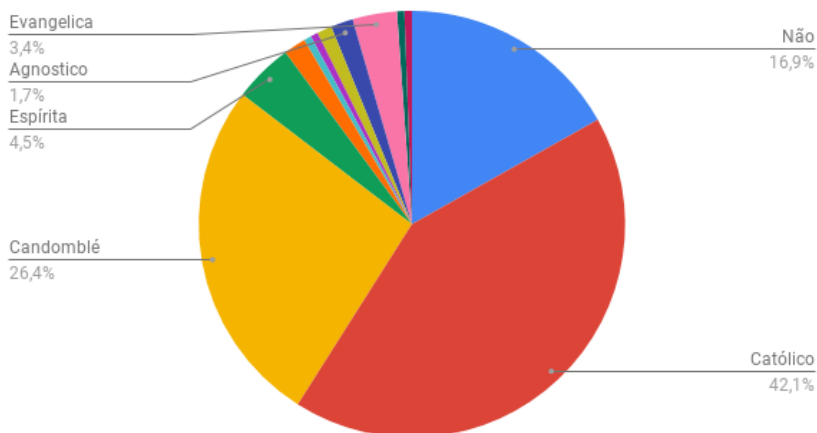


Autoria: Soiane Gomes.

Quando perguntados sobre a religião, a maioria de 42,1% responderam ser católicos, em seguida 26,4% disseram ser do candomblé e 16,9% disseram não terem religião.

### Diagrama 15. Quanto a Religião dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Contagem de Qual a sua religião?

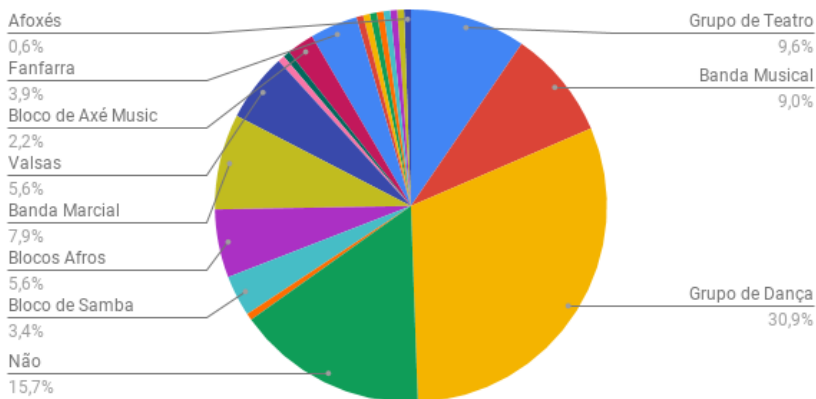


Autoria: Soiane Gomes.

Quando perguntados se além das quadrilhas os inscritos faziam parte de outras atividades culturais, a maioria respondeu grupo de dança com 30,9%. Outras atividades apareceram paralelamente com índices consideráveis, tais como grupos de teatro, banda musical, blocos afros, valsas, bandas marciais e fanfarras.

**Diagrama 16.** Quanto a participação dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum, em outras atividades culturais

Contagem de Além de quadrilhas, participa de outras atividades culturais? Quais?

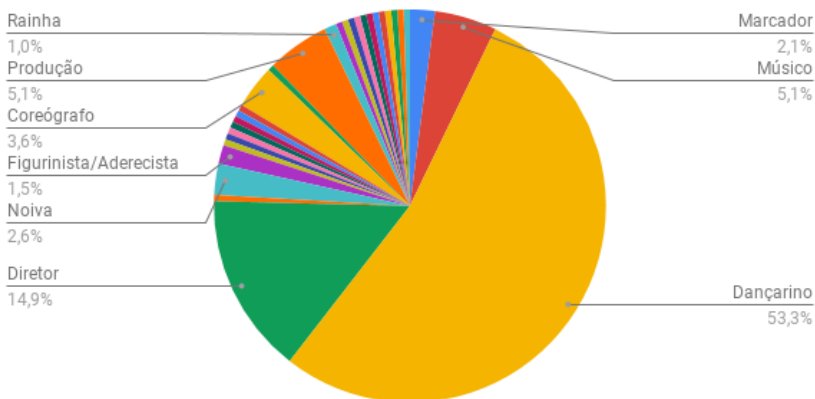


Autoria: Soiane Gomes.

Para finalizar a apresentação dos dados, quando perguntados sobre qual função você exerce na sua quadrilha junina, a maior parte das pessoas, o total de 53,3%, respondeu que exercem a função de dançarinas(os), o que reforça o local desta pesquisa, no segmento da dança.

**Diagrama 17.** Quanto a função que os quadrilheiros inscritos no 1º Fórum exerce na sua quadrilha junina

Contagem de Qual função você exerce na sua quadrilha junina?



Autoria: Soiane Gomes.

Esses dados apontam, em relação ao perfil de quem é essa comunidade artística de quadrilheiros, suas tendências e conformações profissionais, de gênero, idade, origem, a saber: recebemos 218 inscrições, dentre os quais 183 pessoas (83%) se identificaram como quadrilheiros; alguns responderam a universidade que estavam, ou foram, vinculados porém a maioria com 59,1% respondeu o nome do grupo junino em que atua, o que para mim demonstra a afirmação e a valorização do espaço cultural do qual fazem parte.

Quanto ao gênero, 57,1% dos inscritos responderam se identificarem como homens, o que denota a predominância deste gênero, também, em várias das

funções exercidas nos grupos juninos. De forma mais ou menos equilibrada, as respostas sobre orientação sexual apontaram maioria para heterossexual com 40,7%, em seguida homossexual com 33,5% e, curiosamente, 20,3% das pessoas preferiram não responder, o que pode abrir para várias interpretações.

Quanto à faixa etária, a maior predominância se deu na opção 36 a 40 anos com 20,9% dos inscritos; a esmagadora maioria de 72% se disseram solteiras e 31,9% indicaram possuir escolaridade de curso superior incompleto. Dentre várias funções exercidas no trabalho se sobressaíram 12,4% de estudantes e 10,7% de professores, a maioria de 48,3% se disseram empregados e 22,5% autônomos, sendo 42,1% com renda mensal de 1 a 2 salários mínimos, apenas 4,5% possuía renda de 5 a 10 salários mínimos.

Sem filhos foram 64,6%, católicos na maioria de 42,1% e 26,4% de pessoas do candomblé e que participam de outros grupos de dança 30,9%, sendo assim 53,3% se afirmaram como dançarinos.



# SAUDADE TRANSBORDA E EU ME LEMBRO DO ARROMBA CHÃO: DA NOSTALGIA À BUSCA DE POLÍTICAS PÚBLICAS

*Tempo bom*

*Veja só, olha só, um dia pra nós!  
Veja só, olha só, dois dias pra nós!  
Fogueira acesa, dentro do meu coração  
Saudade transborda  
e eu me lembro, dos tempos de são joão  
eu me lembro, do arromba chão  
Hoje é dia de nos encontrar,  
Cantar, vamos juntos lembrar,  
reviver um tempo bom!  
Hoje é dia de fortalecer  
Sonhar mais um pouco e fazer  
Nossa cultura pra sempre viver*

(Lázaro Oliveira, Lúcio Gregório, Roberto Brito, 2019)<sup>64</sup>

O 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador se iniciou com uma exposição de figurinos de quadrilhas, intitulada *Memórias de Quadrilhas*, instalada nos teatros do Movimento e Experimental, e *hall* de entrada da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, cuja curadoria foi de Aline Assis, Jhon Pereira e Soiane Gomes.

---

<sup>64</sup> Composição musical feita em homenagem à realização do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador.

Figurinos de quadrilha junina na Bahia sempre foi o chamariz do espetáculo. Quando uma quadrilha junina se apresenta, o registro principal dela é o figurino. Suponhamos que eu queira lembrar de uma quadrilha que dançou há cinco anos atrás, então as pessoas vão perguntar a seguinte questão: aquela quadrilha, no ano que estava com uma roupa vermelha com um laçarote nas mangas? Caso a pessoa não lembre o nome da quadrilha, ela sempre lembrará a roupa que este grupo estava vestindo. (PEREIRA, 2019)<sup>65</sup>

A importância desta exposição se dá pelo fato de não termos um acervo ou memorial público de nossas produções artísticas, sejam elas os figurinos, os cenários, as composições musicais ou textos/roteiros de espetáculos. Muito do que produzimos está se deteriorando nas garagens de alguns diretores de grupos juninos, em cima da laje, num quatinho abafado, ou foram vendidos, desmontados, doados ou jogados fora.

Os grupos juninos não possuem sede própria, portanto não dispõe de espaço para produzir ou armazenar/expor suas produções de cenários e figurinos, bem como o Estado, que também não disponibilizou, até o momento, um local de livre visitação do público para apreciação de tais produções.

---

<sup>65</sup> John Pereira, em entrevista concedida em maio de 2019.

**49.** Exposição Memórias de Quadrilhas. 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019. Escola de Dança da UFBA



Fonte: acervo pessoal.

Quem chegava no ambiente já se deparava com a Exposição, cujos figurinos foram fixados nas varas de luz do teatro, de modo suspenso. Os quadrilheiros prontamente já começavam a identificar quais grupos estavam representados ali, à qual espetáculo pertencia cada figurino, bem como o ano em que estes ocorreram. Os quadrilheiros então, entre eles, já iniciavam diálogos e reflexões sobre o acervo que o segmento de quadrilha produz, a importância desta produção e a perda irreparável do estimado acervo.

**50.** Exposição Memórias de Quadrilhas. 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019. Teatro do Movimento, Escola de Dança da UFBA

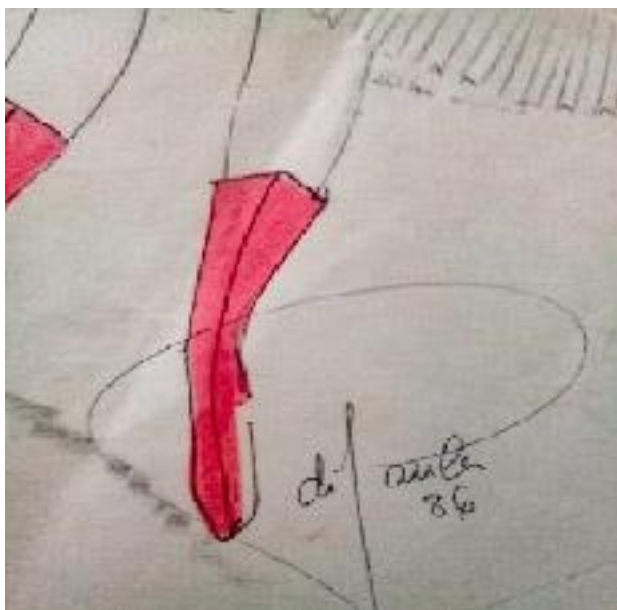


Fonte: acervo Valdecy Luzia.

Nos anos 1980 e 1990, Salvador teve um processo significativo na construção de figurinos temáticos para quadrilhas juninas, tendo em vista as duas modalidades expressivas denominadas *estilo arromba chão* e *estilo elite* ou *luxo*. Esse último possibilitava a utilização de tecidos "finos", além de adereços "da elite" como leques, luvas, cartolas, bengalas, chapéus. O desenvolvimento dos figurinos luxuosos se deu principalmente na Quadrilha Arraiá Campestre, do bairro Uruguai, pela atuação do estilista Di Paula, que não era originalmente um quadrilheiro, mas riscava os figurinos deste grupo.

51. Croquis do estilista Di Paula. Quadrilha Arraiá Campestre, 1986





Fonte: acervo Spesia Peixoto.

O estilista Di Paula, que trabalhava vinculado à grandes lojas de tecidos, se tornou uma grande referência para os grupos juninos e figurinistas que foram surgindo a partir daquele época. O figurinista John Pereira comenta sobre a importância de Di Paula:

A história de figurinos de quadrilhas juninas na Bahia é muito interessante. Porque Salvador, em particular, sempre foi uma cidade que inovou nos figurinos e é histórico a questão do figurino por conta de alguns nomes importantes da moda na Bahia, que migraram para o universo de quadrilhas juninas, como por exemplo o saudoso Di Paula. Ele foi o primeiro nome da mídia, que eu me recorde, a participar desse ambiente de quadrilhas juninas aqui de Salvador. Então ele fez grandes trabalhos para a Campestre, que era do Uruguai, da Dona Spesia, e as coisas que ele fazia eram muito



interessantes e muito incríveis. Pra época era um arrojo, uma ousadia absurda! (PEREIRA, 2019)

**52.** Spesia Peixoto e outros dançarinos da Quadrilha Arraiá Campestre, 1986



Fonte: acervo Spesia Peixoto.

O efeito nostálgico proporcionado pelos figurinos expostos se repetiu durante os três dias do evento, na realização das seis mesas temáticas e do Festival de Quadrilhas. Os quadrilheiros presentes trouxeram suas memórias afetivas e suas reflexões políticas, apontando ideias e propostas para assegurar a manutenção deste fazer cultural.

**Tabela 8.** Mesas temáticas e convidados

<b>MESAS TEMÁTICAS</b>	<b>CONVIDADOS</b>
Mesa de Abertura MESTRES	Mediadora: Prof. Dra. Amélia Conrado [UFBA] Deraldo Lima, Mariete Lima, Jorge Cavalcanti, Ubaldina Estrela, Graça Brandão, Ana Maria Franco, Ely Razek, Vavá da Villah, Antonio Soares, Geo Santa Fé
Mesa COREÓGRAFOS	Mediador: Jairson Bispo Isis Carla, Ednalva Marques, Adeilson Sousa, Armando Filho, Danilo Carvalho, Jorge Cavalcanti, Alexandre Marcus, Leandro Oliveira, Anderson Cupim



<p>Mesa POLÍTICAS CULTURAIS</p>	<p>Mediador: Prof Dr. Jânio Roque [UNEB]  Edwin Neves – Gerente Patrimônio da Fundação Gregório de Matos;  André Reis – diretor Centro de culturas Populares e Identitárias SECULT/BA;  Sue Ribeiro – Artista popular e Consultora Secult  Carlos Brito - Presidente Federação Baiana de Quadrilhas FEBAQ;  Pan Batista – Presidenta Conselho Estadual de Cultura CEC/BA;  Roberto Pelegrini – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural IPAC/BA  Vereador Silvio Humberto – presidente da Comissão de Cultura Camara</p>
<p>Mesa MÚSICOS</p>	<p>Mediador: Marcos Santos (UFBA)  Roberto Brito, Geo Santa Fé, Adelmo Magalhães, Michael Braz, Lázaro Oliveira, Julio Cavalcanti, Jean Batista, Roberto Candido.</p>

Mesa MARCADORES	Mediador: Solange Simões Antônio Soares, Paulo Ornelas, Adilson Damasceno, Clóvis Oliveiras, Jotta Armany, Leandro Santolli, Leonardo Teles, Devid Gonçalves, Valter Mangabeira
Mesa FIGURINISTAS	Mediador: Denny Neves Aline Assis, Jhon Pereira, Luciano Santana, Taís Brandão, Cid Brito, Flávio Cerqueira
FESTIVAL DE QUADRILHAS	Forró Asa Branca, Forró do ABC, Mirim Germe da Era, Mirim Forró do Luar, Imperatriz do Forró. Solo: Maria Coisa de Isis Carla (participação especial)

Autoria: Soiane Gomes.

A mesa temática dos marcadores contou com a presença de grandes veteranos da década de 1980 e a nova geração, contando sobre suas experiências e métodos de trabalho, enfatizando que este elemento, o marcador, foi trazido pela quadrilha francesa e mantido até os dias atuais, se tornando o narrador e contador dos enredos temáticos dos espetáculos de quadrilhas juninas.

As quadrilhas, adultas e mirins, que apresentaram no Festival de Quadrilhas do Fórum, efetivaram um momento histórico pela importância de apresentar seus

espetáculos juninos no Teatro Experimental da Escola de Dança da UFBA, um espaço formal que pode suscitar um certo status aos referidos grupos, mas principalmente contribuiu para que a Escola também tivesse em seu histórico a honra de ter recebido artistas de várias linguagens da cena junina soteropolitana.

Quero dar destaque à mesa intitulada *Como construir Políticas Culturais de Manutenção e Salvaguarda para as Quadrilhas Juninas de Salvador?* ocorrida no dia 09 de agosto de 2019, no Teatro do Movimento da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

Teve como mediador o Professor Doutor Jânio Roque de Castro da Universidade Estadual da Bahia, os debatedores foram: Edwin Neves - Gerente de Patrimônio Cultural, da Fundação Gregório de Mattos (FGM), Carlos Brito – Presidente da Federação Baiana de Quadrilhas (FEBAQ), o vereador Silvio Humberto - presidente da Comissão de Educação e Cultura da Câmara Municipal de Salvador, Pan Batista - Presidenta do Conselho Estadual de Cultura da Bahia (CEC-BA), Roberto Pellegrino – Diretor do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) e André Reis – Diretor do Centro de Culturas Populares e Identitárias (CCPI), Sue Ribeiro – Mobilizadora Cultural de Salvador.

**53.** Mesa Temática: Políticas Culturais para Quadrilhas Juninas. 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019



Fonte: acervo pessoal.

Esta mesa foi um momento importante do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas tendo em vista reunir pela primeira vez os principais órgãos de cultura municipal e estadual, além da própria federação, para discutir as possibilidades legais de alavancar as quadrilhas juninas. O público quadrilheiro, participante na audição da mesa, estava ávido por escutar quais meios poderiam acessar para obterem a tão esperada valorização para as quadrilhas juninas da Bahia.

Na presença de quadrilheiros das diversas gerações, artistas em geral, estudantes e professores, cada integrante da mesa colocou suas orientações de como o

segmento de quadrilhas poderiam buscar desenvolver melhorias e na manutenção desta atividade artística. Tais direcionamentos foram somados às discussões das demais mesas do Fórum resultando na Carta de Proposições para ser entregue aos órgãos gestores de Cultura do município de Salvador e do estado da Bahia.

A importância desta mesa temática, bem como da elaboração da Carta de Proposições<sup>66</sup>, se dá pelo fato do estado da Bahia e sua capital Salvador, não disporem de políticas culturais específicas para o segmento de quadrilhas juninas, seja em formato de editais, ou credenciamentos, seja através de subsídios ou qualquer outra medida que garanta a manutenção e permanência dos grupos em atividade.

É sabido que outros estados brasileiros já avançaram neste sentido e destinam verbas públicas para a realização de festivais e eventos relacionados às festas juninas, a exemplo do estado do Ceará, como explica Maryvone Gomes (2011):

*Em todo o Estado do Ceará se multiplicam os lugares festivos em homenagem aos santos no mês de junho, como as cidades do Crato, de Juazeiro e Barbalha, na região sul do Estado, além de Sobral, Reriutaba, Quixeramobim, Quixadá e Limoeiro, entre outras. São no Ceará cerca de 240 festivais profissionais de São João, de acordo com a Federação das*

---

<sup>66</sup> Ver Anexos.

Quadrilhas Juninas do Estado. Na Região Metropolitana de Fortaleza destacamos os festejos em Horizonte, São Gonçalo do Amarante, Pacatuba, Maracanaú, entre outras cidades.  
(p. 102)

Diante da situação das políticas culturais em nosso Estado e tendo a necessidade de ventilar as propostas discutidas na Carta, as quadrilheiras e quadrilheiros, já sensibilizados por tais questões, decidiram criar o Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas, com o objetivo de propor, criar e negociar a construção de políticas públicas para a revitalização do movimento junino, bem como colaborar na construção da autonomia dos grupos culturais de Quadrilha Junina e dar suporte ao Estado no processo de salvaguarda e memória desta manifestação cultural.

O Fórum Permanente se tornou um ponto de confluência de interesses comuns dos grupos juninos e sendo assim alguns quadrilheiros passaram a me acompanhar na entrega da Carta aos órgãos públicos de cultura, contribuindo para o aprofundamento das questões e na elaboração de novas ações em prol deste segmento cultural.

54. Logomarca do Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas,  
2019



Arte Visual: Natália Almeida.

## 55. Entrega da carta ao Conselho Estadual de Cultura - CEC Bahia<sup>67</sup>



Fonte: acervo pessoal.

Realizamos a entrega da Carta de Proposições à Comissão de Cultura da Câmara Municipal de Salvador, através do mandato (2017-2020) do vereador Silvio Humberto (PSB), à Fundação Gregório de Mattos, ao Conselho Municipal de Políticas Culturais - CMPC de Salvador, à Secretaria Municipal de Educação - SMEC, ao Centro de Culturas Populares e Identitárias - CCPI da SECULT/BA, ao Conselho Estadual de Cultura - CEC/BA,

---

<sup>67</sup> Presidenta: Pan Batista. Coordenadores do Fórum: Roberto Cândido, Soiane Gomes e Pitágoras Varjão.



ainda no ano de 2019, na tentativa de construir políticas públicas para as Festas Juninas de 2020.

Foi encaminhada uma Audiência Pública promovida pela Comissão de Cultura da Câmara Municipal de Salvador, através do mandato (2017-2020) do vereador Silvio Humberto (PSB), que contaria com a presença de deputados federais e estaduais, vereadores, professores doutores e representantes do segmento de quadrilhas. No entanto a audiência pública não foi efetivada, por motivo de viagem do referido vereador, e não foi reagendada.

A possibilidade de realização desta audiência pública, para tratar da salvaguarda das quadrilhas juninas de Salvador, mobilizou a comunidade de quadrilheiros, bem como professores e pesquisadores interessados em contribuir com o entendimento deste fazer cultural e com a realização deste reconhecimento. Com o seu cancelamento toda a comunidade ficou aguardando o momento oportuno de retomar a construção desta audiência.

Devido a aproximação dos festejos de fim de ano, que se estendem até a finalização do carnaval, o Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas ficou sujeito às agendas parlamentares e manteve apenas os procedimentos internos de articulação entre agentes e grupos juninos. A esperança de articular, nos níveis municipal e estadual, uma política específica para as

quadrilhas juninas, com efeito já nas festas juninas de 2020 foi cultivada, porém a inesperada pandemia mundial do novo *Coronavírus*, forçou a suspensão e o cancelamento de toda cadeia produtiva da cultura.

**56.** Card para divulgação da audiência pública, 2019

AUDIÊNCIA PÚBLICA:

**SALVAGUARDA  
DAS QUADRILHAS  
JUNINAS DE  
SALVADOR**

05/12 DE 9 AS 12H,  
AUDITÓRIO DO  
CENTRO DE CULTURA.

QUADRILHA JUNINA  
MIRIM FORRÓ DO LUAR

SILVIO HUMBERTO

Fé na Gente!

Fonte: Gabinete do vereador Sílvio Humberto.

A pandemia foi decretada em 16 de março de 2020 no Brasil, retirando toda a possibilidade do curso normal em escolas, empresas, teatros, comércios e nas ruas, devido

ao alto índice de contágio e a crescente onda de infectados e mortos no mundo. Os ensaios e preparativos para os espetáculos juninos foram suspensos. As quadrilhas interromperam a produção de figurinos, adereços, cenários, coreografias e repertórios musicais, cancelando contratos e deixando de auferir renda para toda a sua rede de economia criativa. A onda de cancelamentos atingiu diversos setores da economia, mas principalmente a cultura, que historicamente sempre está no fim da fila dos recursos públicos.

Diante dessa situação, a classe artística de todo o Brasil se articulou na exigência de auxílio emergencial para o setor cultural, conquistando a aderência da maioria dos deputados federais e senadores da república promulgando o projeto de lei n. 1.075/2020. A chamada Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural, retirou 3 bilhões do Fundo Nacional de Cultura, um recurso nunca antes distribuído ao setor cultural.

Este recurso foi repassado pelo Governo Federal aos Estados e Municípios, que desenvolveram uma série de editais de fomento e premiação, para várias categorias e segmentos culturais. Sendo assim, pela primeira vez na Bahia, mesmo que por motivos de pandemia e lei emergencial, foi lançado edital de premiação na categoria Quadrilhas Juninas, resultado de uma articulação realizada pelo Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas junto ao Centro de Culturas Populares

e Identitárias - CCPI, órgão vinculado à Secretaria de Cultura da Bahia.

**57.** Card para divulgação dos Prêmios de Culturas Populares, 2020

Inscrições até: **26/10/2020**

**PROGRAMA ALDIR BLANC BAHIA**

**PRÊMIOS DE Preservação dos Bens Culturais Populares e Identitários da Bahia Emília Biancardi**

**CATEGORIA Quadrilhas Juninas da Bahia**

ACESSE: [www.cultura.ba.gov.br](http://www.cultura.ba.gov.br)

FOTO: Sônia Estanislau/GOV.BA

CENTRO DE CULTURAS POPULARES E IDENTITÁRIAS **GOVERNO DO ESTADO** SECRETARIA DE CULTURA SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO **PÁTRIA AMADA BRASIL** GOVERNO FEDERAL

Fonte: CCPI - SECULT/BA.

O referido edital, intitulado Prêmios de Preservação dos Bens Culturais Populares e Identitários da Bahia Emília

Biancardi<sup>68</sup> - Categoria Quadrilhas Juninas da Bahia, estima selecionar 40 propostas no valor de total de R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais), conforme descrito em publicação:

### 6.9 QUADRILHAS JUNINAS

6.9.1 A proposta é apoiar recebimento de subsídio, em parcela única, para manutenção das Quadrilhas Juninas constituídas no Estado da Bahia que tiveram suas atividades interrompidas por força das medidas de isolamento social, destinadas ao cumprimento do quanto disposto na Lei Federal nº 10.017/2020 (Lei Aldir Blanc), em seu Art. 2º, inciso II, nas ações a serem promovidas pelo Governo do Estado da Bahia.

Serão disponibilizados para esta categoria os respectivos valores globais abaixo:

15 PROPOSTAS DE R\$ 8.000,00 (oito mil reais)

15 PROPOSTAS DE R\$ 12.000,00 (doze mil reais)

10 PROPOSTAS DE R\$ 20.000,00 (vinte mil reais).

Acredito que esta premiação é decorrente da ação desta pesquisa, do acúmulo de esforços de muitos quadrilheiros que se manifestaram através dos espaços de fala promovidos pelo Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas e se configura como o início de uma conquista que ainda urge em se consolidar.

Enquanto a Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc se assentava no país, foi necessário um período intenso de inscrições em cadastros municipais, estaduais e

---

<sup>68</sup> Disponível em: <[http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/PABB/EDITAL\\_Premios\\_Emilia\\_Biancardi.pdf](http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/PABB/EDITAL_Premios_Emilia_Biancardi.pdf)>

nacionais para ter direito aos auxílios emergenciais e, posteriormente, com o lançamento dos editais um aprofundamento nas regras e procedimentos.

O Fórum Permanente promoveu a assessoria na escrita de projetos para diversos grupos juninos de Salvador e demais cidades, tendo em vista a falta de familiaridade com a linguagem de editais e plataformas virtuais. Felizmente a aceitação de pessoas físicas enquanto proponentes facilitou bastante a participação de grupos sem personalidade jurídica.

Em 11 de dezembro de 2020 a Secretaria de Cultura torna público a lista de propostas habilitadas no Edital de Chamada Pública nº 001/2020 - Prêmios de Preservação dos Bens Culturais Populares e Identitárias da Bahia Emilia Biancardi 2020<sup>69</sup>:

---

<sup>69</sup> Disponível em: <[http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/PABB/NovaPagina/RESULTADO\\_HABILITACAO\\_Edital\\_Emilia\\_Biancardi.pdf](http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/PABB/NovaPagina/RESULTADO_HABILITACAO_Edital_Emilia_Biancardi.pdf)>.

**Tabela 9.** Lista de propostas habilitadas

<b>CATEGORIA – ETÁRIA: INFÂNCIA, JUVENTUDE E IDOSO</b>	<b>GRUPO CULTURAL</b>	<b>PRÊMIO BRUTO</b>	<b>TERRITÓRIO</b>
1	QUADRILHA JUNINA MIRIM GERME DA ERA	R\$ 20.000,00	Metropolitano de Salvador
<b>CATEGORIA - QUADRILHAS JUNINAS</b>	<b>GRUPO CULTURAL</b>	<b>PRÊMIO BRUTO</b>	<b>TERRITÓRIO</b>
2	ABC - O SERTÃO BOM	R\$ 20.000,00	Metropolitano de Salvador
3	CAPELINHA DO FORRÓ "SONHO DE UMA NOITE DE SÃO JOÃO - UM TRIBUTO A GRAÇA BRANDÃO"	R\$ 20.000,00	Metropolitano de Salvador
4	QUADRILHA JUNINA RAÍZES DO SERTÃO "KUNTAQUINTÉ - A FOGUEIRA DE XANGÔ"	R\$ 20.000,00	Semiárido Nordeste II
5	ARRAIÁ DA QUADRILHA JUNINA BUSCA-PÉ, "PERPETUANDO UMA CULTURA POPULAR!"	R\$ 20.000,00	Sertão Produtivo

6	QUADRILHA ROSA DOS VENTOS "HUMBERTO TEIXEIRA: O DOUTOR DO BAIÃO"	R\$ 20.000,00	Irecê
7	QUADRILHA ARRAIÁ DO FOLE BAIXO QUADRILHA JUNINA NAS COMUNIDADES: "A CULTURA FESTIVA DAS JUNINAS COMO ENFRENTAMENTO À ADVERSIDADE ATUAL"	R\$ 20.000,00	Sisal
8	QUADRILHA ESTRELA JUNINA "ABRIL PRA JUNHO"	R\$ 20.000,00	Sisal
9	QUADRILHA JUNINA IMPERATRIZ DO FORRÓ 2021	R\$ 20.000,00	Metropolitano de Salvador
10	CIA JUNINA DA ILHA "LANÇAMENTO DO TEMA 2021"	R\$ 20.000,00	Metropolitano de Salvador
11	QUADRILHA JUNINA NOVA FLORESTA "DE SÃO JOÃO A SÃO JOÃO"	R\$ 20.000,00	Portal do Sertão



12	QUADRILHA JUNINA CEF "COMO PRODUZIR UM ESPETÁCULO DE QUADRILHA JUNINA"	R\$ 12.000,00	Portal do Sertão
13	QUADRILHA JUNINA LOVE DANCE "É TEMPO DE VIVER, UMA RAPSÓDIA JUNINA"	R\$ 12.000,00	Recôncavo
14	GRUPO CULTURAL DE QUADRILHA JUNINA UNIÃO DE OURO "CIRCUITO UNIÃO DE OURO DE QUADRILHA JUNINA EM FEIRA DE SANTANA"	R\$ 12.000,00	Portal do Sertão
15	QUADRILHA JUNINA BUSCAPÉ "QUADRILHAS JUNINAS ESPAÇOS DE POSSIBILIDADES..."	R\$ 12.000,00	Sertão do São Francisco

16	QUADRILHA JUNINA ILUMIAR PINGA NÉ MIM PROJETO COMUNIDADE ATIVA. "O DOM DE SER MARIA, FORÇA QUE NUNCA SECA"	R\$ 12.000,00	Litoral Norte e Agreste Baiano
17	QUADRILHA ESFARRAPADOS "RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA"	R\$ 12.000,00	Baixo Sul
18	QUADRILHA JUNINA ARRAIÁ BELA-FLORES "ASSIM NÃO GANHA NÃO"	R\$ 12.000,00	Litoral Norte e Agreste Baiano
19	QUADRILHA JUNINA PÉ NO CHÃO "ESPETÁCULO O CANTO CARCARÁ"	R\$ 12.000,00	Semi-árido Nordeste II
20	QUADRILHA JUNINA FORRÓ ASA BRANCA "PARA MORTE... SEVERINAS"	R\$ 12.000,00	Metropolitano de Salvador
21	FORRÓ DO LUAR 2021	R\$ 12.000,00	Metropolitano de Salvador

22	LIVE: ARRAIÁ DAS MARIAS – "UMA HOMENAGEM AS QUADRILHAS JUNINAS DE SALVADOR"	R\$ 12.000,00	Metropolitano de Salvador
23	ALEGRIA VIVA DAS QUADRILHAS JUNINAS DE LENÇÓIS	R\$ 12.000,00	Chapada Diamantina

Autoria: Soiane Gomes.

Embora o edital estimasse a premiação de 40 quadrilhas, apenas 23 grupos de Quadrilhas Juninas foram premiadas em todo estado da Bahia, deixando em aberto 19 vagas, o que demonstra algum tipo de impedimento para os grupos acessarem tal recurso. O subtotal de investimento foi de R\$ 352,000,00 (trezentos e cinquenta e dois mil reais), porém com imposto retido na fonte de 20%, o equivalente à R\$ 70.400,00 (setenta mil e quatrocentos reais), totalizando um repasse de R\$ 281.600,00 (duzentos e oitenta e hum mil e seiscentos reais) para as quadrilhas juninas.

Ao longo dos primeiros meses de 2021 os grupos começaram à cumprir as contrapartidas pactuadas apresentando os resultados nas suas respectivas redes sociais. Foram realizadas transmissões ao vivo, produtos audiovisuais, promoção de oficinas de dança e conversas

mediadas, esses novos formatos estão em acordo com a necessidade de distanciamento físico, para evitar a propagação da pandemia do *Coronavírus*.

Foi interessante notar a abertura das quadrilhas juninas para novas possibilidades de manutenção e captação de recursos para além da aposta nos decadentes concursos de quadrilhas, que premiam de maneira excludente e atrasam o pagamento da premiação. Todos os grupos gostam de participar de concursos juninos, é estimulante e agrega as comunidades, mas agora entendem que podem, também, concorrer em seleções públicas de incentivos culturais e manter as suas atividades com verbas destinadas para tal.

# ASAS ABERTAS PARA O PENSAR, VAI-SE MUITO ALÉM DE UM PONTO FINAL

## ASAS ABERTAS

*Asas abertas para o pensar,  
Vai-se muito além de um ponto final.  
Do alto sertão se começa a pensar,  
Marino pensando, se cansa de graça.  
Cansado adormece ao lado da enxada,  
Dormindo Marino, sonha complicado  
O sonho sonhado é um sonho danado,  
Um sonho possível, que vou lhes falar*

*Sonhou Marino que a morte lhe espreitava.  
Já não chovia há dias, e a fome lhe gastava.  
Seus pés doíam e a boca ressecava.  
Seus olhos já nem mais viam,  
Os ossos da boiada.*

*E lá de cima, a lhe gorar, a sorrir, a esperar,  
Ave de rapina pra lhe aviar.  
“Ó Deus, me livre! Ó Deus, me ampare!  
Vou seguir, não vou quedar!”  
Disse Marino no seu sonhar.*

*Asas abertas para o pensar,  
Vai-se muito além de um ponto final.  
Do alto sertão se começa a pensar,  
Marino pensando, se cansa de graça.  
Casando adormece ao lado da enxada,  
Dormindo Marino, sonha complicado.  
O sonho sonhado é um sonho danado.  
Um sonho possível, que vou lhes falar.*

*Depois de Léguas no sol, sua tez queimada,  
Se viu sozinho, perdido, no pó daquela estrada.  
Num transe onírico Marino viu a imagem.  
Não sabia se era mentira ou se pura verdade.  
Viu tanto verde, viu tanta água,  
Tantos rios, tanta terra pra plantar.  
Do céu caía um grande mar.  
“Adeus caatinga, adeus serrado,  
fico aqui, não peno mais.”  
Eu quero é festa! Eu quero Paz!  
(Roberto Brito, 1996)<sup>70</sup>*

*Arromba Chão que anima o salão, quadrilha de São João! Memórias, Danças e transformações das Quadrilhas Juninas em Salvador* possui destaque pela importância deste estudo para um Programa de Pós-Graduação em Dança no contexto em que se situa, se dá no fato de que as quadrilhas juninas da Bahia até o momento não tinham sido temática de pesquisa neste programa, sendo esta a primeira à nível de Mestrado e também, na área específica de Dança, referida Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

A contribuição social também deve ser levada em consideração pois os referidos grupos de quadrilha atuam em bairros periféricos, tem caráter coletivo e desenvolvem habilidades profissionais em Dança, Teatro,

---

<sup>70</sup> Composição musical para espetáculo: Ituberá, a cidade da Cachoeira Luzente, 1996. Quadrilha Forró do ABC, bairro Pau Miúdo, Salvador/Bahia.

Música, Costura, Cenografia, Produção, os quais, geram economia e renda, produzem conhecimento e incluem crianças e jovens em torno do fazer artístico.

Deste modo o capítulo 1 buscou abordar a questão histórica sobre os caminhos pelos quais hoje as quadrilhas juninas possuem tal forma de existir. Busquei mostrar que *le quadrille*, "contradança francesa, dança de pares dos salões aristocráticos, trazida ao Brasil pela cômte imperial portuguesa" (CHIANCA, 2007, p. 50), advém de danças camponesas como "práticas de culto ao fogo, as superstições, crenças e tantas outras manifestações ligadas ao calendário agrário e, também, aos solstícios e equinócios" (TRIGUEIRO, 1995, p. 155).

Discuti brevemente sobre como a igreja se infiltrou nessas datas sagradas e profanas dos povos camponeses, ainda na Europa, introduzindo então os seus santos católicos, forjando similitudes entre as fogueiras indígenas e a fogueira bíblica de João Batista. A dominação colonial portuguesa e seu projeto etnocida, apoiada pela Santa Igreja Católica, forçou que os povos africanos, escravizados no Brasil, se utilizasse de "uma profunda sabedoria e oportunismo na comunhão forçada com os valores da classe dos senhores" (TINHORÃO, 1972, p. 44) para que pudessem cultivar seus orixás.

Quanto à quadrilha como gênero musical, não se trata do objeto desta pesquisa, porém busquei me debruçar ao

entendimento de algumas de suas características, desde as composições de partituras de quadrilhas no século XIX e a introdução de outros gêneros musicais do exterior. Com o passar dos anos as transformações musicais no Brasil foram inevitáveis com o advento do rádio.

Foi dito que a Proclamação da República, a rejeição de hábitos da corte e a expansão da quadrilha para as zonas rurais favoreceu o desenvolvimento de novas características, a exemplo do caipira, que se tornou expressão marcante das quadrilhas do período pós monarquia. A estética rural como sinônimo de festa junina no Brasil se personificou em figuras como Jeca Tatu e o Chico Bento até o fim do século XX.

Do caipira sudestino para o sertanejo nordestino a musicalidade de Luiz Gonzaga se fez presente e apontou caminhos rítmicos, melódicos, coreográficos e narrativos de uma massa populacional que passou a se expressar através dos espetáculos juninos. Grande difusor das composições de marchinhas juninas, suas canções, sempre nas paradas de sucesso nos programas de rádio, se tornaram sinônimo da "verdadeira" musicalidade das quadrilhas, fixando a marcha, o baião, o xote e o xaxado como ritmos básicos para os grupos juninos.

Trago uma reflexão de como o modo de dançar do indígena nordestino, a exemplo da etnia Kariri-Xocó, que se expressa através da dança do *Toré*, pode ter servido de



princípio de movimento corporal, a partir dos bate-pés, para danças juninas cujo padrão de movimentos são pisadas fortes em consonância com os ritmos percussivos. Do *Toré* para a dança do côco, samba de pareia, pisa pólvora, marcha, baião e xaxado, podemos chegar no arromba chão das quadrilhas de Salvador.

Por fim, neste primeiro capítulo, apresento diagrama que tenta apresentar algumas contribuições das diversas matrizes culturais para as quadrilhas juninas no Brasil. a quadrilha junina (Q. J.) traz em si os movimentos de bate-pés e o tempo (pulsção rítmica musical) binário do ameríndio; a configuração dos dançarinos em pares e a espacialidade em filas, fileiras, blocos e círculos mantida da base europeia; a contribuição africana se personifica no zabumba, o principal, e um dos instrumentos musicais percussivo utilizados para marcar os ritmos nordestinos, e a movimentação tridimensional, com giros, flexões de tronco, braços e pernas com grande variedade de direções e os deslocamentos espaciais de todo o grupo.

Em seguida, passei a discutir os concursos de quadrilhas, como iniciativa dos setores privados, ligado às mídias, como jornais e emissoras de TV, onde as quadrilhas juninas faziam questão de participar. As regras dos concursos foram moldando o modo de fazer e apresentar as coreografias a partir dos critérios de avaliação, que "inocentemente" impuseram uma certa organização, seja

temporal, seja quantitativa, seja na indumentária, diferente dos concursos de bairro, mais orgânicos. Para serem premiadas, as quadrilhas foram investindo cada vez mais no "espetáculo" com recursos caros como cenários, contratações de profissionais, aprimoramento dos figurinos e adereços, sem planejamento e sem o devido retorno financeiro.

Demonstrei, através de documentos, de materiais de divulgação do concurso Arraial do Galo, promovido pela TV Aratu, que participavam deste evento mais de 150 quadrilhas, e que após 30 anos (1989-2019) apenas 42 grupos se fizeram presentes. A redução preocupante das quadrilhas como espaços socioculturais, e de manutenção de símbolos identitários, é o que move essa pesquisa, sendo ilustrada pelo sentimento de indignação dos mestres quadrilheiros.

O capítulo 2 dedicado às memórias, se inspira na oralitura, a escrita daquilo que se fala, passa por um trecho das minhas experiências pessoais mostrando o meu encontro com os interlocutores, com o universo das quadrilhas em Salvador, e traz as falas dos quadrilheiros de gerações anteriores à minha.

Ouvi 14 pessoas participantes de quadrilha, que exercem as mais diversas funções e tais memórias desses quadrilheiros trouxeram pontos relevantes, tais como, que as quadrilhas se originam em bairros da periferia.

Foi imprescindível buscar quadrilheiros que abriram caminhos desde a década de 1960, como Altamira Lobo, conhecida como dona Nenca, e o Professor Agnaldo Silva, numa época em que as quadrilhas nasciam das escolas. Ambos revelaram que as escolas deram lastro para o desenvolvimento e a comunidade possibilitou a permanência das quadrilhas até se tornarem "estilizadas".

Nestes depoimentos se revelou o "estilo" Arromba Chão, que dá nome a este livro, cujo modo de dançar consiste em bater os pés no chão no tempo forte da música, geralmente o ritmo da marcha, chamados também de Passo Marcado, expressão forte nas décadas de 1980 e 1990.

Houve também o estilo Elite, também chamado de Luxo, dançavam de maneira mais cadenciada, sem muitos sobressaltos, e traziam figurinos elaboradíssimos por grandes estilistas com tecidos finos e alta costura, além de adereços da corte como sombrinhas, bengalas, luvas e leques, no mesmo período histórico.

No segundo capítulo, busquei também mapear os grupos extintos e em atividade das 13 cidades da região metropolitana de Salvador, bem como de outras cidades da Bahia, tendo em vista que na nossa capital restam apenas 04 grupos adultos e 02 grupos infantis, totalizando 06 quadrilhas juninas, número preocupante. Na tentativa de mapeamento decidi incluir grupos que

outrora estiveram em atividade e agora não mais, pois entendo que devem ser sempre mencionadas, por constituírem lastro para novos grupos ou espetáculos que surgiram nos anos seguintes.

Essa tentativa de mapeamento de grupos em atividade, e outros que encontram-se sem atividade, nesta forma de expressão tão significativa em nossa dinâmica artística e cultural, servem como um registro da história oral que ainda permanece na memória dos quadrilheiros e que merecem estudos como este que reanimam as oralituras, as relações, ao ponto de gerar motivações para retomarem ações coletivas.

O trabalho de mapeamento de grupos e quadrilhas juninas de Salvador e região metropolitana, bem como da Bahia como um todo, carece de maiores aprofundamentos e pesquisas posteriores, tendo em vista que os grupos se extinguem, os componentes se separam e criam novos grupos com outras denominações, além do que quadrilhas mirins mudam para a categoria adulto então ocorre uma significativa variação quantitativa.

Ainda no capítulo 2 foi importante discutir os concursos de quadrilhas que surgiram nos bairros, escolas e paróquias e foram absorvidos pelas emissoras de TV gerando visibilidade mas também alterando suas características tradicionais.

No terceiro e último capítulo discorro sobre as ações do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador que foi uma atividade de extensão apoiada pela Pró Reitoria de Extensão – PROEXT (UFBA). O evento teve caráter inédito para o movimento de quadrilhas juninas e para o espaço acadêmico. O Fórum teve a intenção de amadurecer os estudos acadêmicos em cultura popular na Bahia, mais precisamente da produção de dança popular em comunidades externas à academia, estreitando diálogos com as Quadrilhas Juninas de Salvador.

Impulsionado pela necessidade de colher depoimentos dos mais diversos sobre as quadrilhas juninas de Salvador, o Fórum reuniu estudantes, artistas da dança, teatro e música, coreógrafos, figurinistas, grupos e famílias de Quadrilhas, assim como toda a comunidade interessada, para o intercâmbio de múltiplas opiniões e fruição de saberes. É importante frisar que os dados coletados no formulário de inscrição, longe de ser um censo com o rigor que se exige, ainda assim pôde nos ajudar a compreender em que lugar da sociedade se encontram os participantes de quadrilhas juninas e quem são os sujeitos que movimentam esta expressão cultural em Salvador.

O estudo sobre as quadrilhas Juninas em Salvador e região metropolitana, desenvolvida através de um Programa de Pesquisa em Dança na Universidade

pública mostra a urgência em se levantar os conhecimentos das culturas populares que partem de sabedorias, formas de organização artística, sociocultural e educativas, capazes de mobilizar diferentes pessoas a se reunirem para construir modos de produzir esteticamente a partir de seus repertórios, inspirações, acervos, histórias que transcendem as formas de ensinar, as metodologias que convencionalmente, são transmitidas nas universidades. O que me leva a afirmar a importância de tratar dessas outras epistemologias no âmbito da academia, possibilitando assim, um diálogo diverso, plural e implicado com as produções culturais que constituem o arcabouço afro-indígena que necessitam de que mais pesquisas se façam sobre eles.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, N. **Pequenos Mundos**: um panorama da cultura popular da Bahia. Tomo I – Recôncavo. UFBA - EMAC / Fundação Casa de Jorge Amado, 1986.

BARROSO, H. C. "O São João é gay!!": horizontes interpretativos sobre as performances trans na festa junina no Ceará. **Periódicus**, Salvador, n. 6, v. 1, nov.2016-abr. 2017 – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades. Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA ISSN: 2358-0844. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>>.

BASTIDE, R. **Le spiritisme de Umbanda**. Miscelâneas de estudios dedicados al Dr. Fernando Ortiz. La Habana, 1955.

BRITO, C. O. **O Alfabeto das Quadrilhas Juninas da Bahia**. (Produção independente). Salvador, 1998.

CARMO, R. A. M. L. A. **Política Federal de salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Disponível em: <<http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2010/09/35-RAIANA-ALVES-MACIEL-LEAL-DO-CARMO.1.pdf>>.

CARNEIRO, É. **Negros bantos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1981.

CARVALHO, J. J. 'Espetacularização' e 'canibalização' das culturas populares na América Latina. **Revista AntHropológicas**, [S.l.], v. 21, n. 1, jan. 2012. ISSN 2525-5223. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23675>>.

CASTILLO, L. E. **Entre a Oralidade e a Escrita**. Salvador: EDUFBA, 2018.

CASTRO, J. R. B. **Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano**. Salvador: EDUFBA, 2012.

CHIANCA, L. **São João na cidade: ensaios e improvisos sobre a festa junina**. João Pessoa: Editora UFPB, 2013a.

\_\_\_\_\_. O auxílio luxuoso da sanfona: tradição, espetáculo e mídia nos concursos de quadrilhas juninas. **Revista Observatório Itaú Cultural**: OIC, 14, 89-100. Disponível em: <<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/09/Revista-Observat%C3%B3rio-14.pdf>>. 2013b.

\_\_\_\_\_. As filigranas da sociabilidade urbana: reciprocidade, hierarquia e redes sociais. 2009. **Anais do 33º Encontro Anual da ANPOCS**. Brasil. Disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/papers-33-encontro/gt-28/gt02-23/1776-lucianachianca-as-filigranas/file>>.

\_\_\_\_\_. Famosos, mas pobres: redes e projeto num grupo "urbano" de dança "rural". 2008. **Anais do 32º Encontro Anual da ANPOCS**. Brasil. Disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/papers-32-encontro/gt-27/gt01-19/2259-lucianachianca-famosos/file>>.

\_\_\_\_\_. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**, 10 (1). 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/sec.v10i1.1722>  
<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/1722>>.

\_\_\_\_\_. **A festa do interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. Natal: Editora UFRN, 2006.



\_\_\_\_\_. **Autres feux, autres lieux:** quadrilhas de la Saint-Jean, migration et identité à Natal (Rio Grande do Norte), Brésil. Bordeaux. Thèse (Doctoraten ethnologie) – Université Bordeaux 2, 2004.

\_\_\_\_\_. Quadrilhas juninas. **Galante**, n. 1, ano 3, vol.II, junho. Natal: Fundação Hélio Galvão, 2001.

\_\_\_\_\_. Para onde vai a cidade? Festa junina em Natal-RN. **Vivência**, vol. 13, n. 1, EDUFRN, UFRN, Natal, 1999. p. 55-69.

CONRADO, A. V. S.; SUAREZ, L. M.; DANIEL, Y.; ZAMBRANO, P. E.; OLIVEIRA, N. N.; VIDEIRA, P. L.; ROBINSON, D.; PACKMAN, J.; THOMAS, D. A. **Dancing Bahia:** Essays on Afro-brazilian Dance, Education, Memory, and Race. 1. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2018.

DANTAS, G. M. **Zabumba e zabumbeiro:** uma etnografia da performance musical. João Pessoa: Ideia, 2014. 182 p. : il.

DEBORD, G. **A sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FISCHER, T. M.; PINHO L. R. S.; SANTOS, J. A. G. E. (Orgs). **O Caminho das Águas em Salvador:** Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes. (Coleção Gestão Social). Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010. 486 p. : il.

FONSECA, M. N. S. Literatura e Oralidade Africanas: Mediações. **Revista Mulemba.** Rio de Janeiro: UFRJ, v. 14, n. 2, p. 12-23, jul./dez., 2016.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala.** 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

GERLIC, S.; SOUSA, R. (Org). **Cantando as Culturas Indígenas**. ONG THYDÊWÁ. Nordeste. Ed. Gráfica Legal, 2005.

GERLIC, S. **Cantando as Culturas indígenas**. Coleção Índio na Visão dos Índios, v. 18. Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena, 2012. 44 p.

GOMES, M. M. Um olhar sobre as festas juninas e seus novos cenários: O caso do São João de Maracanaú - Região Metropolitana de Fortaleza (RMF, Ceará). **Revista GeoTextos**, vol. 7, n. 2, dez. 2011. p. 99-120.

GONZAGA, L. **Quadrilhas e Marchinhas Juninas**. Rio de Janeiro: Gravadora RCA Victor. 1965.

\_\_\_\_\_. **Quadrilhas e Marchinhas Juninas Volume 2: Vire Que Tem Forró**. Rio de Janeiro: Gravadora RCA CAMDEM, 1979.

GRAÇA I. Bairros: contexto e intersecção. *In*: VELHO, G. (Org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

GUILCHER, J.-M. **La Contredanse**: Un tournant dans l'histoire française de la danse. Éditions Complexe et Centre national de la danse, 2003; Titre original: La Contredanse et les renouvellements de la danse française, Édition originale parue à l'École pratique des hautes études et Mouton & Co, 1969.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... et al. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HAMPÂTÉ BÁ. **História Geral da África, metodologia e pré-história.** Metodologia e pré-história da África - A tradição Viva (cap. 8) – sobre a oralidade. UNESCO: Brasília, 2010.

INGOLD, T. **Conociendo desde dentro: reconfigurando las relaciones entre la antropología y la etnografía,** Etnografías Contemporáneas 2 (2), pp. 218-230. 2015.

LEAL, E. F. **Contando o tempo:** transformação, coreografia e modernidade no espetáculo da quadrilha junina em Belém do Pará. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), UFPA, Belém, 2004.

LIGIÉRO, Z. Batucar-cantar-dançar: desenho das performances africanas no Brasil. Aletria: **Revista de Estudos de Literatura**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 133-146, abr. 2011. ISSN 2317-2096. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1573>>. Acesso em: 11 nov. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.21.1.133-146>.

\_\_\_\_\_. **Teatro das origens:** estudo das performances afro-ameríndias. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, M. A. **Cultura negra e ideologia do recalque.** 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

MARTINS, L. M. **Afrografias da memória:** o reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza, 1997.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade *em* política.

**Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, Rio de Janeiro, n. 34, p. 287-324, 2008.

MONTEIRO, M. F. M. **Dança popular**: espetáculo e devoção. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

MOURA, C. A. S.; SANTOS, M. R. (Orgs.). **Nos Arraiais da Memória 2**: as quadrilhas juninas escrevem diferentes histórias. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2013. 88 p. : il.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. Editora Vozes: Petrópolis, 1999.

NASCIMENTO, L. P. **Crianças brincantes**: sentido de continuidade das quadrilhas juninas (Região Metropolitana do Recife). Recife: 2013. 140 f. : il.

POLLACK, Ml. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.

QUEIROZ, L. A. **Turismo na Bahia**: estratégias para o desenvolvimento. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1934.

RODRIGUES, R. N. **O animismo fetichista dos negros bahianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

ROSA, A. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. 292 p. : il.

RUBIM, A. A. C. **Políticas culturais na Bahia contemporânea.** Edição e preparação de texto: Iuri Oliveira Rubim. Salvador: EDUFBA, 2014.

SANTOS, L. **Êmí, Ofò, Asé: a Elinga e a dança das Mulheres do Àse.** *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, e92149, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2237-266092149>>

SUÁREZ, L. M. **Inclusion in Motion: Cultural Agency Through Dance in Bahia, Brazil.** *Transforming Anthropology*. Vol. 21, N. 2, pp.153-168. 2013. American Anthropological Association.

TINHORÃO, J. R. **Música popular de índios, negros e mestiços.** Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **Os Sons dos negros no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação.** (Coleção Temas Básicos). São Paulo: Editora Cortez, 1986.

TRIGUEIRO, O. M. Festejos juninos e os ritos de origem agrária. **InterCom: Revista Brasileira de Comunicação.** São Paulo, Vol. XVIII, n. 2, p. 153-156, jul./dez., 1995. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1263/1216>>.

TRIPP, D. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez., 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

VASCONCELOS, C. P. Deslocamentos de fronteiras: percurso e produção musical de Gonzagão e Gonzaguinha. **RELACult -**

Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S.l.], v. 5, maio 2019. ISSN 2525-7870. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1525/1045>>. Acesso em: 27 mar. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v5i5.1525>

ZAMITH, R. M. **A dança da quadrilha na Cidade do Rio de Janeiro**: sua importância na sociedade oitocentista. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 113-132, 2007.

## ENTREVISTADOS

BRAGA, Rubem. Entrevista concedida em 06 de janeiro de 2020.

BRITO, Roberto. Entrevista concedida em 11 de maio de 2019.

VILLAH, Elivânia. Entrevista concedida em 19 de maio de 2019.

VILLAH, Valquimário. Entrevista concedida em 31 de maio de 2019.

ESPIRIDIÃO, Agnaldo. Entrevista concedida em 07 de novembro de 2019.

LIMA, Mariete. Entrevista concedida em 22 de maio de 2019.

LOBO, Altamira. Entrevista concedida em 25 de maio de 2019.

OLIVEIRA FILHO, Geoval Alves de. Entrevista concedida em 26 de maio de 2019.

ORNELLAS, Paulo. Entrevista concedida em 24 de maio de 2019.

PEIXOTO, Spesia. Entrevista concedida em 07 de novembro de 2019.

PEREIRA, John. Entrevista concedida em 25 de maio de 2019.

SACRAMENTO, Maria José. Entrevista concedida em 10 de setembro de 2019.

SANTANA, Marluce. Entrevista concedida em 23 de setembro de 2019.

SILVA, Agnaldo. Entrevista concedida em 10 de setembro de 2019.

SIMÕES, Solange. Entrevista concedida em 01 de junho de 2020.

# LISTA DE FIGURAS

- 1 Ilustração sobre as figuras espaciais da *quadrille* ..... 40
- 2 Os quadrilheiros juninos Hélio Oliveira e Jai Bispo, no lado posterior da cantora Ivete Sangalo, em momento de apresentação, 2018 ..... 50
- 3 Capa do LP *Quadrilhas e Marchinhas Juninas*, lançado em 1965 ..... 60
- 4 Contracapa do LP *Quadrilhas e Marchinhas Juninas*, lançado em 1965 ..... 61
- 5 Capa do LP *Quadrilhas e Marchinhas Juninas Volume 2*, lançado em 1979 ..... 62
- 6 Dança do *Toré*, etnia Kariri-Xocó, Reserva Tha Fene, Lauro de Freitas, Bahia, 2007 ..... 65
- 7 Luiz Gonzaga e seu trio de forró com zabumba, sanfona e triângulo ..... 69
- 8 Recorte do Jornal A Tarde, 17/06/2000 ..... 77
- 9 Revista do Campeonato Baiano de Quadrilhas Juninas Arraial do Galo, 1989 ..... 80
- 10 Revista do Campeonato Baiano de Quadrilhas Juninas Arraial do Galo. 71 grupos categoria adulto, 1989 ..... 83
- 11 Carlos Borges, produtor da Tv Aratu e concurso Arraial do Galo, 1989 ..... 90
- 12 Material de divulgação do concurso de quadrilhas Galinho 2019, produzido pela TV Aratu, TV SBT e FEBAQ . 92



<b>13</b>	Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016 .....	94
<b>14</b>	Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016 .....	95
<b>15</b>	Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016 .....	96
<b>16</b>	Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016 .....	96
<b>17</b>	Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016 .....	98
<b>18</b>	Detalhe Jornal A Tarde. 20 de junho de 2001 .....	100
<b>19</b>	Paulo Ornellas em destaque, Quadrilha Junina Fogaréu. Concurso Arraiá da Capitá, 1989 .....	116
<b>20</b>	Sobre os Concursos de Quadrilha da Bahia .....	123
<b>21</b>	Ensaio da Quadrilha Junina Forró Asa Branca (1999). Antigo Colégio Estadual Polivalente do Cabula, atual Colégio Estadual Mãe Stella de Oxóssi .....	125
<b>22</b>	Saindo da Boca do Rio para a estreia no Concurso Ao Pé da Fogueira. Ao fundo, Gabriel Pereira. 1995 .....	126
<b>23</b>	Estreia da Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 1995. Concurso Ao Pé da Fogueira (SESI Retiro) .....	127
<b>24</b>	Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 1999 (Cachoeira, Bahia) .....	129
<b>25</b>	Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 2010 .....	130

<b>26</b>	Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 2012. Concurso Nacional CONFEBRAQ - Palmas/TO .....	131
<b>27</b>	Casal de Noivos - Quadrilha Junina Forró do ABC, 2013. Concurso Municipal de Rio Real, Bahia .....	132
<b>28</b>	Quadrilha Arraiá do Fogaréu - Concurso Arraiá da Capitá, 1994 .....	140
<b>29</b>	Quadrilha Arraiá Campestre, bairro Uruguai, 1987 .....	142
<b>30</b>	Mapa da Região Metropolitana de Salvador .....	140
<b>31</b>	Divulgação Campeonato Estadual da Bahia, Grupo de Acesso, 2019 .....	144
<b>32</b>	Captura de tela do Sistema de Informações e Indicadores em Cultura - SIIC. Acesso: 19 de outubro de 2020 .....	154
<b>33</b>	Captura de tela do Sistema de Informações e Indicadores em Cultura - SIIC. Acesso: 19 de outubro 2020 .....	155
<b>34</b>	Concurso promovido pela quadrilha Arraiá Campestre, bairro Uruguai. Década de 1980 .....	161
<b>35</b>	Comissão Julgadora de Concurso promovido pela quadrilha Arraiá Campestre, bairro Uruguai. Sentado, de camiseta vermelha, vê-se João Froxó. Década de 1980 ....	163
<b>36</b>	Divulgação do Concurso Arraiá do Galinho (2016). Casal de dançarinos da Quadrilha Forró do ABC .....	168
<b>37</b>	Montagem da arena Campeonato Estadual de Quadrilhas, Praça Municipal, 2013 .....	170

<b>38</b>	Arena montada para o Campeonato Estadual de Quadrilhas, Praça da Revolução, no bairro Periperi, 2014 .....	171
<b>39</b>	Distribuição das quadrilhas baianas vencedoras para os concursos "de fora", 2014 .....	172
<b>40</b>	Personagem Rúbia - Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 2014 .....	173
<b>41</b>	Logomarca da Federação Baiana de Quadrilhas ....	175
<b>42</b>	Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018 .....	180
<b>43</b>	Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018 .....	181
<b>44</b>	Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018 .....	183
<b>45</b>	Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018 .....	184
<b>46</b>	Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018 .....	185
<b>47</b>	Cartaz de Divulgação do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019 .....	189
<b>48</b>	Programação do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019 .....	190
<b>49</b>	Exposição Memórias de Quadrilhas. 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019. Escola de Dança da UFBA .....	211

<b>50</b>	Exposição Memórias de Quadrilhas. 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019. Escola de Dança da UFBA .....	212
<b>51</b>	Croquis do estilista Di Paula. Quadrilha Arraiá Campestre, 1986 .....	213
<b>52</b>	Spesia Peixoto e outros dançarinos da Quadrilha Arraiá Campestre, 1986 .....	215
<b>53</b>	Mesa Temática: Políticas Culturais para Quadrilhas Juninas. 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019 .....	220
<b>54</b>	Logomarca do Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas .....	223
<b>55</b>	Entrega da carta ao Conselho Estadual de Cultura - CEC Bahia. Presidenta: Pan Batista. Coordenadores do Fórum: Roberto Cândido, Soiane Gomes e Pitágoras Varjão .....	224
<b>56</b>	Card para divulgação da audiência pública, 2019 .	226
<b>57</b>	Card para divulgação dos Prêmios de Culturas Populares, 2020 .....	228

# LISTA DE DIAGRAMAS

<b>Diagrama 1</b> Contribuições das diversas matrizes culturais para as quadrilhas juninas no Brasil .....	68
<b>Diagrama 2</b> Elementos que compõem as quadrilhas juninas do Brasil .....	71
<b>Diagrama 3</b> Identificando os Quadrilheiros entre os inscritos no 1º Fórum .....	192
<b>Diagrama 4</b> Resposta micro quanto às Instituições de origem dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum .....	193
<b>Diagrama 5</b> Resposta macro quanto às Instituições de origem dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum .....	194
<b>Diagrama 6</b> Quanto ao Gênero dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum .....	195
<b>Diagrama 7</b> Quanto à Orientação Sexual dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum .....	197
<b>Diagrama 8</b> Quanto à Faixa Etária dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum .....	198
<b>Diagrama 9</b> Quanto ao Estado Civil dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum .....	199
<b>Diagrama 10</b> Quanto à Escolaridade dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum .....	200
<b>Diagrama 11</b> Quanto à Função exercida no Trabalho dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum .....	201

<b>Diagrama 12</b> Quanto à Situação Trabalhista dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum .....	202
<b>Diagrama 13</b> Quanto a Renda Mensal dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum .....	203
<b>Diagrama 14</b> Quanto aos Filhos dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum .....	204
<b>Diagrama 15</b> Quanto a Religião dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum .....	205
<b>Diagrama 16</b> Quanto a participação dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum, em outras atividades culturais .....	206
<b>Diagrama 17</b> Quanto à função que os quadrilheiros inscritos no 1º Fórum exerce na sua quadrilha junina .....	207

# LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Relação de quadrilheiros entrevistados: idade, grupos, bairros e atuação .....	134
<b>Tabela 2</b>	Quadrilhas Juninas dos municípios da Região Metropolitana de Salvador .....	146
<b>Tabela 3</b>	Mapeamento das extintas Quadrilhas Juninas de Salvador e seus respectivos bairros .....	149
<b>Tabela 4</b>	Mapeamento de Quadrilhas Juninas de outros municípios da Bahia .....	152
<b>Tabela 5</b>	Relação de extintos concursos de Quadrilhas Juninas .....	164
<b>Tabela 6</b>	Concursos em atividade em Salvador e outros estados brasileiros .....	166
<b>Tabela 7</b>	Membros diretores da Federação Baiana de Quadrilhas - FEBAQ .....	174
<b>Tabela 8</b>	Mesas temáticas e convidados .....	216
<b>Tabela 9</b>	Lista de propostas habilitadas .....	231

# ANEXOS

## ANEXO 1 ESTATUTO DA FEDERAÇÃO BAIANA DAS QUADRILHAS JUNINAS – FEBAQ

### CAPÍTULO I DA DENOMINAÇÃO, CARÁTER, DURAÇÃO, SEDE E FORO

**Art. 1º** - A FEBAQ - Federação Baiana das Quadrilhas Juninas, fundada aos dezessete dias do mês de julho de dois mil e sete, na cidade do Salvador, Bahia e está registrada no Cartório do segundo ofício, sob o número 30347, com atuação na capital e em todas as cidades do estado da Bahia, regendo-se pelo presente Estatuto.

**Art. 2º** - A FEBAQ é uma sociedade civil, de personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, de caráter cultural, folclórica, social e educativa, com atuação em todo o território nacional, regendo-se por este Estatuto, pelo Regimento Interno, por seus Regulamentos e pelas demais legislações aplicáveis à espécie, com duração por tempo indeterminado.

**Art. 3º** - A FEBAQ tem por objetivo o incentivo da cultura e do movimento junino da Bahia, através da construção de ações e eventos de desenvolvimento cultural, social e educacional, sendo isenta de quaisquer preconceitos ou discriminações.

**Art. 4º** - Compete à FEBAQ:

I) Promover a integração através de programas socioculturais, folclóricos e econômicos, em conjunto com os órgãos governamentais, não governamentais e com a iniciativa privada;

II) Zelar pela imagem institucional da entidade e de suas filiadas, representando-as socialmente, juridicamente e politicamente,



sempre que for para preservar os interesses do movimento junino baiano;

**III)** Organizar e promover congressos, simpósios, encontros, jornadas, seminários, cursos, fóruns, oficinas e/ou quaisquer eventos relacionados às atividades artísticas e juninas;

**IV)** Produzir e distribuir materiais informativos destinados à divulgação dos trabalhos da entidade;

**V)** Distribuir e/ou divulgar materiais informativos destinados à divulgação dos trabalhos e atividades das entidades filiadas;

**VI)** A FEBAQ poderá firmar convênios, contratos, parcerias e intercâmbios, promover iniciativas conjuntas com organizações e instituições públicas e/ou privadas estaduais, nacionais e/ou estrangeiras, desde que submetidos e aprovados por sua Diretoria;

**VII)** Estimular a geração de ideias que possibilitem constante revisão da estratégia presente e futura da atuação da FEBAQ;

**VIII)** Tornar a FEBAQ uma entidade de utilidade pública.

## **CAPÍTULO II DAS ENTIDADES FILIADAS, DOS DIREITOS, DOS DEVERES E DAS PENALIDADES**

**Art. 5º** - A FEBAQ é constituída por:

**I)** Filiadas fundadoras - São as Quadrilhas Juninas organizadas que participaram da Assembleia de Constituição da FEBAQ;

**II)** Filiadas efetivas - São as Quadrilhas Juninas organizadas, filiadas e admitidas ao quadro social da CONFEBRAQ, mediante proposta aprovada pela Diretoria Executiva, referendada pela maioria simples dos votos da Assembleia Geral.

**Art. 6º** - Somente poderá compor o quadro de filiados efetivos da FEBAQ, Quadrilhas Juninas em atividades.

**Art. 7º** - As Quadrilhas Juninas filiadas se farão representar por seu presidente, ou membro da diretoria, mediante ata devidamente registrada, bem como apresentar procuração para este fim, com firma reconhecida em Cartório, estando sujeitos aos direitos, deveres e penalidades previstos neste Estatuto, no Regimento Interno e demais dispositivos legais.

**Art. 8º** - As Quadrilhas Juninas contribuirão com uma taxa de anuidade, ficando impedida de usufruir dos seus direitos a Quadrilha Junina que estiver inadimplente financeiramente.

**Parágrafo único** - Serão automaticamente desfiladas as Quadrilhas Juninas que estejam inadimplentes por 2 (dois) anos, sem prejuízo de cobrança extrajudicial e/ou judicial, onde constarão os valores referentes à anuidade em atraso corrigidos, às custas processuais e honorários advocatícios.

**Art. 9º** - Nenhuma das Quadrilhas Juninas filiadas, bem como nenhum dos seus representantes, recebe qualquer remuneração direta ou indireta pelo exercício de cargo na diretoria da entidade.  
Parágrafo Único – Fica desde já criado a remuneração para os dirigentes da FEBAQ, ou outros, que atuarem efetivamente na gestão executiva e para aqueles que a ela prestem serviços específicos, respeitando, em ambos os casos, os valores praticados pelo mercado.

**Art. 10º** - As Quadrilhas Juninas filiadas à FEBAQ não respondem solidária ou subsidiariamente pelas obrigações contraídas pela entidade, desde que não sejam responsáveis pelas omissões ou violação da lei, do presente estatuto e regimento interno, inclusive no que se refere às despesas realizadas que desvirtuem dos objetivos da entidade.

**Art. 11º** - A FEBAQ não responde solidária ou subsidiariamente pelas obrigações contraídas por suas Quadrilhas Juninas filiadas, desde que não seja responsável pelas despesas realizadas.

**Art. 12º** - São direitos das Quadrilhas Juninas, desde que em dias com suas obrigações estatutárias, regimentais e regulamentares:

**I)** Participar das Assembleias, propondo, discutindo e votando, através de seus presidentes ou seus representantes legais que portarem, obrigatoriamente, ata de reunião ou eleição devidamente registrada ou procuração para este fim, com firma reconhecida em Cartório;

**II)** Participar de congressos, simpósios, encontros, jornadas, seminários, cursos, fóruns, oficinas e/ou quaisquer eventos relacionados às atividades juninas, promovidos pela FEBAQ;

**III)** Utilizar-se de todos os serviços oferecidos pela entidade;

**IV)** Exigir o cumprimento dos convênios, contratos, parcerias e intercâmbios firmados pela entidade;

**V)** Requerer a apuração de irregularidades cometidas pela Diretoria, Quadrilhas filiadas e/ou seus representantes, sendo-lhe assegurado o direito ao contraditório e a ampla defesa;

**VI)** Requerer a sua desfiliação;

**VII)** Indicar representantes para cargos de direção e/ou coordenação da FEBAQ, observadas as disposições contidas neste estatuto, no regimento interno e demais dispositivos legais;

**VIII)** Requerer a convocação de Assembleias.

**Art. 13º** - São deveres das Quadrilhas Juninas filiadas:

**I)** Conhecer e cumprir o Estatuto, o Regimento Interno e Regulamentos da Entidade;

**II)** Cumprir as deliberações da Diretoria Executiva e da Assembleia Geral, desde que não contrariem o Estatuto e o Regimento Interno da entidade, sob pena de sofrer as penalidades impostas por este Estatuto e/ou Regimento;

**III)** Zelar pela imagem institucional da FEBAQ e de suas Quadrilhas filiadas;

**IV)** Pagar pontualmente as suas contribuições, sob pena de não poder usufruir dos seus direitos;

**V)** Manter atualizados os dados da quadrilha Junina e de seus membros;

**VI)** Indicar membros para, com zelo e dedicação, desempenhar cargos e incumbências na entidade;

**VII)** Colaborar ativamente para que a entidade cumpra seus objetivos, participando e divulgando seus eventos, suas atividades e seus serviços;

**VIII)** Enviar para as Assembleias seu Presidente e/ou seu representante legal portando, obrigatoriamente, ata de reunião ou eleição devidamente registrada ou procuração para este fim, com firma reconhecida em Cartório, se em dias com suas obrigações estatutárias e regimentais;

**IX)** Aplicar a logomarca da FEBAQ ao material de divulgação e produção gráfica dos eventos promovidos pelas Quadrilhas Juninas filiadas, acrescida do seguinte texto: "filiada à FEBAQ" .

**Art. 14º** - Às Quadrilhas Juninas fundadoras e filiadas da FEBAQ e/ou aos seus membros é vedado utilizar-se ou agir em nome da FEBAQ sem autorização da Diretoria e comunicação prévia às demais filiadas, bem como participar de eventos realizados e/ou apoiados por outras entidades similares estaduais.

**Art. 15º** - As entidades filiadas que infringirem as disposições estatutárias, o regimento interno e demais dispositivos legais ficarão sujeitas às seguintes penalidades:

**I)** advertência;

**II)** suspensão e/ou multa;

**III)** exclusão.

**§1º** - A advertência se dará, por escrito, quando a Quadrilha Junina filiada e/ou seus representantes conduzirem-se de forma contrária e/ou incompatível aos objetivos da entidade;

**§2º** - A suspensão se dará quando a Quadrilha Junina filiada e/ou seus representantes reincidirem na falta prevista no §1º, podendo, ainda, ser aplicada uma multa até 10 vezes o valor da anuidade;

**§3º** - A exclusão se dará quando a Quadrilha Filiada e/ou seus representantes descumprirem o estatuto e/ou o regimento interno, e ou regulamentos, ou por reiteradas vezes, conduzirem-se de forma contrária e/ou incompatível aos objetivos da entidade.

**Art. 16º** - Será de responsabilidade da Diretoria Executiva e exclusivamente do Conselho de Ética (quando essa for criada) a apuração das infrações cometidas, sem prejuízo do contraditório e da ampla defesa, cabendo à Assembleia Geral a deliberação das penalidades previstas; exceto quando se tratar da penalidade prevista no inciso I, do art. 15, que deverá ser aplicada pela Diretoria, imediatamente após a ocorrência/apuração da infração.

### **CAPÍTULO III DA ESTRUTURA ADMINISTRATIVA**

**Art. 17º** - São órgãos da FEBAQ:

I) Assembleia Geral;

II) Diretoria Executiva;

III) Conselho Fiscal.

### **DA ASSEMBLEIA GERAL**

**Art. 18º** - A Assembleia geral é o órgão máximo da entidade, composta por suas Quadrilhas Juninas filiadas em pleno gozo de seus direitos estatutários, sendo soberana em suas deliberações, desde que não contrariem o Estatuto, o regimento interno e as disposições legais aplicáveis à espécie, sendo de sua competência:

**I)** Eleger os membros que farão parte da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal;

**II)** Dar posse aos membros eleitos para os cargos da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal;

**III)** Deliberar e decidir sobre alterações do estatuto, do regimento interno e dos regulamentos da entidade;

**IV)** Decidir sobre as penalidades aplicáveis às Quadrilhas Juninas filiadas e/ou seus representantes que estejam, ou não, ocupando cargos da Diretoria, do Conselho Fiscal e do Conselho Deliberativo; exceto quando se tratar da penalidade prevista no inciso I, do art. 15º;

**V)** examinar e aprovar o orçamento anual referente ao exercício vigente;

**VI)** examinar e aprovar o relatório, o balanço e as contas da Diretoria referentes a cada exercício financeiro e ao término de cada gestão;

**VII)** deliberar e decidir sobre matérias de interesse da entidade;

**VIII)** decidir, em instância única, sobre a destituição de ocupante de qualquer cargo;

**IX)** deliberar e decidir sobre a extinção da FEBAQ.

**Art. 19º** - A Assembleia poderá reunir-se, ordinária e extraordinariamente:

**I** - por convocação do Presidente;

**II** - por convocação da maioria dos membros da Diretoria;

**III** - pela Comissão Eleitoral;

**IV** - por 1/3 das Quadrilhas Juninas filiadas, quando não atendido, no prazo de 08 (oito) dias, requerimento de convocação fundamentado, com indicação das matérias a serem tratadas.

**Art. 20º** - A convocação da Assembleia deverá ser realizada através de Edital de Convocação, enviado por e-mail ou qualquer outro meio regularmente utilizado pelas Quadrilhas Juninas filiadas em pleno gozo de seus direitos estatutários, regimentais e regulamentares, com prazo mínimo de 30 (trinta) dias para assembleias ordinárias, 10 (dez) dias para assembleias extraordinárias, e 60 (sessenta) dias para assembleias eleitorais, contendo: pauta, data, horário e indicação do local da realização, sendo soberana em suas deliberações, desde que não contrariem o estatuto, o regimento interno e demais dispositivos legais.

**Parágrafo único** - Dispensam-se as formalidades de convocação quando a maioria simples das entidades filiadas enviarem seus representantes ou se declararem, por escrito, cientes do local, data, hora, e ordem do dia.

**Art. 21º** - A Assembleia Geral Ordinária será realizada:

I) anualmente entre os meses de janeiro a Março para dar ciência da prestação de contas anual, examinar e aprovar o orçamento anual;

II) anualmente entre os meses de setembro a novembro para avaliação das atividades realizadas;

**Art. 22º** - A Assembleia Geral Extraordinária será realizada tantas vezes forem necessárias para deliberar sobre assuntos justificadamente convocados.

**Art. 23º** - A Assembleia Geral Eleitoral será realizada a cada 03 (Três) anos para exercer a competência eleitoral estabelecida neste estatuto, regimento interno e demais dispositivos legais.

**Art. 24º** - A Assembleia geral somente se realizará em primeira convocação com a presença da maioria das Quadrilhas Juninas filiadas com direito a voto, ou em segunda convocação, 01 (uma)

hora depois, com o mínimo de 1/3 de representantes em dias com suas obrigações estatutárias e regimentais.

**Art. 25º** - As deliberações das Assembleias serão por maioria simples, através de votação aberta, cabendo apenas 01 (um) voto a cada Quadrilha Junina e o desempate ao Presidente da Assembleia, preservado as exceções previstas neste Estatuto, e/ou no Regimento Interno.

**§ 1º** - Nenhuma Quadrilha Junina poderá votar em matéria que lhe diga respeito diretamente ou aos seus representantes.

**§ 2º** - Pra reforma do estatuto e do regimento interno, bem como destituição de membros da Diretoria ou do Conselho Fiscal, é exigido voto concorde de 2/3 (dois terços) dos presentes à Assembleia especialmente convocada para este fim, não podendo ela deliberar, em primeira convocação, sem a maioria absoluta dos filiados, ou com menos de 1/3 (um terço) na convocação seguinte.

**Art. 26º** - Todas as atas das Assembleias, aprovadas e assinadas pela Diretoria e demais presentes, após as formalidades legais, deverão ser catalogadas e armazenadas adequadamente de forma a preservar o histórico e as atividades da entidade.

**§1º** - Eventuais divergências quanto ao conteúdo da ata deverão ser objeto de reclamação no ato de sua leitura.

**§2º** - A cópia da ata deverá ser entregue imediatamente a Quadrilha Junina, por e-mail no cadastro do filiado.

**Art. 27º** - As Assembleias Gerais serão instaladas e presididas pelo Presidente da Diretoria, ou por quem a houver convocado, podendo, ainda, ser designado membro da Diretoria ou dos Conselhos para tal fim.

**Art. 28º** - Compete ao Presidente da Assembleia Geral:

I) Presidir a Assembleia;

II) Conduzir os trabalhos com ordem;



**III)** Suspender a Assembleia quando verificada a impossibilidade de sua continuidade;

**IV)** Excluir da reunião membro que persistir em infringir preceitos legais, estatutários regimentais e/ou regulamentares, mediante aprovação da plenária;

**V)** Assinar, juntamente com o secretário e os presentes a ata da assembleia.

**Art. 29º** - Compete ao Secretário da Assembleia Geral:

**I)** Verificar a presença e a regularidade dos presentes;

**II)** Redigir as atas e assiná-las, juntamente com o presidente e filiados;

**III)** Entregar cópia da ata aos filiados que a solicitarem.

## **DA DIRETORIA EXECUTIVA**

**Art. 30º** - A Diretoria Executiva é o órgão executivo e administrativo da FEBAQ, constituída de 04 (quatro) membros assim nominados:

**I)** Presidente;

**II)** Vice-Presidente;

**III)** Secretário Geral;

**IV)** Diretor Financeiro.

**§1º** – É vedado o acúmulo de cargo da Diretoria com o assento de qualquer Conselho.

**Art. 31º** - Compete à Diretoria Executiva:

**I)** Cumprir e fazer cumprir o estatuto, o regimento interno, os regulamento e demais regras da entidade;

**II)** Administrar a FEBAQ nos termos deste estatuto, regimento interno e demais regulamentos;

**III)** Executar as penalidades;

**IV)** Analisar os pedidos de filiação, observando as disposições contidas neste estatuto e/ou regimento interno.

**V)** Definir a programação e o orçamento anual da instituição;

**VI)** Preparar a prestação de contas, balancetes mensais e relatórios para apresentá-los, quando necessário, à Assembleia Geral.

**Art. 32º** - Compete ao Presidente:

**I)** Presidir a FEBAQ cumprindo o estatuto, o regimento interno e demais regulamentos;  
E representar a instituição em juízo ou fora dele;

**II)** Representar a entidade junto ao poder público, em benefício da cultura e do movimento junino;

**III)** Preparar conjuntamente com o Diretor Financeiro a prestação de contas referente ao exercício vigente e apresentá-la à Assembleia;

**IV)** Abrir e encerrar contas bancárias, assinar cheques, firmar títulos e quaisquer operações financeiras, tudo conjuntamente com o Diretor Financeiro;

**V)** Assinar todos os comunicados internos e externos da FEBAQ;

**VI)** Assinar conjuntamente com o Secretário Geral as atas das Assembleias Gerais e das reuniões da Diretoria;

**VII)** Submeter à apreciação do Conselho Fiscal o plano anual de atividades, bem como o balanço e a prestação de contas;

**VIII)** Nomear e exonerar membros para cargos e/ou funções de confiança.

**Art. 33º** - Compete ao Vice-Presidente, substituir o Presidente, com todas as prerrogativas, sempre que necessário.

**Art. 34º** - Compete ao Secretário Geral:

**I)** Substituir o Presidente e o Vice-Presidente em caso de ausência temporária.

**II)** Secretariar as reuniões da Diretoria e as sessões das Assembleias Gerais, com exceção da Assembleia Geral Eleitoral, preparando as respectivas atas para os devidos fins;

**III)** Executar o serviço de secretaria mantendo em ordem a documentação pertencente à FEBAQ.

**Art. 35º** - Compete ao Diretor Financeiro:

**I)** Executar os serviços financeiros mantendo em ordem a documentação da área financeira;

**II)** Assinar cheques, ordem de pagamento nacional e internacional, abrir e encerrar contas bancárias, firmar títulos de crédito juntamente com o Presidente;

**III)** Elaborar e administrar o orçamento anual juntamente com o Presidente;

**IV)** Manter atualizada a documentação contábil, fiscal e de pessoal, fornecendo-a mensalmente e quando solicitado;

**V)** Pagar as despesas previstas no orçamento anual;

**VI)** Pagar as despesas extraordinárias conforme autorização do Presidente;

**VII)** Receber as anuidades e arrecadar doações fornecendo o respectivo recibo de quitação;

**VIII)** Elaborar e desenvolver ações com o objetivo de gerar recursos financeiros para a entidade;

**IX)** Elaborar e apresentar a prestação de contas anual para conhecimento da Diretoria e apreciação do Conselho Fiscal.

### **DO CONSELHO FISCAL**

**Art. 37º** - O Conselho Fiscal é o órgão fiscalizador da FEBAQ, composto por 06 (seis) membros, sendo 03 (três) efetivos e 03 (três) suplentes.

**Art. 38º** - Compete ao Conselho Fiscal:

**I)** Examinar a documentação contábil, fiscal e de pessoal;

**II)** Apreciar a prestação de contas anual aprovando ou reprovando-a;

**III)** Convocar, em caso de omissão, o Diretor Financeiro para apresentar a prestação de contas anual;

**IV)** Propor a Diretoria a contratação de consultoria especializada para verificar a prestação de contas, quando houver necessidade.

### **CAPÍTULO IV DO PROCESSO ELEITORAL**

**Art. 45º** - A eleição para a Diretoria Executiva e Conselho Fiscal ocorrerá a cada 03 (três) anos, através de voto aberto, com a participação de todos os filiados em pleno gozo de seus direitos estatutários, regimentais e regulamentares, com direito a reeleição.

**Art. 46º** - A Assembleia Geral Eleitoral será convocada pela Comissão Eleitoral em até 30 (trinta) dias após sua eleição, através de Edital de Convocação enviado para o email dos filiados, bem como através de meios amplamente utilizados pelos filiados, contendo a indicação de pauta, data, horário e local de realização.

**Art. 47º** - A Comissão Eleitoral será formada por 03 (três) membros, sendo 01 (um) presidente, 01 (hum) membro e 01 (um) suplente, que não sejam candidatos, escolhidos em Assembleia Geral Extraordinária, convocada através de Edital, contendo a indicação da pauta, data, horário e local de realização, com antecedência de 60 (sessenta) dias do término do mandato da atual gestão.

**Art. 48º** - Compete a Comissão Eleitoral conduzir o processo eleitoral, de acordo com o estabelecido no estatuto e no regimento interno, garantindo as mesmas condições e oportunidades para todos os filiados que desejarem inscrever-se, dirimindo as dúvidas e resolvendo os casos omissos não previstos no estatuto, no regimento interno e regulamentos durante o processo eleitoral.

**Art. 49º** - São considerados aptos para votar e serem votados os fundadores e filiados na ativa que:

I) Estiverem em dia com suas obrigações estatutárias, regimentais e regulamentares;

II) Estiverem filiados há mais de 01 (um ano) da data estabelecida para as eleições.

III) Estiverem nos cargos da atual diretoria;

IV) Estiverem exercendo cargo de Presidentes nas Quadrilhas Juninas filiadas;

**Art. 50º** - Constitui condições para o provimento de cargos não estar incurso em nenhuma das penalidades previstas neste estatuto, no regimento interno e regulamentos, nem tampouco ter sido condenado ou estar respondendo a processo que o inabilite ao desempenho das atribuições inerentes à gestão de recursos.

**Parágrafo único** - Não poderão ser eleitos ou nomeados para cargos, incumbências ou funções, os condenados por crime dolosos em sentença definitiva, os inadimplentes na prestação de contas de recursos públicos, os inadimplentes nas anuidades, os

inadimplentes na prestação de contas da FEBAQ, os afastados de cargos eletivos e os falidos.

**Art. 51º** - As candidaturas aos cargos da Diretoria e Conselho deverão ser dirigidas à Comissão Eleitoral.

**Parágrafo único** – Somente serão deferidas pela Comissão Eleitoral as candidaturas que preencherem as condições de elegibilidade.

## **CAPÍTULO V DO REGIME ECONÔMICO-FINANCEIRO**

**Art. 52º** - A movimentação financeira da FEBAQ obedecerá ao orçamento elaborado e aprovado anualmente na forma deste Estatuto.

**Parágrafo Único** - O orçamento e o exercício econômico financeiro da FEBAQ coincidirão com o ano civil.

**Art. 53º** - São receitas da FEBAQ:

- I) Anuidades pagas pelos Filiados;
- II) Rendas eventuais, doações, subvenções e rendimentos de bens de capital;
- III) Contribuições provenientes de eventos;
- IV) Repasses provenientes de acordos, projetos, convênios, contratos e/ou intercâmbios com órgãos governamentais, com a iniciativa privada ou outras instituições nacionais ou internacionais.

**Art. 54º** - São despesas da FEBAQ:

- I) Os salários e gratificações dos empregados e trabalhadores autônomos, bem como encargos sociais correspondentes;
- II) Os impostos e taxas necessários à manutenção da FEBAQ;

**III)** A aquisição de material de expediente, de equipamentos e serviços necessários às atividades de ordem administrativa e operacional da FEBAQ e, ainda, despesas de aluguel, serviços de correios, energia, água e comunicação;

**IV)** Os gastos necessários à conservação dos bens móveis e imóveis da FEBAQ;

**V)** Os gastos com o deslocamento, estadia e alimentação dos membros da Diretoria e dos Conselhos da FEBAQ, funcionários e representantes legais, quando a serviço da entidade;

**VI)** Os gastos com a realização de reuniões, encontros, cursos, seminários, divulgação e eventos de interesse da FEBAQ;

**VII)** Reembolso aos que contraírem gastos a serviço da entidade.

**Art. 55º** - O patrimônio da FEBAQ é constituído de bens móveis e imóveis adquiridos ou recebidos em doações, legados, semoventes, contribuições de pessoas físicas e jurídicas, de direito público ou privado, nacionais ou internacionais, títulos ou doações que a mesma venha a possuir e que será registrado no nome da Entidade, e só poderá ser aplicado na execução de seus fins, nos termos do Estatuto Social e do Regimento Interno, não podendo os seus membros participar dele em hipótese alguma.

**Art. 56º** - As rendas, recursos e eventual resultado operacional, serão aplicados na manutenção e desenvolvimento dos objetivos institucionais da FEBAQ.

## **CAPÍTULO VI DA DISSOLUÇÃO**

**Art. 57º** - A entidade se extinguirá pela impossibilidade de manter-se, pela inexecutabilidade de seus fins, por lei ou por deliberação da Assembleia Geral Extraordinária, convocada especialmente para este fim, mediante voto favorável da maioria absoluta das entidades filiadas, com direito a voz e voto.

**Parágrafo único** - A mesma Assembleia poderá determinar a destinação dos bens e do patrimônio remanescente para outra entidade, sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública e registrada nos órgãos oficiais competentes, sem prejuízo da liquidação que não se aterá, no atendimento do passivo, a qualquer prévia destinação.

## **CAPÍTULO VII DAS DISPOSIÇÕES FINAIS**

**Art. 58º** - O Presente Estatuto Social poder sofrer alteração parcial ou geral por deliberação de Assembleia Geral Extraordinária, especialmente convocada para este fim, mediante votos de dois terços (2/3) dos Sócios Fundadores e Efetivos;

**Art. 59º** - Os casos omissos neste Estatuto, no Regimento Interno da Entidade e nos Regulamentos, se de caráter urgente e inadiável, deverão ser resolvidos pela Diretoria Executiva, com base nos Princípios Gerais do Direito.

**Art. 60º** - Fica eleito o foro da Comarca do domicílio sede da FEBAQ, para dirimir qualquer dúvida oriunda da aplicação do presente estatuto, o qual foi aprovado por unanimidade e entrará em vigor após o registro dos atos constitutivos no Cartório competente, revogando-se as disposições em contrário.



# ANEXO 2

## Divulgação no Diário Oficial Municipal do Resultado da eleição para o Conselho Municipal de Políticas Culturais de Salvador



SALVADOR - BAHIA  
TERÇA-FEIRA  
16 DE JUNHO DE 2015  
ANO XXVIII | Nº 6.360

23

### SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO - SECULT

Fundação Gregório de Mattos - FGM

#### RESULTADO DA APURAÇÃO DO PROCESSO ELEITORAL DO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DO SALVADOR

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, ÓRGÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR, e a Comissão Eleitoral Paritária do Conselho Municipal de Política Cultural (CMPC), nomeada pela Portaria Nº 026 de 11 de abril de 2014, no uso das atribuições que lhes são conferidas pelo DECRETO Nº 25.816 de 20 de janeiro de 2015, que aprova o Regulamento do Processo Eleitoral para membros representantes da Sociedade Civil no CMPC, Biênio 2015/2016, resolve:

I. Tornar público o resultado da apuração do processo eleitoral do CMPC, relacionando abaixo os candidatos/as eleitos/as e respectivos suplentes, em conformidade com as disposições do Regulamento do Processo Eleitoral, informando também a votação obtida por cada candidato/a, bem como quantitativo de votos válidos, nulos e abstenções.

II - Convocar os/as candidatos/as ADRIANA SANTOS SILVA (ADRILADY), SANDRA DE CÁSSIA SILVA DOS ANJOS (SANDRA DE CÁSSIA), EMANUEL OLIVEIRA COSTA (EMANUEL COSTA), THIAGO DE JESUS OLIVEIRA (THIAGO DIAMANTES), EVANDRO JORGE DO ESPÍRITO SANTO (ESPÍRITO SANTO), THIAGO OLIVEIRA NASCIMENTO (THIAGO GATO PRETO), CICERO JORGE ARAUJO MELO (CICERO MELO), GLEIDSON ALMEIDA VIEIRA (GLEIDSON VIEIRA), em situação de empate, para no prazo de 5 (cinco) dias a partir desta data enviarem por meio do endereço eletrônico eletronicompc@salvador.ba.gov.br cópias digitalizadas dos documentos referidos no Art. 22 Parágrafo Único, Alínea b do Regulamento do Processo Eleitoral, como segue:  
"Comprovar maior quantitativo de participações em Conferências Municipais de Cultura, através de certificados de participação e/ou listas oficiais de presença"

SEMENTOS E TERRITÓRIOS	CANDIDATOS/AS	VOTOS OBTIDOS	CLASSIFICAÇÃO
ARTES VISUAIS	JOSÉ HERNANI SANTOS (ZEZÉ OLIXEMÍ)	4	CONSELHEIRO ELEITO
AUDIOVISUAL	CANDIDALUZ LIBERATO DA TRINDADE (CANDIDALUZ LIBERATO)	7	CONSELHEIRA ELEITA
AUDIOVISUAL	JULIO CESAR ALVES MACIEL (LULIO RAVECK)	1	SUPLENTE
CULTURAS IDENTITARIAS E INCLUSIVAS	ADRIANA SANTOS SILVA (ADRILADY)	1	DEFINIÇÃO DA SUPLENÇA SUJEITA AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
CULTURAS IDENTITARIAS E INCLUSIVAS	SANDRA DE CÁSSIA SILVA DOS ANJOS (SANDRA DE CÁSSIA)	1	DEFINIÇÃO DA SUPLENÇA SUJEITA AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
CULTURAS IDENTITARIAS E INCLUSIVAS	WALDENILTON FERREIRA MOTA (DANLO MOURA)	143	CONSELHEIRO ELEITO
CIRCO	DEMAN MOREIRA REIS (DEMAN REIS)	0	NÃO OBTVE VOTO
CIRCO	VIVIANE ABREU PEDREIRA DE OLIVEIRA (VIVIANE ABREU)	2	CONSELHEIRA ELEITA
CULTURA POPULAR	EDIVALDO SANTOS COSTA (EDIVALDO COSTA)	1	3º COLOCADO
CULTURA POPULAR	LINDINALVA NILA REBOUCAS FREITAS (LINDINALVA)	132	CONSELHEIRA ELEITA
CULTURA POPULAR	SALVIANO JOSÉ DE ALMEIDA FILHO (SALVIANO FILHO)	7	SUPLENTE
DANÇA	EMANUEL OLIVEIRA COSTA (EMANUEL COSTA)	1	DEFINIÇÃO DA SUPLENÇA SUJEITA AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
DANÇA	SOIANE DÔMES PAULA (SOIANE DÔME)	8	CONSELHEIRA ELEITA
DANÇA	THIAGO DE JESUS OLIVEIRA (THIAGO DIAMANTE)	1	DEFINIÇÃO DA SUPLENÇA SUJEITA AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
LITERATURA	EVANDRO JORGE DO ESPÍRITO SANTO(ESPÍRITO SANTO)	1	DEFINIÇÃO DA VAGA DE CONSELHEIRO E SUPLENÇA SUJEITAS AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
LITERATURA	LUCIA TAVARES LEIRO (LUCIA LEIRO)	0	NÃO OBTVE VOTO
LITERATURA	THIAGO OLIVEIRA NASCIMENTO (THIAGO GATO PRETO)	1	DEFINIÇÃO DA VAGA DE CONSELHEIRO E SUPLENÇA SUJEITAS AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
MÚSICA	ANDERSON BATISTA DE SOUZA (JOTA ANDERSON)	4	4º COLOCADO

SEMENTOS E TERRITÓRIOS	CANDIDATOS/AS	VOTOS OBTIDOS	CLASSIFICAÇÃO
MÚSICA	BRUNO SANTOS MEIRELES(BRUNO SUSPITO)	3	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
MÚSICA	CARLOS JOSÉ DERALDO NASCIMENTO (CARLHUNDS NASCIMENTO)	1	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
MÚSICA	DIEGO APRES DE SOUZA (DIEGO APRES)	0	NÃO OBTVE VOTO
MÚSICA	HUMBERTO CESAR MAIA COSTA (HUMBERTO TÊDÃO)	1	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
MÚSICA	IVAM DA SILVA ALMEIDA (BUSTA MAVI)	14	SUPLENTE
MÚSICA	JOSE HAMILTON VICENTE DE OLIVEIRA (HAMILTON OLIVEIRA)	1	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
MÚSICA	NILSON SANTANA DE MELO(KILKISON)	23	CONSELHEIRO ELEITO
MÚSICA	LALTON SANTOS COSTA (BOGHAN GABOTTI)	12	3º COLOCADO
MÚSICA	NINO REZENDE DE OLIVEIRA (NINOVISK OLIVERI)	3	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
MÚSICA	OSVALDO GUMARÃES DA SILVA (LÓDIO MALL)	1	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
PATRIMÔNIO MATERIAL E MATERIAL	JOSE CLAUDIO DE CARVALHO RODRIGUES (CLAUDIO RODRIGUES)	1	3º COLOCADO
PATRIMÔNIO MATERIAL E MATERIAL	MARIA PAULA FERNANDES ADINOLFI (MARIA PAULA)	18	SUPLENTE
PATRIMÔNIO MATERIAL E MATERIAL	RITA MARIA VENTURA DOS SANTOS (RITA)	117	CONSELHEIRA ELEITA
TEATRO	ALADOR LOPES MENEZES FILHO (ALADOR LOPES)	1	3º COLOCADO
TEATRO	CELSO DE ARAUJO OLIVEIRA JUNIOR (CELSO JR)	7	CONSELHEIRO ELEITO
TEATRO	FÁBIO MARCELO SANTOS SILVA (FABIO MARCELO)	2	SUPLENTE
TERRITÓRIO BARRA/PITUBA E (ITAPORAN) (PITANGA)	ANGELICE BATISTA DOS SANTOS (ANGELICE)	129	CONSELHEIRA ELEITA
TERRITÓRIO BARRA/PITUBA E (ITAPORAN) (PITANGA)	MARIA DO SOCORRO NASCIMENTO DE SOUZA PALMA BATISTA (MARIAS DAVID DAVID)	2	3º COLOCADA
TERRITÓRIO BARRA/PITUBA E (ITAPORAN) (PITANGA)	SERGIO SOBRERA ARAUJO (SERGIO SOBRERA)	8	SUPLENTE
TERRITÓRIO CIDADE BAIXA E ILHAS	FABRICIO CUMMING DE ALMEIDA	15	SUPLENTE
TERRITÓRIO CIDADE BAIXA E ILHAS	NOELIA PIRES DA SILVA	129	CONSELHEIRA ELEITA
TERRITÓRIO CIDADE BAIXA E ILHAS	SANDRO ALEX DOS S. SILVA (DJ SANDRO)	3	3º COLOCADO
TERRITÓRIO CABULA/ TANCREDO NEVES E PAU DA LAMA	EDVALDO DE JESUS BARRETO (EDD BALLA)	2	CONSELHEIRO ELEITO
TERRITÓRIO LIBERDADE/ SÃO CAETANO E CENTRO/ BROTAIS	CICERO JORGE ARAUJO MELO (CICERO MELO)	10	DEFINIÇÃO DA SUPLENÇA SUJEITA AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
TERRITÓRIO LIBERDADE/ SÃO CAETANO E CENTRO/ BROTAIS	GLEIDSON ALMEIDA VIEIRA (GLEIDSON VIEIRA)	10	DEFINIÇÃO DA SUPLENÇA SUJEITA AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
TERRITÓRIO LIBERDADE/ SÃO CAETANO E CENTRO/ BROTAIS	MARCO ANTONIO PINHO SANTOS (MARCO SITAEL)	4	4º COLOCADO
TERRITÓRIO LIBERDADE/ SÃO CAETANO E CENTRO/ BROTAIS	LUÍRICA POLICARPO (BIRA NEGRO DE FE)	2	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
TERRITÓRIO LIBERDADE/ SÃO CAETANO E CENTRO/ BROTAIS	JADSON SANTOS DO NASCIMENTO (JAU NASCIMENTO)	7	CONSELHEIRO ELEITO

**QUADRO RESUMO**

ELEITORES/AS HABILITADOS/AS	827
ABSTENÇÕES	287
ELEITORES/AS VOTANTES	540
VOTOS COMPUTADOS	979
VOTOS VÁLIDOS	975
VOTOS NULOS	4

**CALENDRÁRIO ELEITORAL ATUALIZADO**

PRAZO PARA OS/AS CANDIDATOS/AS EM SITUAÇÃO DE EMPATE ENVIAR OS DOCUMENTOS REFERIDOS NO ART. 2º, PARÁGRAFO ÚNICO, ALÍNEA B DO REGULAMENTO DO PROCESSO ELEITORAL.	ATE 23/06/2015
PRAZO PARA A COMISSÃO ELEITORAL PARITÁRIA AVALIAR A DOCUMENTAÇÃO E DEFINIR OS DESEMPATES.	ATE 30/06/2015
<b>DIVULGAÇÃO DO RESULTADO FINAL DA ELEIÇÃO</b>	<b>ATE 01/07/2015</b>
<b>NOMEAÇÃO E POSSE DOS CONSELHEIROS/AS ELEITOS/AS</b>	<b>ATE 01/08/2015</b>

Salvador, 15 de junho de 2015.

**FERNANDO FERREIRA DE CARVALHO**  
Presidente

**SECRETARIA MUNICIPAL DE MOBILIDADE - SEMOB**

Superintendência do Trânsito do Salvador - TRANSALVADOR

**CHAMAMENTO PÚBLICO Nº 213/2015**

**CREDECIMENTO PARA PATROCINADORES DE  
EVENTOS DE EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO**

**1. PREÂMBULO**

1.1 A Superintendência de Trânsito e Transportes - TRANSALVADOR, inscrita no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica/CNPJ sob o nº 10.603.491/0001-19, com sede na Av. Vale dos Barris nº 501 - Centro, Cep. 40.070-055, torna público para conhecimento dos interessados, que realizará **CREDECIMENTO PARA PATROCINADORES DE EVENTO DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO**.

**2. DO OBJETO**

2.1. O presente Chamamento tem por objeto o credenciamento de empresas para **PATROCÍNIO DO Concurso para Premiação de Projetos de Engenharia de Tráfego**, com alunos de Graduação das Faculdades Públicas e Privadas, devidamente matriculados e cursando a partir do 3º semestre nas áreas de Engenharia, Urbanismo e Tecnólogos de Gestão de Trânsito e Transportes.

2.2. O período de credenciamento para participação no processo de Chamamento Público, será de 15 a 22 de junho de 2015.

2.3. O concurso a que se refere o item 2.1, será realizado, nos termos do artigo 22, inciso IV, da Lei 8.666 de 21 de junho de 1993 e nas condições estabelecidas no Edital.

2.4. O edital do concurso será publicado no Diário Oficial do Município e no site da TRANSALVADOR posteriormente, contudo todas as dúvidas poderão ser esclarecidas pelo telefone (71) 3202-9063/9139 e ainda, na Gerência de Educação para o Trânsito da TRANSALVADOR no endereço indicado no Preâmbulo, das 08:00 às 16:00 horas.

**3. DO CREDENCIAMENTO**

3.1. O **CREDECIMENTO PARA PATROCINADORES DE EVENTO DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO** será coordenado pela Diretoria de Trânsito, através de sua Gerência de Educação para o Trânsito - **GEDUT** da TRANSALVADOR. Serão credenciadas todas as empresas interessadas que atendam aos

requisitos deste chamamento.

**4. DA PARTICIPAÇÃO**

4.1. Poderão participar do certame empresas que apresentem regularidade fiscal na forma indicado no item 4.3.

4.2. As empresas interessadas poderão inscrever-se para Credenciamento no prazo máximo de 06 dias consecutivos, a partir do primeiro dia útil subsequente ao da publicação no Diário Oficial do Município - DOM, através da apresentação de carta de intenção, na qual deverão ser indicados os dados da empresa interessada (razão social/nome, endereço, CEP, telefone, email, etc.).

4.3. A carta de intenção do interessado deverá vir acompanhada dos seguintes documento:

- a) Prova de inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica - CNPJ.
- b) Prova de regularidade para com a Fazenda Federal constituída de Certidão Conjunta Negativa de Débitos, relativos a Tributos Federais e a Dívida Alívia da União.
- c) Prova de regularidade para com as Fazendas Estadual e Municipal do domicílio ou sede da Licitante ou outra equivalente na forma da Lei.
- d) Prova de regularidade relativa à Seguridade Social (INSS).
- e) Prova de regularidade com o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), mediante a apresentação de Certidão de Regularidade de Situação/CRF.
- f) Certidão Negativa de Débitos Trabalhistas/CNDT, expedida pela Justiça do Trabalho.

4.4. Não poderão participar deste chamamento as empresas que tenham sido declaradas inidôneas por órgão da Administração Pública, Direta ou Indireta, Federal, Estadual, Municipal ou do Distrito Federal, por meio de ato publicado no Diário Oficial da União, do Estado ou do Município.

**5. DO PATROCÍNIO**

5.1. Como forma de patrocínio, as empresas participantes fornecerão prêmios a serem entregues aos alunos vencedores do Concurso e arcará com despesas decorrentes da organização e realização do citado evento.

**5.2. Os prêmios a serem fornecidos são:**

- a) 1º lugar: 01 (um) notebook Intel Core i5 Mem 8GB, HD 1TB, LED HD 15.6", DVD-RW, USB 3.0 com placa de vídeo 2GB.
- b) 2º lugar: 01 (um) notebook Intel Core i3, Mem 4GB, HD 1 TB, LED 14", DVD-RW, USB 3.0.
- c) 3º lugar: 01 (um) notebook, Intel Core i3, Mem 4GB, HD 1TB, LED 14".

5.3. As empresas poderão participar fornecendo todos os prêmios ou apenas um dos indicados no item 5.2.

**6. DA CONTRAPARTIDA**

6.1. Como contrapartida as empresas patrocinadoras terão o nome divulgado em todas as peças publicitárias do evento.

Cidade do Salvador, 10 de junho de 2015.

**FABRIZIO MULLER MARTINEZ**  
Superintendente Executivo

**DIVERSOS - PUBLICAÇÃO FEITA NOS TERMOS DA LEI Nº 3.675/86**

**EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA**

O SINDSEPS - Sindicato dos Servidores da Prefeitura do Salvador, no uso de suas atribuições, em Assembleia realizada no dia 15/06/2015, depois da explanação do advogado do SINDSEPS, Doutor Danilo Ribeiro, sob o processo de greve em estágio probatório das ameaças do corte de ponto e do assédio moral que vem sendo praticado pela Gestão Municipal e explanação do coordenador Geral Everaldo Braga com estão as negociações com a prefeitura e diante do fato de não haver avanços, decidiram por manter a greve e aprovaram uma nova Assembleia Geral da categoria para o dia 17/06/2015 (Quarta-feira), às 08h00min, na Praça em frente ao Shopping da Bahia - Antigo Iguatemi, nesta capital, para deliberar sobre os seguintes pontos de pauta:

- 1. Campanha Salarial 2015;
- 2. Manutenção ou suspensão da Greve Geral;
- 3. O que ocorrer.

Salvador, 15 de junho de 2015.

**EVERALDO ALVES DE OLIVEIRA BRAGA**  
Coordenador Geral

### ANEXO 3

#### CARTA DE PROPOSIÇÕES 1º FÓRUM

Essa carta nasce da construção coletiva das quadrilheiras e dos quadrilheiros do Estado da Bahia que estiveram presentes no 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, ocorrido nos dias 08, 09 e 10 de agosto de 2019, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia e, de forma horizontal, puderam falar de suas memórias, suas experiências, seus anseios, suas angústias e suas idéias para a manutenção e salvaguarda dos grupos de Quadrilhas Juninas da Bahia que os mesmos representavam.

As proposições foram colhidas através da realização de seis mesas temáticas com Mestres, coreógrafos, gestores públicos de Cultura, músicos/compositores, figurinistas e marcadores de Quadrilhas, atuantes há cerca de 40 anos neste segmento. Nesse sentido, essa construção reafirmou a importância histórica, cultural, artística, educativa, econômica, social que são as Quadrilhas Juninas no estado da Bahia e uma avaliação sistemática das ações políticas para os determinados grupos culturais.

O processo agravante que as quadrilhas juninas tem sofrido com o desaparecimento de inúmeras, pelas políticas econômicas provenientes do capitalismo que ao criarem uma poderosa "máquina da Indústria dos Mega

Shows" a exemplo dos Sertanejos e Axés, como vimos acompanhando, inclusive, transformando um calendário que é instituído culturalmente, sendo o mês de junho e julho em que existem as "Festas Juninas", os grupos tradicionais como os de forró, quadrilhas, samba-juninos e outros, tiveram seu espaço significativamente reduzidos.

As Quadrilhas têm ficado numa condição de abandono e desvalorização na medida em que, os instrumentos que a referida "Máquina da indústria dos Mega Shows" recebem apoios tanto de estrutura física, de equipamentos, logística, contratos com pagamentos de grandes cachês para artistas, por secretarias de cultura, prefeituras, estado, e o mesmo investimento não se dá para a montagem e realização das apresentações das Quadrilhas Juninas.

Na década de 1980 chegamos a ter cerca de 140 grupos juninos em Salvador e região metropolitana, contabilizados a partir de importantes concursos televisivos para este segmento, onde os grupos eram divididos em séries, com várias eliminatórias, semifinais e final, devido a grande concorrência. Com o avanço da espetacularização, em consequência do capitalismo exacerbado, e a falta de incentivo e fomento dos órgãos gestores de cultura, municipal e estadual, os grupos foram drasticamente reduzidos. Neste ano de 2019 o município de Salvador contou apenas com 03 grupos de quadrilha adulta, situados nos bairros do Cabula,

Liberdade e Subúrbio Ferroviário, e 02 quadrilhas infantis, oriundos da Massaranduba e Liberdade.

A manutenção de suas atividades se dão através do pagamento de carnês dos seus participantes, do cachê de algumas apresentações em festas privadas, através de rifas, bingos, feijoadas e eventos para esta finalidade. Os grupos juninos se vêem hoje asfixiados em suas próprias dívidas, devido à dispendiosas montagens anuais de grandes espetáculos musicais, na tentativa de manter esta tradicional manifestação popular, ao mesmo tempo que colabora com a educação e a integração social de jovens em suas comunidades.

É importante ressaltar a necessidade das pesquisas acadêmicas na universidade pública para garantir o levantamento de dados, das problemáticas, dos registros da memória e história e contribuição sociocultural das mesmas, enquanto valor e patrimônio cultural e portanto, requer para esses estudos financiamento para realização de projetos e programas que as contemplem.

Dessa maneira, seguem algumas propostas de ações e construção tiradas nas plenárias e mesas do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas:

✓ Realização de um MAPEAMENTO dos grupos juninos em todos os territórios de identidade da Bahia, para levantar dados qualitativos e quantitativos, como a procedência, o tempo de atuação, os sujeitos

participantes, as faixas etárias e os impactos sociais, com o objetivo de embasar a construção de políticas públicas específicas para o segmento de quadrilhas juninas;

✓ Que as secretarias de Educação, Cultura, Justiça e Direitos Humanos, Segurança Pública, Promoção da Igualdade Racial e outras, dispensem recursos para conjuntamente e, de forma intersetorial, SUBVENCIONEM ÀS QUADRILHAS JUNINAS, a exemplo dos estados do Ceará e Pernambuco, uma vez que estas exercem um trabalho de formação educativa e cultural às crianças e jovens que residem em bairros que sofrem com índices de violências e vulnerabilidade social;

✓ Apoio imediato e irrestrito às QUADRILHAS MIRINS da cidade do Salvador e do interior da Bahia, com o objetivo de possibilitar a renovação e continuidade da cultura junina, bem como promover processos de ensino-aprendizagem, formação e inserção cultural de crianças e jovens em idade escolar;

✓ Garantia de EDITAIS ESPECÍFICOS, ou outra forma de investimento público, para que os grupos culturais de quadrilhas juninas possam produzir seus equipamentos de memória como gravação de filmes, CD's, fotografias, sites e etc.;

✓ Criação de PROJETO DE LEI que garanta a permanência dos grupos culturais de quadrilhas juninas na cidade do Salvador e municípios da Bahia;

✓ Financiamento e assessoria para a CRIAÇÃO DE ESCOLAS DE FORMAÇÃO cultural, onde os mestras e mestres de quadrilhas juninas, e outros profissionais de arte, ofereçam formação continuada nos campos das artes visuais, dança, música, fotografia, cenário, tecnologia digital e outros, para qualificar tanto o referido público, que constituem os praticantes dessas manifestações, como da população que busca tal aprendizado;

✓ A construção de um CALENDÁRIO DE ATIVIDADES que possibilite a manutenção efetiva dos grupos de quadrilhas juninas no Estado, colaborando nas atividades socioculturais dos grupos, como ensaios de teatro, dança e música, montagem de cenários, produção de figurinos, o que geralmente ocorre durante todo o ano;

✓ Realização de ARRAIÁS, FESTIVAIS, ciclo de apresentação das Quadrilhas em todos os bairros de Salvador e do Interior da Bahia, como iniciativa de manutenção anual dos festejos juninos e seus grupos culturais, a circulação delas em todos os bairros, uma vez que existe um público significativo que aprecia e sempre está presente quando essas se apresentam. Com

tal iniciativa, TODOS os bairros são favorecidos com a circulação de economia dos pequenos, grandes empresários e trabalhadores informais das mesmas comunidades, uma vez que direta e indiretamente o público se desloca, consome, comprando produtos relacionados;

✓ Cobrar para que o Estado, e seus órgãos de preservação de patrimônio, colaborem com o PEDIDO DE SALVAGUARDA e registro das quadrilhas juninas, como bem imaterial, a fim de serem contempladas com iniciativas e programas de políticas públicas;

✓ Criação de um MUSEU específico às quadrilhas juninas para visitação pública, em que se reúna o acervo de figurinos, adereços, músicas, indumentárias, cenários, fotografias, matérias de jornal, etc., tal como vimos iniciativas bem sucedidas como A Casa do Frevo e o Museu do Sertão, ambos em Recife, O Museu da Gente Sergipana em Aracaju, entre outros em várias localidades do Nordeste. Para tal iniciativa, o Estado deve dispensar investimento e convocar parcerias com outros órgãos públicos e privados para tal fim, dada a importância de uma instituição como esta;

✓ Requerer do Estado e municípios a DOAÇÃO DE TERRENOS, SÍTIOS, PRÉDIOS, nos bairros e comunidades em que se situam as quadrilhas juninas, para que estas possam erguer suas sedes e barracão, para



garantir permanentemente, ensaios, ateliês de produção, criação, ensino, formação e etc.

Diante dessas propostas e ações as quadrilheiras e quadrilheiros do Estado da Bahia resolveram criar o Fórum Permanente De Quadrilhas Juninas, com o objetivo de propor, criar e negociar a construção de políticas públicas para a revitalização do movimento junino, bem como colaborar na construção da autonomia dos grupos culturais de Quadrilha Junina e dar suporte ao Estado no processo de salvaguarda e memória desta manifestação cultural.

Salvador, 10 de agosto de 2019.

O Projeto “Memórias, Danças e Transformações das Quadrilhas Juninas de Salvador” apresenta o Ebook: “Arromba Chão que anima o salão, Quadrilha de São João” decorrente da dissertação de mestrado, da dançarina, Soiane Gomes, que foi desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O estudo revela as narrativas das memórias dos quadrilheiros juninos que compõem as quadrilhas juninas soteropolitanas. Apresenta mapeamento de grupos de Quadrilhas Juninas da Região Metropolitana de Salvador e o histórico de concursos locais, regionais e nacionais, como importantes espaços de transformações.

Este ebook tem o prefácio escrito pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Amélia Conrado, orientadora da pesquisa e professora titular da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia - UFBA, e apresentação escrito pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Chianca, membro da banca examinadora da pesquisa e professora titular da Faculdade de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia, através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon, categoria Memória, (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.